

MARCELO DA SILVA

**A GEOGRAFIA DO CAPITAL EM FRAIBURGO-SC:
DA ARAUCÁRIA À PRODUÇÃO DE GRÃOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Napoleão

**FLORIANÓPOLIS (SC)
2017**

S586g

Silva, Marcelo da

A Geografia do Capital em Fraiburgo-sc: Da Araucária à Produção de Grãos / Marcelo da Silva. - 2017.

153 p. il ; 29 cm

Orientador: Fábio Napoleão

Bibliografia: p. 147-153

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2017.

1. Geografia Econômica. 2. Maça - Fraiburgo. I. Napoleão, Fábio. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. IV. Título.

CDD: 910.133 - 20. Ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

MARCELO DA SILVA

**A GEOGRAFIA DO CAPITAL EM FRAIBURGO-SC:
DA ARAUCÁRIA À PRODUÇÃO DE GRÃOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Banca Examinadora

Orientador: _____

**Prof. Dr. Fábio Napoleão
Universidade do Estado de Santa Catarina**

Membro: _____

**Prof^a.Dr^a. Isa de Oliveira Rocha
Universidade do Estado de Santa Catarina**

Membro: _____

**Prof. Dr. José Messias Bastos
Universidade Federal de Santa Catarina**

“A tecnologia desvela a atitude ativa do homem em relação à natureza, o processo imediato de produção de sua vida e, com isso também de suas condições sociais de vida e das concepções espirituais que delas decorrem.”

Karl Marx

Aos meus pais e meus filhos, a quem
procuro todos os dias orgulhar com
meus atos, projetos e realizações!

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos atos mais nobres dos seres humanos. Reconhecer quem te ajudou em sua caminhada é uma grande demonstração de carinho e humildade. Em nossas vidas fizemos planos, definimos metas e procuramos nos organizar para conquistá-las. Para poder ter sucesso em nossos objetivos abdicamos de momentos de lazer com nossos familiares para buscar a evolução e atingir nossas metas. Primeiramente gostaria de agradecer a meus pais, Luiz e Lúcia, exemplos de luta e conquistas. A meus filhos pela compreensão da ausência em alguns momentos e por me motivarem a concluir esta etapa. A meus alunos do Instituto Federal Catarinense-Fraiburgo, que sempre me estimularam a dar aulas com qualidade e amor. A meu orientador, que mesmo com suas muitas atribuições, esteve me apoiando e guiando neste projeto, se tornando um grande amigo, professor Dr. Fábio Napoleão, a quem atrevi a dar conselhos sobre prioridades da vida, mas que muito me ensinou, principalmente que pode haver amizade entre professor e aluno, algo que sempre duvidava. Aos meus professores de Geografia Econômica em minha vida acadêmica, tanto na graduação UFSC como no Mestrado na UDESC, Dra. Isa de Oliveira Rocha, Dr. Carlos Espindola e Dr. José Messias Bastos. A um grande professor e estudioso da geografia, Lucas dos Santos Ferreira, que muito admiro e em muitas conversas me ajudou a evoluir na Geografia Econômica. Ao Instituto Federal Catarinense, instituição que tenho muito orgulho em lecionar, agradeço a meus diretores, Fábio Pinheiro e Tiago Gonçalves, por todo auxílio em possibilitar minha dispensa quando necessário para cumprir minha obrigação no mestrado. E por último à Universidade do Estado de Santa Catarina, que promove ensino, pesquisa e extensão de qualidade e gratuito. Registro aqui meu comprometimento com todos vocês que me ajudaram nessa conquista a honrar minha profissão, a auxiliar muitos alunos, sem medir esforços na busca de seus sonhos, e na qualidade de professor de Geografia Econômica, abrir os olhos da população através de aulas e palestras que exponham o processo de acumulação e territorialização do capital, o papel das classes dominantes, enfim, lutar por tornar nosso país menos desigual. Obrigado a todos!

DA SILVA, Marcelo. A Geografia do Capital em Fraiburgo-SC: da araucária à produção de grãos. Dissertação (Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

RESUMO

Fraiburgo é conhecida nacionalmente como a Terra da Maçã, mesmo atualmente não sendo a maior produtora da fruta no país. Mas Fraiburgo deve ser conhecida igualmente pela economia voltada à cadeia produtiva da madeira e a produção de grãos. Assim, devemos compreender Fraiburgo no tempo através da convergência de elementos físicos, humanos e biológicos, cuja evolução sócio-espacial expõe as seguintes combinações geográficas (A. Cholley): Primeiramente a extrativista, com a retirada das araucárias, posteriormente a de frutas de clima temperado, com destaque para a maçã. Paralelamente ocorreu o segundo ciclo madeireiro, o do pinus, através dos incentivos da lei do reflorestamento com isenção fiscal. Até chegar a produção de grãos, na atualidade. O objetivo precípua do estudo é avaliar como se deu a acumulação de capital e seus reflexos de ordem econômico-social, analisando cada combinação geográfica e a influencia dos grandes grupos econômicos da região. Para tanto, no campo teórico articulou-se a noção de combinações geográficas a categoria de Formação Sócio-Espacial (M. Santos; A. Mamigonian). Em termos metodológicos, a pesquisa utiliza-se de métodos mistos. Uma primeira etapa de natureza exploratória, através do levantamento de dados e análise da paisagem. Uma segunda fase através da análise de dados quantitativos, facilitadora da compreensão da evolução de cada combinação, bem como de seus impactos no desenvolvimento regional. E uma terceira fase, com o uso do método qualitativo, confrontando dados para desvendar o atual estágio da combinação macieira e o possível surgimento da combinação de grãos. Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, objetivando dar mais clareza ao processo de acumulação de capital. Buscou-se estudar o papel dos principais grupos econômicos e para contrabalancear, dos trabalhadores sazonais, caboclos, filhos dos primeiros empregados desses grandes grupos. Restou evidenciado que os grandes grupos, em destaque a família Frey, se beneficiaram de acordos políticos e leis de incentivos para acumular capital, resultando na adoção de um modelo de produção concentrador, cujo controle da economia regional se restringe a poucas famílias. Atualmente devido ao referido modelo à combinação macieira atravessa uma crise, que impõe a sobreposição de uma nova combinação geográfica, a de grãos, soja e milho.

Palavras chave- Fraiburgo. Combinações Geográficas. Geografia do Capital.

ABSTRACT

The city of Fraiburgo is nationally known as the Apple Land, although it is not the main producer of the fruit nowadays. In order to achieve this geographic combination, Fraiburgo organized itself in terms of society and space, influenced by other geographic combinations. Firstly the araucaria tree extractivism, lately with the production of temperate weather fruits, with highlight to the apple. Simultaneously the city had a second timber sector cycle, in which the pinus tree was the main product. This cycle had tax free incentives from the reforestation law. This study main objective is to evaluate how the accumulation of capital occurred in the city and how did the city organized its spaces and its society. So an analysis of the geographic combination and the influence of great economic groups in the region is made. The theoretical background of this research uses the concept of geographical combinations to explain the arising of the quest for capital and the urban modifications that happened in each geographical combination. This research uses mixed methodology, in which historical and socioeconomic data were collected. The first part of the research has an exploratory nature, through data collection and landscape analysis. The second phase searches, through quantitative data, to prove the evolution and the end of each geographical combination and its impacts on the regional development. The third phase of the research uses the qualitative method once again to compare data, producing a diagnostic on the issue of how the apple combination is nowadays and the possibility of the arising of a grain combination and its impacts on the regional development. Besides the bibliographical review, semi-structured interviews were carried out in order to better understand the process of accumulation of capital. For that, the main economical players were researched and, as a counterbalance, seasonal workers, caboclos and sons of the first employees of these major players. It was evidenced by this study that the great groups, in particular the Frey family, benefited from political agreements and laws of incentive to accumulate capital. They promoted development and underdevelopment by adopting a concentrated mean of production. Nowadays, due to this model, the apple combination is going through a crisis, in which can result in the end of this combination with the arising of a grain (soybean and corn) combination.

Keywords: Fraiburgo, geographical combinations, geography of Capital.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1:	Localização de Fraiburgo-SC.....	40
Mapa 2:	Vegetação de Santa Catarina.....	41
Mapa 3:	Mapa da Localização da Colônia Marechal Hindemburgo.....	42
Mapa 4:	Mapa da concessão de Terras as famílias Bornhausen e Ramos.....	48
Mapa 5:	Mapa da produção da Maçã em Santa Catarina.....	99
Mapa 6:	Mapa do Trajeto da ferrovia RS-SP.....	105
Mapa 7:	Mapa dos bairros na atualidade de Fraiburgo.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Comparativo da área/produtores/produção/produção Hectare – década 70...	84
Tabela 2:	Comparativo da área/produtores/produção/produção Hectare - década 80....	86
Tabela 3:	Produção da maçã em Fraiburgo em 1988.....	88
Tabela 4:	População de Fraiburgo – Censo IBGE 1980 -1991.....	89
Tabela 5:	Produção da Maçã em Fraiburgo- 2000.....	93
Tabela 6:	Produção da Maçã em Fraiburgo- 2005 a 2014.....	94
Tabela 7:	Comparativo da produção de maçã – ABPM x EPAGRI.....	95
Tabela 8:	Área destinada à produção x quantidade produzidas (maçã).....	101
Tabela 9:	Culturas permanentes em Fraiburgo.....	101
Tabela 10:	Culturas temporárias em Fraiburgo.....	102
Tabela 11:	Evolução da renda per capita em Fraiburgo-SC.....	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Colonizadores preparando a plantação em Marechal Hindemburgo.....	43
Figura 2:	Cronologia temporal da colonização até a chegada dos Frey.....	46
Figura 3:	Posto de vendas de produtos suínos dos Frey e Kellermann em Perdizes.....	54
Figura 4:	Serraria na localidade de Anta Gorda- Videira-SC, em 1935.....	56
Figura 5:	Festa de inauguração da serraria em Butiá Verde em 1939.....	58
Figura 6:	Transporte da Caldeira de Perdizes a Butiá Verde – 1941.....	59
Figura 7:	Primeira residência da família Frey em Fraiburgo-SC.....	59
Figura 8:	Cronologia temporal da consolidação da colônia ao fim da combinação extrativista.....	61
Figura 9:	Abertura das primeiras Estradas entre Perdizes e Butiá Verde.....	62
Figura 10:	Construção do primeiro alojamento pelos Frey.....	62
Figura 11:	Moeda criada pelos irmãos Frey, denominada Cachê.....	64
Figura 12:	Empregados em Rio das Pedras, levando maquinário.....	65
Figura 13:	Caminhões da empresa transportando as toras, ao fundo as casas dos operários.....	66
Figura 14:	Cronologia temporal Transição das combinações geográficas- extrativista e macieira.....	71
Figura 15:	Visita técnica francesa a Fraiburgo.....	78
Figura 16:	Preparação das terras para o plantio pela equipe de Roger Biau.....	80
Figura 17:	Sócios da SAFRA comemorando o desenvolvimento das espécies.....	81
Figura 18:	Cronologia temporal Da consolidação da combinação macieira a crise no setor.....	84
Figura 19:	Cotação do dólar década de 1980.....	87
Figura 20:	Divisão do percentual das ações da Pomifrutas.....	98
Figura 21:	Substituição dos pomares por milho em Fraiburgo-SC.....	103
Figura 22:	Construção da ferrovia SP-RS, no vale do rio do peixe, meio oeste de SC...	111
Figura 23:	Primeiras casas dos operários em torno da serraria dos Frey, 1939.....	129
Figura 24:	Abertura do caminho de Videira a Fraiburgo.....	130
Figura 25:	Comercial Marly – Década de 50.....	131
Figura 26:	Foto aérea de Fraiburgo – 1957.....	132
Figura 27:	Autoridades com vereadores de Videira e Curitiba solicitando a emancipação.....	133
Figura 28:	Planta do projeto urbanístico de Fraiburgo – 1960.....	134
Figura 29:	Área verde criada no primeiro plano diretor de Fraiburgo.....	135
Figura 30:	Área invadida no bairro São Miguel – 20/10/2016.....	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Produção/Hectare da maçã em Fraiburgo-SC.....	90
Gráfico 2:	Produção da Maçã em Fraiburgo-SC.....	90
Gráfico 3:	Produção em toneladas de Maçã em Fraiburgo.....	92
Gráfico 4:	Área destinada a produção grãos e maçã.....	100
Gráfico 5:	Trabalhadores Sazonais em Fraiburgo-SC na Safra 2015-2016.....	128

LISTA DE ABREVIACOES

ABPM - Associação Brasileira dos Produtores de Maa
ACARESC - Associação de Crédito Rural e Assistência Técnica de Santa Catarina
AGROPEL - Agroindustrial Perazzoli
APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BRF - Brasil Foods
BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento
BRDE - Banco Regional de Desenvolvimento Econmico
BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
COHAB - Companhia de Habitação
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMPASC - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina
EPAGRI - Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina
FISET - Programa de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento
FIESC - Federação das Indústrias de Santa Catarina
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH - Indice de Desenvolvimento Humano
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFC - Instituto Federal Catarinense
JK - Juscelino Kubitschek
MST - Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
REFLOR - Reflorestamento Fraiburgo SA
SAFRA - Sociedade Annima Fraiburgo
PIB - Produto Interno Bruto
PLAMEG - Plano de Metas do Governo
PND - Plano Nacional de Desenvolvimento
POE - Plano de Obras e Equipamentos
PROFIT - Projeto de Fruticultura de Clima Temperado
PRONAMA - Programa Nacional de Abastecimento de Maa
UNIARP - Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	27
2 FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO MEIO OESTE CATARINENSE	35
2.1 Formação sócio-espacial de Fraiburgo-SC.....	39
2.1.1 Primeiros imigrantes.....	44
2.1.2 Da colonização até a chegada dos Frey.....	46
2.1.3 Os Frey de Fraiburgo.....	50
2.2 Combinações geográficas em Fraiburgo - Da Extração das Araucárias à produção de grãos.....	60
2.2.1 Da consolidação da colônia ao fim da combinação extrativista.....	61
2.2.2 Transição das combinações geográficas - Extrativista à Macieira.....	71
2.2.3 Da consolidação da maçã como combinação geográfica à crise.....	84
2.2.4 Fraiburgo a cidade dos grãos.....	100
3. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MEIO OESTE CATARINENSE.....	104
3.1 Desenvolvimento socioeconômico em Fraiburgo.....	113
3.2 O papel do Estado.....	117
3.3 Combinações geográficas com influência da família Frey.....	121
3.4 Migração - da sazonal a permanente.....	122
3.4.1 Migração na atualidade.....	125
3.5 Organização socioespacial de Fraiburgo.....	129
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147

1. INTRODUÇÃO

P. Monbeig em revista aos estudos de Geografia Econômica no Brasil sempre esboçou surpresa ante a pouca atenção dispensada a um dos fatores geográficos mais eficientes: o capital. A “Geografia do Capital” proposta por P. Monbeig (1957) tem como objetivo entender de onde e como nascem os capitais, que caminhos seguem, que regiões ou localidades os atraem e que atividades vão desenvolver. Em suma, trata-se de estudo da distribuição da riqueza e de sua evolução.”

Através da noção de Geografia do Capital de P. Monbeig busca-se com a dissertação desvendar o processo de acumulação e territorialização do capital na formação social de Fraiburgo-SC, conhecida como a “Terra da Maça”.

A formação sócio-espacial de Fraiburgo tem início com a ocupação da região pela família Frey. Imigrantes da região da Alsácia, após residirem em outras cidades como Castro no Paraná e Videira no meio oeste catarinense, migram em busca de matéria prima para suas madeiras. Chegam a uma região habitada por caboclos e índios Xokleng. Através de acordos políticos e favorecimentos conquistam a posse de grandes áreas, implantando além de uma serraria, uma grande gama de negócios. Pelo caráter empreendedor de seus negócios e pelo processo de acumulação de capital a família possui papel de destaque no desenvolvimento de Fraiburgo.

A “Terra da Maça”, atualmente, responde por aproximadamente 13% da produção nacional da fruta. Não é a maior produtora, embora tenha desempenhado papel fundamental no desenvolvimento da fruticultura brasileira.

Convém sobre a economia da maçã sublinhar que o modelo de produção de Fraiburgo é diferente das duas principais cidades produtoras de maçã na atualidade no Sul do Brasil, São Joaquim-SC e Vacaria-RS. Enquanto em Fraiburgo predomina a produção agroindustrial com grandes empresas controlando diretamente os pomares (Fisher, Renar, Pomagri, Pomifrutras e Agropel), em São Joaquim a cadeia produtiva se estabeleceu com a criação de cooperativas de pequenos produtores. Algo parecido acontece no Rio Grande do Sul, onde além de grandes empresas, com destaque para SHIO, existem pequenos produtores que vendem sua produção para as grandes empresas através de associações e cooperativas. O modelo de produção praticado em Fraiburgo exige a contratação de aproximadamente 5.000 trabalhadores sazonais para a colheita da fruta. Mão de obra buscada em locais distantes, como Mato Grosso do Sul e Maranhão, encarecendo muito o custo da produção.

Além disso, a cidade leva desvantagem nas condições edafoclimáticas¹ em relação às outras cidades produtoras. Segundo os dados da ABPM 2014, a maçã brasileira necessita de no mínimo 600 horas de frio abaixo de 7,2° C por ano, já em Fraiburgo ocorre uma grande variação. Mas o que mais chama atenção em Fraiburgo é a quantidade de chuvas de granizo, exigindo das empresas grandes investimentos com a utilização de foguetes e gases, visando emitir produtos químicos como iodeto de prata, para conter os estragos. A associação dos produtores de maçã de Fraiburgo comprou equipamentos como um radar russo que monitora num raio de aproximadamente 300 km a formação de granizo. O investimento foi superior a 2.5 milhões de dólares.

Segundo KLANOVICS (2013, p.73), o número de profissionais habilitados chegou a 470, e a quantidade disparada em uma safra no município variava muito, sendo que, em apenas um dia poderiam ser disparados até mil foguetes. Houve um ano, especialmente, em que o número de lançamentos chegara a 15 mil.

Mesmo com as adversidades, Fraiburgo se supera e com investimentos privados, principalmente da família Frey, e apoios governamentais conseguiu organizar a combinação geográfica voltada à produção da maçã. Com o passar dos anos os pomares se espalharam pelas áreas periféricas do município, mais próximas à rodovia SC 153, o que facilitou a logística das empresas.

É inegável, o papel precípua dessa combinação geográfica para a cidade, mas atualmente o setor enfrenta uma crise com reflexo na redução da área destinada aos pomares. A reestruturação da produção pelas empresas significou uma diminuição da participação de Fraiburgo na produção nacional de maçã. O endividamento das empresas resulta em descapitalização e para amenizar os prejuízos as empresas comercializam parte de suas áreas. Fato que possibilitou o surgimento de novos bairros, muitos dos quais em áreas que antigamente produziam maçã, hoje voltadas principalmente para o plantio de soja e o milho. Cumpre aqui evidenciar, Fraiburgo nasceu da combinação geográfica extrativista da madeira.

Buscando compreender a origem e evolução de tal combinação geográfica, baseamos-nos em André Cholley, para o qual:

As combinações se aperfeiçoam, alcançam pleno desenvolvimento atraem máximo de povoamento para a sua eficácia. Aperfeiçoa-se a estrutura social, eleva-se o padrão de vida. Criam-se bens de consumo e de trocas, depois o sistema apresenta sinais de fraqueza, as crises se multiplicam (...) a combinação se desloca cedendo lugar a uma nova combinação. (CHOLLEY, 1951, P.53)

¹ Condições referentes às condições envolvendo o solo e ao clima.

Importa desvendar o evolver das combinações geográficas que cunham a história da formação social de Fraiburgo, plasmada em processo de acumulação e territorialização do capital que, diferentemente da maior parte das cidades do oeste catarinense, com forte influência da colonização de italianos e alemães oriundos do Estado do Rio Grande do Sul, teve sua colonização feita em grande parte por caboclos naturais da região de campos de Curitiba, assim como pela Família Frey, originária da região da Alsácia², que desbravou uma área ainda pouco habitada. Após a montagem da Serraria em Butiá Verde, antigo nome de Fraiburgo, inúmeros trabalhadores de várias regiões do país e de diferentes etnias migram para a cidade. Cada um desses grupos contribuiu para os costumes e para a formação da cidade.

Fraiburgo está localizada no meio oeste catarinense, faz fronteira com Curitiba, Monte Carlo, Videira, Caçador, Tangará, Lebon Régis e Rio das Antas. Está inserida numa área de transição, entre os campos gerais do Planalto Serrano, muito utilizados para pecuária, e as áreas cobertas originalmente pela Mata das Araucárias, vegetação de grande valor comercial, com Pinheiros, Imbuías e Canelas, onde predominaram as atividades extrativistas. Assim como no Planalto Norte, a floresta de araucárias dificultava a atividade pecuária. A região onde situa Fraiburgo na atualidade era conhecida como o Campo da Dúvida. Este fato deve-se aos conflitos pela posse da terra, em grande parte terras devolutas, em que os processos de grilagem eram comuns.

Como a cidade de Fraiburgo está localizada longe dos grandes rios da região, contendo apenas pequenos riachos, durante algum tempo não despertou interesse de grandes colonizadores. A primeira forma de acumulação de capital se fez a partir da produção de fibra dos butiazeiros, que se encontrava em abundância na região. A fibra dos butiazeiros era utilizada para fazer os colchões para as camas dos militares e também forrar assentos de automóveis. Com a dificuldade na produção, pois a extração exigia grande volume de água para mover os maquinários, logo entra em decadência. Após surge na cidade a produção de goma-laca dos nós de pinheiro das araucárias. A época, muitas pessoas eram contratadas para buscar esses nós de pinho. Paralelamente surge na região as serrarias, sendo uma combinação mais duradoura, até entrar em crise com a escassez das araucárias e dar espaço ao surgimento da combinação frutífera de clima temperado.

Mas para além de emoldurar o retrato econômico regional de épocas e lugares de forma geral, "compete ao geógrafo medir as consequências geográficas dos investimentos",

² É uma região administrativa da França, localizada a leste do país. Sua capital e maior cidade é Estrasburgo

como nos realça P. Monbeig (1957, p 11). “Contribuirá com isso para que se avalie melhor os seus efeitos econômicos e sociais pois, não raciocinando somente em termos de finanças ou de política, o geógrafo poderá pesar melhor os grandes conjuntos.” "A competição entre os grupos econômicos e financeiros tem causas e consequências geográficas." (P. Monbeig, 1957, p. 13)

Na atualidade, Fraiburgo tem aproximadamente 45% de seu PIB oriundo do setor terciário. Neste ramo, cabe destaque para os empreendimentos da família Ziolkowski, com investimentos no setor hoteleiro, como Hotel Renar, Hotel Fraiburgo e Hotel Biz e em postos de combustíveis, sendo que aproximadamente 70% são de sua propriedade. A família ainda possui uma recapadora de pneus (Recapadora Fraiburgo).

Outro ramo que muito contribui com o PIB é o agropecuário. A fruticultura é hoje o segmento que mais emprega, gerando importante fonte de renda para a população fraiburguense. Com destaque para o Grupo Fisher, dono da principal empresa da cidade, que tem seus próprios pomares, além de industrializar, estocar e comercializar além de maçã, kiwi, ameixa entre outras frutas. Produz também sucos. A empresa abastece não apenas o mercado interno, como também guarda pioneirismo no país nas exportações. Outra Família forte no setor é a Perazolli, proprietária da Agropel, segunda maior produtora de Fraiburgo com cerca de 1000 hectares de pomares. A terceira grande empresa no setor é a Pomagri, que atualmente pertence à família Peres, proprietária ainda de uma vinícola (Everest). A família Lacowicz, possui a empresa Polpa Brasil, produtora de barras de cereais, cubos, desidratados, que servem como matéria prima para grandes empresas do setor alimentício, como Arcor, Cacau Show e Bimbo.

Cabe salientar que a produção de grãos é o segmento que mais cresce na atualidade. No lugar da produção de maçã, surge à produção de soja e milho, com destaque para as famílias Gueller, Vian e Rochas.

No setor secundário merece destaque a Trombini, grupo do Paraná que comprou a empresa Papelose da família Frey. Hoje umas das empresas que mais empregam na cidade. A empresa produz celulose, trazendo um inconveniente à população, o mau cheiro. Este fator deve-se principalmente pelo fato da empresa se localizar no centro da cidade. A empresa ainda possui o parque Rene Frey, onde temos visitação de turistas e parque de aventuras.

Pretende-se com a pesquisa desvendar nas diversas combinações geográficas formadoras da formação social fraiburguense o processo de acumulação e territorialização de capital. Em outras palavras, a Geografia do Capital de Fraiburgo, da araucária a produção de grãos.

Para tanto, busca-se suporte na categoria axial ao marxismo de Formação Socioespacial (M. Santos; A. Mamigonian). Karl Marx defende a Formação Econômica-social como o “Complexo dos modos e das Relações de Produção”. Para Milton Santos, esta teoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, onde é indissociável do concreto representado por uma sociedade historicamente determinada (SANTOS, 1977, p. 38).

Em sua teoria materialista da história, Marx definiu a maneira como se organiza o processo pelo qual o homem age sobre a natureza para satisfazer suas necessidades, sendo a produção fruto de determinadas relações de trabalho e forças produtivas. Cabe salientar que determinado modo de produção varia no tempo e no espaço. “... na produção social da sua vida, os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais” (MARX E ENGELS, 1982, p.530).

Marx ainda fala que o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.

Corroborando com Pierre Monbeig (1957, p.51),

Concedendo-se aos fatores financeiros o seu justo lugar na pesquisa geográfica, esta alargará seus horizontes, porque se aproximará mais da realidade viva, cambiante e complexa. A geografia não pode contentar-se com descrever a paisagem concreta; ela procura compreender e reconstituir o mecanismo que conduz à formação da paisagem e provoca a sua evolução. Nem todos os elementos desse mecanismo são visíveis aos nossos olhos, mas se acham à disposição da nossa curiosidade crítica. Já se disse que o geógrafo era "um olho" e a geografia uma maneira de ver. Jamais se pretendeu fazer do geógrafo uma Kodak insensível.

Ainda procurando dar conta da Formação Socioespacial, jamais poderíamos deixar de fora os estudos de Milton Santos, que na década de 70 baseou suas análises na Teoria de Formação Socioeconômica de Marx. O estudo de conceitos básicos da Geografia, como o Espaço, Território, Lugar e Paisagem, nos ajuda a relacionar aos estudos aqui desenvolvidos. "o espaço não [seja] uma simples tela de fundo, inerte e neutro, [as suas] "formas-conteúdo são subordinadas e até determinadas pelo modo de produção" (SANTOS, 1979, p.16).

O modo de produção, seja ele primitivo, feudal ou capitalista, acontece num determinado espaço e em algum tempo. A homogeneização socioespacial é descartada, pois temos outros elementos que interferem neste desenvolvimento. A produção social do espaço é

legitimada através das formas espaciais e das ações praticadas por um determinado grupo. Na perspectiva capitalista, "todos os processos que juntos formam o modo de produção (produção, circulação, distribuição, consumo), são históricos e espacialmente determinados num movimento conjunto, e isto através de uma formação social" (SANTOS,1979, p.14, apud FERREIRA, 2011, p.3).

MAMIGONIAN (1965) afirma que a industrialização do estado de Santa Catarina é resultante de uma formação social alicerçada na pequena produção mercantil. Ainda, segundo os pressupostos do método marxista, "o espaço é fundamentalmente social e histórico, evolui no quadro diferenciado das sociedades e em relação com as forças externas, de onde mais frequentemente lhes provém os impulsos" (SANTOS, 1979, p.10 apud FERREIRA, 2011, p.3). Trata-se da organização em território catarinense de uma pequena produção mercantil transplantada da Europa.

Ademais, conforme supracitado, utilizamos a ideia de Combinações Geográficas (André Cholley), que considera na análise da organização espacial a combinação de elementos físicos, biológicos e humanos. "... quando procuramos reduzir a realidade geográfica a seus elementos mais simples, chegamos à noção de combinação de complexo, expresso, essencialmente, por fenômenos de convergência" (CHOLLEY, 1964, p. 139).

A cidade de Fraiburgo surge com a Combinação Extrativista. O potencial do conjunto desses elementos (Físicos, Humanos e Biológicos) dão as condições necessárias para a produção de capital. O Clima Subtropical, mesotérmico úmido, com chuvas bem distribuídas, associadas à altitude (1048m) possibilitam o desenvolvimento de uma Floresta Ombrófila Mista, a Mata das Araucárias, com árvores de grande valor comercial como Imbuías, Cedro e Canela. O conjunto humano, nesse caso representado pela família Frey, se apodera dessas condições biológicas e físicas e desenvolvem a primeira combinação geográfica da cidade, a extrativista.

CHOLLEY (1964), afirma que as combinações nascem, evoluem, morrem. Elas se aperfeiçoam, alcançam pleno desenvolvimento, isto é, realizam o máximo de povoamento compatível a sua eficácia. Aperfeiçoa-se a estrutura social, eleva-se mais ou menos o nível de vida e criam-se bens de consumo e de trocas. Depois, o sistema dá sinais de fraqueza, as crises se multiplicam, o movimento demográfico amortece, as modificações no equilíbrio social aparecem e, finalmente, a combinação se desloca, cedendo lugar por substituição, a uma nova combinação. Neste caso surge a Combinação Macieira, novamente levando em consideração o conjunto de elementos geográficos.

Associados ao potencial físico e biológico, clima subtropical e da altitude acima de

1000 m, com invernos rigorosos, tem-se os fatores humanos. O capital adquirido na combinação anterior, a busca por especialistas e investidores, somados a baixa produção e o aumento do consumo da fruta no país, possibilitam o surgimento da combinação organizada a partir da cultura da maçã.

No desenvolvimento da pesquisa recorreremos também ao aporte teórico aplicado por Monbeig (1957) em seus estudos sobre a Geografia do Capital. Reitera-se aqui o já exposto na introdução, "concedendo-se aos fatores financeiros o seu justo lugar na pesquisa geográfica, esta alargará seus horizontes, porque se aproximará mais da realidade viva, cambiante e complexa. A geografia não pode contentar-se com descrever a paisagem concreta; ela procura compreender e reconstituir o mecanismo que conduz à formação da paisagem e provoca a sua evolução. Nem todos os elementos desse mecanismo são visíveis aos nossos olhos, mas se acham à disposição da nossa curiosidade crítica. Já se disse que o geógrafo era "um olho" e a geografia uma maneira de ver. Jamais se pretendeu fazer do geógrafo uma Kodak insensível." (MONBEIG, 1957).

Para falar da Geografia do Capital, não podemos deixar de recorrer aos estudos de Marx. No livro *O capital*, Marx afirma que a força de trabalho é capital variável e constitui a composição orgânica juntamente com o capital constante.

Finalizando nosso aporte teórico, nos debruçamos nos textos de José Sidnei Gonçalves, fundamental para entendermos os modelos de produção familiar (californiano) e do agronegócio (texano). A comparação entre o modelo adotado em Fraiburgo (agronegócios) e de outros polos produtores Vacaria e São Joaquim (familiar/cooperativa) nos possibilitou entender as possíveis causas para a crise no setor macieiro em Fraiburgo e em contrapartida a evolução dos outros dois polos.

GONÇALVES (2012), afirma que a característica fundamental dos agronegócios é a de se constituir no principal setor de economias continentais, irradiando o processo de desenvolvimento para amplos espaços geográficos. Tanto é que a economia mais industrializada do globo, a norte americana, 35% da riqueza gerada provém deste setor. O que diferencia a economia dos Estados Unidos das demais economias agrárias do mundo é que neste país realizou-se um forte processo de industrialização para o interior, buscou-se muito através das agroindústrias.

Nos Estados Unidos, Gonçalves aponta que, as grandes fazendas, com mais de 100 mil hectares dominam a agricultura. Essas grandes fazendas trouxeram um grande benefício: alimentos baratos. A prática de subsídios impulsionou ainda mais o setor. Comparando com o que aconteceu em Fraiburgo, onde foi adotado o modelo Agroindustrial, a aprovação da Lei

de incentivos fiscais, impulsionou significativamente o setor, atraindo empresas a investirem na produção de maçã, com o aumento da produtividade, os preços caem expressivamente.

2. FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO MEIO OESTE CATARINENSE

A ocupação da região sul pelos portugueses se deu de forma mais lenta se comparado com o processo ocorrido na região nordeste do país. O território catarinense assim como a porção austral do Brasil foi palco de inúmeras disputas territoriais entre Portugal e Espanha. A coroa Portuguesa tinha como objetivo povoar a região a fim de fixar suas fronteiras meridionais. As primeiras colônias em território catarinense se concentraram no litoral, entre elas destacamos São Francisco (1658); Desterro (1673) e Laguna (1676). Demorou quase um século para que então surgisse a primeira colônia no planalto catarinense, Lages (1771).

Cabe salientar o quadro natural da região sul e seu papel determinante no processo de ocupação. A Serra do Mar divide o território catarinense em duas porções distintas. O litoral, por uma faixa estreita, constituídas por terras baixas, um pouco superiores ao nível do mar, e a outra a oeste da própria Serra, constituída por planaltos, com solos mais férteis pela formação geológica, rochas ígneas extrusivas³ dando origem a manchas de terra roxa, oriundas pela decomposição do basalto. Esse quadro natural oferecia mais condições de fixação de novos povoados, destacando ainda que a área era povoada por inúmeros indígenas, oferecendo assim um grande potencial aos colonizadores, para obtenção de mão de obra. A combinação dos fatores naturais e humanos reforçam a teoria das combinações de Cholley.

Estes princípios apontam, mas não desvelam a essência da geografia como realidade e como conhecimento. A de ser uma ciência que abrange a sociedade e a natureza, como complexos particulares, regidos por leis históricas e naturais, relacionadas numa totalidade, fruto de combinações de elementos de ordem física, biológica e humana – localizadas no espaço e no tempo - das quais decorrem, com o desenrolar do processo de desenvolvimento da humanidade, grandes complexidades. (CHOLLEY, 1964).

No planalto meridional, desde o século XVI, os colonizadores se depararam com uma área de campos naturais, formada por vegetação herbácea⁴, fator que favorece o avanço do povoamento. Esta área é que define o caminho das tropas, dos campos de Piratininga aos campos de Curitiba e destes a Lages e Viamão. Sendo este o primeiro fluxo colonizador, percorrendo o sentido norte-sul do planalto meridional. Este fluxo dos tropeiros vai dar origem aos primeiros núcleos de povoamento do planalto catarinense. Primeiramente temos a

³ Rochas magmáticas, vulcânicas com solidificação fora da crosta.

⁴ Vegetação rasteira formada por gramíneas.

formação de grandes propriedades destinadas à criação de gado extensivo⁵ e posteriormente a exploração da erva-mate e a extração das araucárias impõem um novo modelo econômico à região.

Ao chegarem em cima da serra deram com “campos e pastos administráveis, e neles imensidades de gado, tirados das campanhas da nova colônia, e lançados naqueles sítios pelos Tapes das Aldeias dos padres jesuítas no ano de 1712” (QUEIROZ, 1966, apud: VIEIRA, 2011, p35.).

Em 1771, sendo Lages um ponto de passagem obrigatório, fortalece assim a ocupação do planalto, surgindo então sua vila, sendo um ponto estratégico para os tropeiros. Nas áreas de campo do Brasil meridional, assim como no sertão nordestino, a atividade pastoril estabeleceu precocemente o monopólio sobre a terra, sendo este o meio de produção fundamental no feudalismo, decorrendo daí a precocidade deste modo de produção, frente ao predomínio da escravidão nas atividades agrícolas, na mineração e nas manufaturas. (RANGEL, 1981, apud VIEIRA, 2011, p.36).

Até meados do século XIX, Lages era o único distrito a oeste da Serra Catarinense, havendo ainda as arraiais Campo Belo e Campos Novos, que pertenciam ao distrito de Lages e a vila de Curitibanos, sendo resultado do expansionismo lageano. A população de Santa Catarina em 1856 era de 111.109 habitantes, onde a maior parte, 104.317 habitavam o litoral e 6.672 o planalto (PEREIRA, 1943, apud, VIEIRA, 2011, p.37).

Na metade do século XIX, período que eram fundadas as colônias alemãs e italianas nos vales atlânticos catarinenses, onde a organização econômica se dava através da pequena produção mercantil, o planalto catarinense mantinha o domínio feudal pela terra e de posse cabocla. As áreas com a mata das araucárias, vizinhas dos campos, foram sendo apropriados pelos senhores da terra através de seus peões e agregados, estes excedentes populacionais dos latifúndios. Em modo geral posseiros, camponeses caboclos, índios, negros que em outro momento já haviam sido escravos.

As áreas do planalto catarinense, dominadas pela expansão da criação de gado, nas manchas de campos nativos, estabelece o monopólio sobre a terra, sendo base material do poder econômico e político regional. As fazendas anteriormente ocupadas nos séculos XVIII e XIX por escravos e agregados, passa no século XX a ocupação de agregados e arrendatários.

O pagamento em dinheiro só se fazia no caso de empreiteiras ou tarefas especiais (nas fazendas). O agregado [responsável pela lida com o gado] recebia 1 ou 2 vacas para seu uso “uns porquinhos”. Já o

⁵ Criação de gado bovino solto, com pastagem e pouca tecnologia.

arrendatário que passa a plantar nas áreas não destinadas sobremaneira a pecuária, pagava ao dono da terra em produto, ou seja, com parte da produção agrícola. (MONTEIRO, 1974, p232. E PELUSO, 1991, apud VIEIRA, 2011, p.39).

Com o aumento da prole dos agregados, estes eram expulsos das propriedades pelo fato de não possuírem capacidade econômica para criarem novas unidades pastoris. Não possuindo recursos para a aquisição de novas terras, e sem instrução de buscarem direito de posse as terras devolutas. Cabia então se alojarem como posseiros, sendo que muitos eram expulsos com o tempo.

Para manter as relações de produção existentes, era exigido um controle populacional. O excedente do crescimento demográfico era repellido, restando a eles ocuparem as matas das araucárias num sistema a princípio seminômade, onde abriam clareiras na mata para a coleta de pinhões, frutas, criarem porcos selvagens, cultivando alimento e desenvolvendo a pesca, muitos destes conhecimentos assimilados da cultura indígena.

Os instrumentos de plantio só se distinguem dos paus-de-cavar usados pelos índios por serem providos de uma ponta de ferro. Quando sobra algum produto das roças os caboclos fazem miúdo comércio – na base de troca – com os bodegueiros” (QUEIROZ, 1966, apud, VIEIRA 2011, p.40).

Cabe desvendar a real origem do povo Caboclo do Contestado. Os Caboclos não são frutos apenas da miscigenação dos indígenas com os tropeiros. A sua formação, está relacionada com três bases etnológicas, a primeira indígena, derivado dos índios Xokleng, Kaigangs, Botocudos, Coroados e Araucanos. A segunda pelos sertanejos, oriundos do norte e nordeste do país, participantes da construção da Ferrovia Madeira-Mamore⁶ no Estado de Rondônia no início do século XX. A terceira por tropeiros, que migravam levando o gado do Rio Grande do Sul a São Paulo, onde muitos ficam na região.

Esses posseiros, caboclos, muitos utilizados como mão de obra na construção da ferrovia RS-SP, lutaram bravamente na Guerra do Contestado pela posse das terras, grande parte foram mortos ou expropriados.

Em meados do século XIX, o Estado do Paraná se separa da província de São Paulo, após este ato o Estado do Paraná iniciou uma disputa territorial que tinha como plano de fundo o interesse dos recursos naturais, terras, ervais e muita madeira. Após a mudança do Império para a República (1889), acontece a Guerra do Contestado (1912-1916), primeiro caso de luta armada entre as oligarquias estaduais, entre os governos do Paraná e Santa

6 Ferrovia construída entre 1907 e 1912, ligando Porto Velho à Guajará-Mirim no Estado de Rondônia.

Catarina.

Com o advento da república, as terras devolutas passaram do domínio do poder central para os Estados, “cujos governos eram controlados pelos coronéis, distribuíaam barato pelos chefes políticos e seus amigos as últimas extensões praticamente disponíveis. Tornavam cada vez mais frequentes as expulsões dos intrusos”, ou seja, dos posseiros caboclos. (QUEIROZ, 1966, p 64, apud, VIEIRA, 2011, p.41)

Os caboclos, cada vez mais ameaçados e sendo expulsos das terras ocupadas devido o aumento da concessão e venda de suas terras, são motivados a defender seus interesses, dando origem ao grande conflito do Contestado.

MAMIGONIAN, (1987, p. 66), destaca que após o período da proclamação da República e da Revolução Federalista, foi marcado pelo início de uma nova fase expansiva da economia capitalista central, que resulta em uma necessidade ainda maior por matérias primas, alimentos e mercados consumidores periféricos tendo interesse em aprofundar a DIT – Divisão Internacional do Trabalho, bem como expandir o raio de atuação, inclusive incorporando novos territórios. Em Santa Catarina, essas terras eram comercializadas pelo governo e particulares, para o empresário norte-americano Faquhar, que tinha como responsabilidade construir uma ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, cortando o trecho do planalto catarinense, tendo como objetivos explorar a madeira e comercializar as terras. Processo feito pela empresa Southern Brazil, Lumber and Colonization Company, esta subsidiária da Brasil Railway.

A Lumber, tinha um grande potencial produtivo para a época, a velocidade da expropriação dos posseiros no planalto catarinense, torna mais grave o conflito pela terra.

Na inscrição a lápis feita por um sertanejo na porta de uma venda, assim como no trecho de uma carta de um caboclo encontrada junto ao seu cadáver, se revela a consciência que os posseiros tinham do conflito: “O governo da república toca os filhos Brasileiros dos terrenos que pertence à nação e vende a estrangeiros, nós agora estemo disposto a fazer prevalecer os nossos direitos”. “Nóis não tem direito de terras, tudo é para as gentes da Oropa” (QUEIROZ, 1996. p.179; MONTEIRO, 1974, p.46 apud VIEIRA, 2011, p 43).

A região do planalto catarinense de início, teve seu desenvolvimento econômico muito baseado na produção de gado e extração da erva mate, onde a estruturação latifundiária teve como sua consolidação a formação política feudal e mercantil. Com o passar do tempo, a atividade da extração da madeira ganha força, surgindo assim inúmeras madeireiras e posteriormente empresas que beneficiavam, produzindo papel, papelão e celulose. Com a extração das madeiras os espaços então vazios são comercializados pelas empresas de

colonização, que negociavam principalmente imigrantes alemães e italianos, oriundos do Rio Grande do Sul e Paraná.

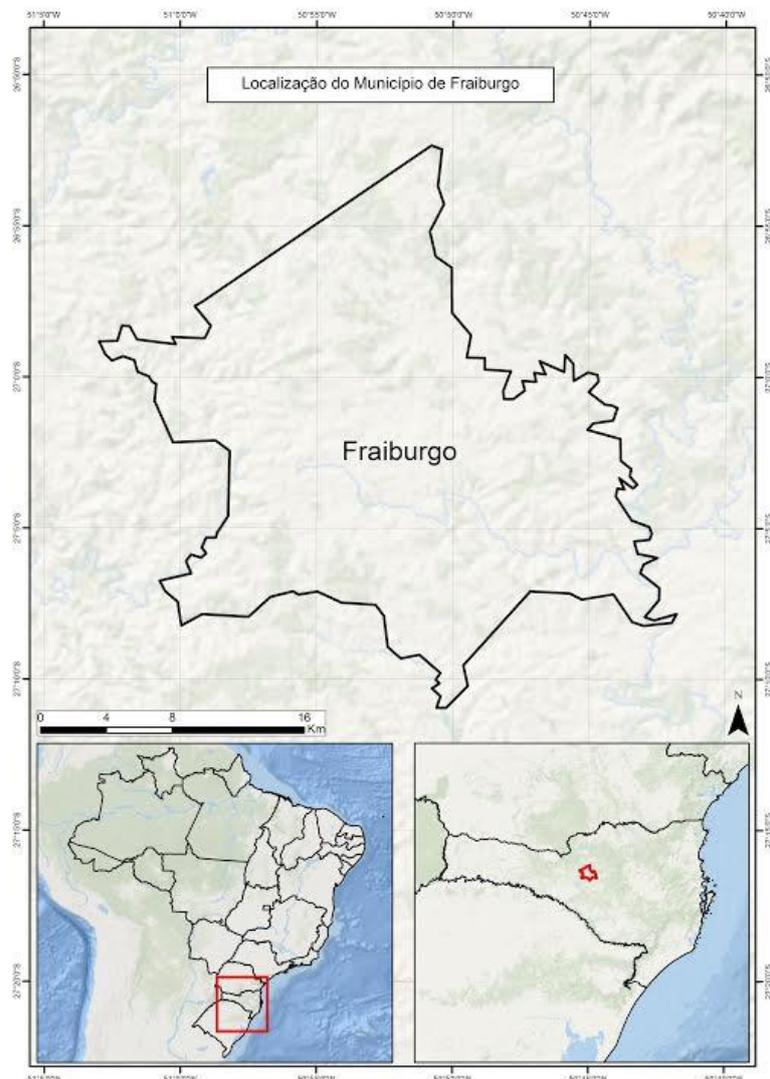
“O beneficiamento de madeira e a produção de papel e papelão, se encontram dispersos em todo planalto, mas, sua localização preferencialmente se dá nos planaltos de Lages e norte, que fazem parte de uma área territorial que vai de vacaria/Lagoa Vermelha, no RS, passando pelas referidas áreas catarinense e pelo planalto paranaense (e Ponta Grossa, Telêmaco, Borba, etc) e alcança Itapeva, em São Paulo. Nesta região estão localizadas grandes fábricas de madeira, celulose, papel e papelão) (MAMIGONIAN, 1986, p. 105).

O tamanho dos lotes comercializados pelas empresas colonizadoras particulares era de pequena dimensão, em média 24 ha, sendo assim, os imigrantes italianos e alemães desenvolviam a prática da policultura, com o excedente gerado, a região se desenvolve com base social econômica ligada a pequena produção mercantil.

2.1. Formação sócio espacial de Fraiburgo-SC

Fraiburgo está localizada no meio oeste catarinense (mapa 1), no planalto central. Faz fronteira com os seguintes municípios, Videira, Monte Carlo, Tangará, Caçador, Rio da Antas, Lebon Régis, Frei Rogério e Curitiba. Está a 384 km da capital Florianópolis, com aproximadamente 35.000 habitantes e uma área de aproximadamente 550.000 km².

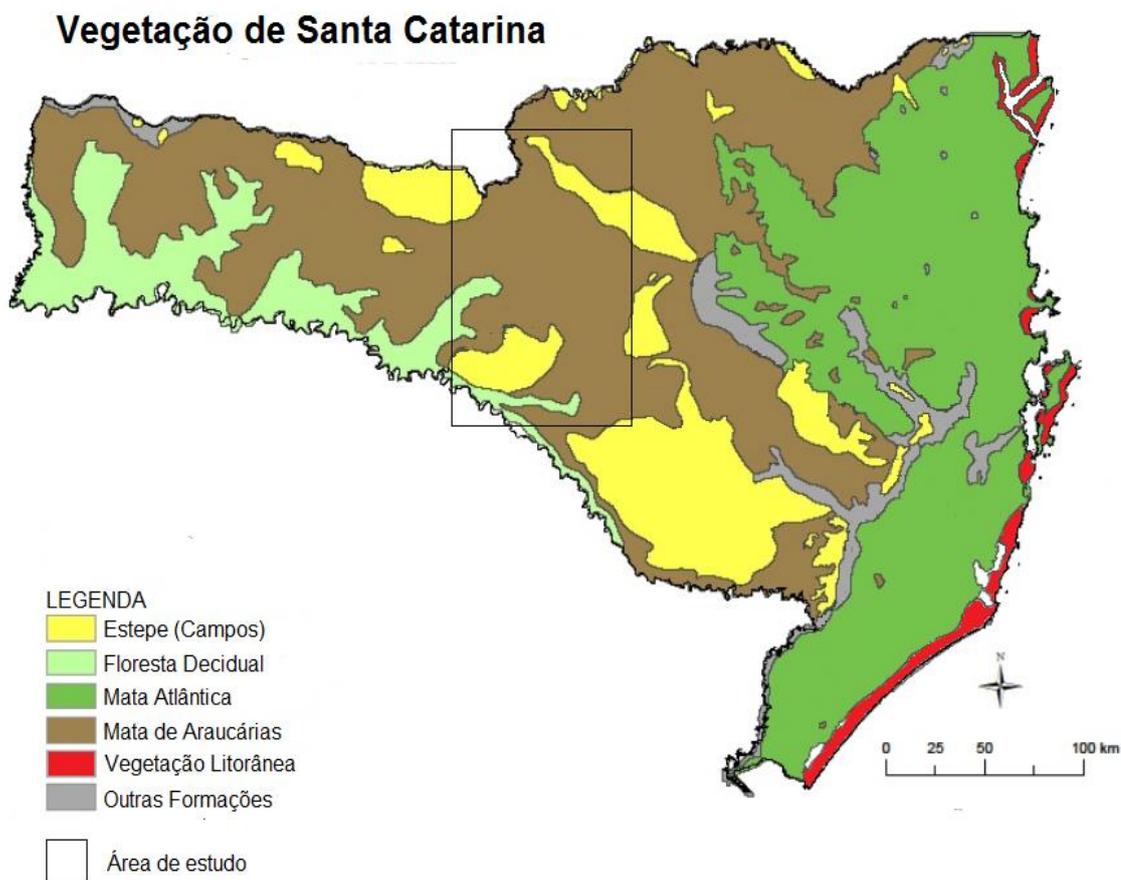
Mapa 1- Localização de Fraiburgo-SC



Fonte: Elaborado por Régis G.GEOLAB-UDESC 2016

A região é coberta predominantemente no meio oeste catarinense pela Mata das Araucárias (mapa 2), de grande valor comercial, sendo um dos fatores fundamentais no processo de colonização na região. A cidade de Fraiburgo, fundada em 1961, na época com 6.960 habitantes, tem sua origem associada ao setor madeireiro, sendo as matas de araucárias na localidade explorada desde os anos de 1930, perdurando como atividade produtiva precípua até meados da década de 60, quando entra em decadência em razão do extermínio de árvores nobres, como cedros, imbuías, pinheiros e canelas, acelerado pelo desconhecimento de práticas adequadas de manejo florestal. As primeiras ruas, os primeiros comércios, as primeiras famílias que se instalaram na cidade, estavam ligadas diretamente a economia extrativista.

Mapa 2- Vegetação de Santa Catarina



Fonte: EPAGRI- CARRARO, F. Geografia de Santa Catarina. São Paulo FTD.2008

Outras cidades da microrregião desenvolveram-se com a mesma economia principal, entre elas, Monte Carlo, Lebon Régis e Caçador, onde o setor madeireiro foi o carro-chefe para o desenvolvimento. Em várias delas, até hoje o setor madeireiro é muito forte, como em Caçador, onde se apresentam empresas como Adami, Guararapes, Frame, Sincol, Rotta e Tedesco. Todas atendem o mercado nacional e internacional.

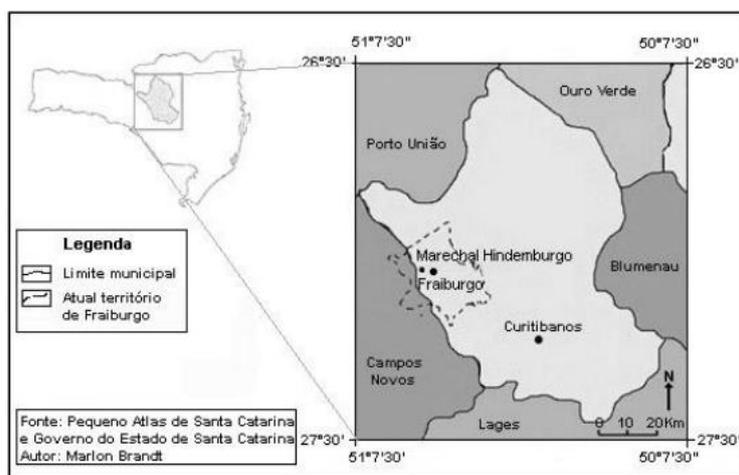
Por outro lado, temos na região a cidade de Videira, que paralelamente a economia extrativista das araucárias, desenvolveu a economia da pecuária, principalmente suínos e aves. Grande parte dos colonizadores alemães e italianos da região de Videira se instalaram comprando as terras da empresa Brazil Railway Company, que construiu parte da ferrovia RS-SP.

Fraiburgo está numa área de transição entre a Mata das Araucárias e os campos gerais de Curitibaanos. Segundo VIEIRA, 2011, a região do planalto catarinense, foi fruto de uma formação social feudal mercantil, tendo início nas áreas de campos e se expandindo para as

matas das araucárias e ervais, sob a forma de pequena produção posseira cabocla. Devido esta característica de transição, uma parte da cidade atual, mais a sudeste, foi desenvolvida por posseiros, muitos deles caboclos da região do contestado. Parte dessa população chegou na primeira metade do século XIX, num processo de ocupação de terras livres, e outra parte após 1850, quando a Lei das terras possibilitou a instalação de pequenas e médias propriedades. Este território pertencia a Curitibaanos e teve um grande conflito histórico da Guerra do Contestado (1912-1916), em Taquaruçu.

A oeste da atual área urbana de Fraiburgo (mapa 3), tivemos uma colônia alemã, denominada Colônia Marechal Hindemburgo. Estes imigrantes (figura 1), oriundos principalmente do Rio Grande do Sul. A área anteriormente era ocupada por população cabocla, que vivia da subsistência, da criação de animais como porcos, que viviam soltos pela floresta de araucárias, onde muito se alimentam dos pinhões e outros alimentos disponíveis na mata. Este fator liberava os criadores do custo de trato da criação. Essa forma de criação era o chamado “porco alçado”, cuja criação consistia em uma espécie de suinocultura extensiva (Chang, 1988, p. 26).

Mapa 3 - Mapa da Localização da Colônia Marechal Hindemburgo.



Fonte: Extraído do atlas de Santa Catarina e Governo do Estado de Santa Catarina 2011. Autor Marlon Brandt

Segundo Thomas Burke (1994, p. 21), ao longo da década de 30, a Colônia Marechal Hindemburgo possuía uma grande estrutura social. Possuindo uma escola, igreja, hotel, farmácia, moinho, bar, açougue, cartório, dentre outros equipamentos urbanos. No ano de 1941, a colônia, em virtude do processo de nacionalização imposto durante a ditadura varguista, passou a se chamar Dez de Novembro (Burke, 1994, p.21). Toda essa estrutura fez com que a colônia fosse elevada à condição de Distrito de Perdizes (Videira) em 1952.

Fraiburgo conquista sua emancipação em 1961, seu território foi formado por parte do território de Videira como o Distrito de Dez de Novembro e parte de Curitibanos como Taquaruçu e Liberata.⁷

Figura 1- Colonizadores preparando a plantação em Marechal Hindemburgo.



Fonte- Acervo pessoal da família Steiner

Com as ações tanto dos caboclos como dos imigrantes alemães em Dez de Novembro sobre o espaço foram geradas transformações na paisagem. Neste ensejo, segundo Milton Santos (2006, p. 103), paisagem é a expressão materializada do espaço geográfico, sendo “o conjunto das formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza.”

Cabe destacar, que a primeira combinação geográfica de Fraiburgo, foi desenvolvida pelos Caboclos. A pequena produção posseira cabocla. Através da caça, pesca, coleta de frutas, extração de erva-mate e criação de porcos selvagens, práticas herdadas dos indígenas combinada com a de povos de origem ibérica. Com a promulgação das leis de Terras, e o fim da escravidão em nosso país, intensifica-se a migração europeia. O caboclo sofre com a

⁷ Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Curitibanos, o distrito de Liberata. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o distrito de Liberata permaneceu no município de Curitibanos. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960. Elevado à categoria de município com a denominação de Fraiburgo, pela lei estadual nº 797, de 20-12-1961, desmembrado de Curitibanos e Videira. Sede no antigo distrito de Liberata, atual Fraiburgo. Constituído de 2 distritos: Fraiburgo e Dez de Novembro. Desmembrado de Videira. Instalado em 31-12-1961. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Fraiburgo e Dez de Novembro. Pelo decreto legislativo nº 07, de 06-11-1979, da Câmara Municipal, homologado pelo decreto legislativo nº 1622, de 30-06-1980, da Assembleia Legislativa, o distrito de Dez do Novembro Foi extinto, sendo seu território anexado ao distrito sede de Fraiburgo. Em divisão territorial datada de 18-VIII-1988, o município é constituído do distrito sede.

expropriação de suas terras, com a chegada do imigrante europeu. Neste período a ruptura se dá inicialmente através da Guerra do Contestado, onde lutaram bravamente pela posse de suas terras.

Nossa área de estudo visa analisar as transformações feitas onde corresponde a área urbana de Fraiburgo. Uma área desbravada pela família Frey, principalmente, em que suas decisões em busca do desenvolvimento e da acumulação do capital geraram impactos na paisagem, na economia, na sociedade e na cultura da região.

2.1.1 – Primeiros imigrantes

Antes da chegada dos imigrantes europeus a região, a localidade onde se encontra Fraiburgo, tinha como combinação geográfica as práticas extrativistas e a agropecuária de subsistência desenvolvida pelos indígenas e caboclos. A caça, a pesca, a criação de pequenos animais era a base da economia. A população original do meio oeste catarinense era composta principalmente por índios Xoklengs e Kaigangs. Muitos foram exterminados em conflitos pela terra e pela exploração de suas riquezas. No Início do século XVIII a construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande do Sul provocou muito desmatamento da vegetação de araucárias, fonte de alimento principalmente no inverno para as essas tribos indígenas. Além da morte de inúmeros índios, muitos foram forçados a migrar em direção ao litoral catarinense. Segundo Thomé (2005), a população de Fraiburgo e adjacências têm cerca de 12% de indivíduos de origem indígenas.

Os Xoklengs habitavam seu território tradicional há cerca de 4 mil anos, vivendo de pequena agricultura de mandioca, taiá inhame, coleta de pinhão e mel das abelhas. Como povos neolíticos. Após os primeiros confrontos com o homem branco no século XVIII, na Serra Catarinense, foram expulsos de seus territórios tradicionais. (Serpa, I, 2015. p. 28).

No início do Século XVIII a região foi ocupada por tropeiros, sendo denominada “Sertão de Curitiba” e posteriormente Curitibaanos. A área foi ocupada a mando da coroa Portuguesa a partir de 1766, como parte de uma estratégia de assegurar a posse territorial perante a Espanha.

No planalto em direção ao Sul, ordena então a Antônio Carlos Correia Pinto que fundasse povoação no “Sertão de Curitiba”, na parada das “Lagens”. Junto com sua família, além de oito ou nove que o seguiram em tal empresa, trazendo seus agregados, escravos e mestiços livres (...) Este surgimento planejado, fazia parte da estratégia portuguesa de assegurar sua posse territorial perante a Espanha”. (Brandt. M, 2007).

Nas últimas décadas do século XIX, a região passa a ser ocupada por pequenos e

médios sitiantes independentes, em sua maioria posseiros⁸, alguns legitimados, a margem dos latifundiários. Ocuparam regiões como os vales do rio Marombas, Correntes, do Peixe e Taquaruçu. Áreas recobertas, segundo Aziz Ab'Saber, pelo Domínio das Araucárias.

Nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que juntamente com suas espôsas e filhos têm lavrado a terra e estabelecido lares de tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem luso-brasileira; que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos. Com freqüência, conservam um modo de vida quase medieval, de tipo feudal e aristocrático; consideram o colono laborioso como inferior, e são arrogantes e resunçosos nos seus contactos com êle. (WAIBEL. 1965, p.165).

Waibel ainda conclui que as áreas de planaltos catarinense são dois mundos distintos, quanto a questão racial, social e econômica. O interesse do governo federal em povoar a região, atrai imigrantes europeus, alemães e italianos principalmente, através das companhias de colonização. A região rica em araucárias, árvores de grande valor comercial, potencializam o surgimento de madeireiras. Na verdade, domínio que representava mais um obstáculo para a economia pastoril dos tropeiros.

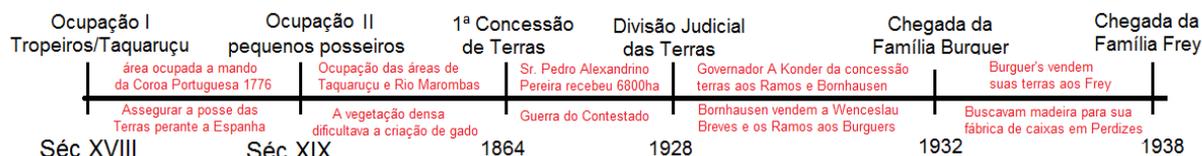
Segundo Brandt. M, a existência do referido domínio impedia a maior extensão dos campos, logo a disponibilidade de pasto para o gado bovino, equino e muares. Registre-se, a principal criação da região eram os porcos, animais onívoros, que se alimentam de uma maior variedade de alimentos disponíveis (frutas caídas, sementes raízes e animais pequenos). Igualmente o fato de não tolerarem o sol tiveram melhor adaptação nas áreas das araucárias, onde tinham muitos pinhões no inverno e acesso à sombra.

Pinhões que desempenharam um importante papel na dieta dos porcos criados pelos habitantes planaltinos, da mesma forma ocorria com os catetos e queixadas que já habitavam a região, destacada por Auguste de Saint-Hilaire, em sua viagem ao Brasil entre 1816 e 1822, na qual percorreu os Campos Gerais e Curitiba, onde comenta “ainda hoje os habitantes comem sementes de araucária e as empregam com sucesso para engordar os porcos. (BRANDT. M , 2007).

⁸ Trabalhador rural que tem a posse da terra (trabalha nela e dela retira seu sustento), mas não possui o documento legal de propriedade da terra.

2.1.2- Da colonização até a chegada dos Frey

Figura 2– Cronologia temporal da ocupação do espaço na região de Fraiburgo



Oficialmente o primeiro proprietário de uma área onde está sediada atualmente Fraiburgo foi o posseiro Luiz Alexandre. Em 1900, ele vendeu sua propriedade ao coronel Zacarias de Paula Xavier que posteriormente vendeu a família Burger, primeiros a estabelecer moradia na atual área urbana de Fraiburgo. A primeira concessão de terras na área ocorreu em março de 1864, na comarca de Lages. O Sr. Pedro Alexandrino Pereira, recebeu 6800ha, entre os rios Gervásio e dos Patos, então denominada Fazenda da Barra. Com a morte do proprietário, seu inventário foi estabelecido em valores monetários (mil réis). Com o passar do tempo perdeu-se a relação entre os valores monetários e a área de terra; com isso surgiram muitos documentos falsos, resultando em inúmeros conflitos fundiários na região, resolvidos apenas em 1928, com a chegada de um juiz e de forte esquema policial para promover a divisão judicial das terras. Por este fator a região também ficou conhecida como Campo da Dúvida. Está área ficava entre as Fazendas Liberata⁹ e Butiá Verde¹⁰. Parte da área que correspondia a Fazenda Liberata, com 81.552.070 m², foi legalizada a época, quando o Estado de Santa Catarina concedeu o título de legitimação de posse da Fazenda Liberata a Porfírio José de Oliveira, João Batista Ribeiro, Heliodoro Dias de Andrade, Bento Dias de Moraes e Francisco Dias de Moraes.

Parte das terras compreendidas entre a fazenda Liberata e Butiá Verde eram também conhecidas pela população como Campo da Dúvida. Existiam nestas fazendas, uma certa imprecisão em suas divisas, já na época em que estas pertenciam a família Burger, acarretando em tensões e conflitos. (Brandt, M. 2007, pag.174)

Uma área de grande importância histórica na região chama-se Taquaruçu, palco de um

⁹ O nome da Fazenda Liberata foi atribuído em lembrança a uma Índia muito velha chamada Liberata, que seria a cacique do grupo, pois seu marido havia falecido. Como uma forma de homenagear a índia, o nome da fazenda passou a se chamar Liberata.

¹⁰ O nome da Fazenda Butiá Verde é em homenagem a quantidade desta espécie de vegetação na região. Os irmãos René e Arnaldo usavam as folhas do butiazeiro para fazer crina vegetal que comercializavam em São Paulo, para a fabricação de colchões

dos principais conflitos existentes no Brasil, a Guerra do Contestado¹¹. Atualmente, Taquaruçu é um distrito de Fraiburgo, anteriormente a sua emancipação, pertencia a Curitibaanos. No século XIX, este distrito era povoado por inúmeros posseiros, que viviam em condições precárias. A população original da região era cabocla. Segundo Bloemer (2009, p. 330), os caboclos que vivem no Oeste catarinense têm sua produção agrícola somente para a subsistência e não para se envolver com o mercado dos excedentes. Em 1850, com a criação da Lei das Terras, passando a responsabilidade do governo federal para o estadual, acelera-se o processo de concessão de terras para os fazendeiros.

Os caboclos, que por gerações habitavam a localidade, sofreram com os atos de grilagem¹². Parte das terras eram devolutas e com a decisão do governo em doá-las, com interesse em atrair imigrantes brancos para povoar a região, acabou marginalizando os caboclos.

Em 1911, na região contestada, houve uma grande expropriação de terras na região para construção de uma ferrovia (SP-RS), iniciada em 1907. Tal trecho ficou sob a responsabilidade de Percival Farquhar, dono da empresa Americana. O pagamento pela obra foi o direito a explorar 15 km para cada lado da ferrovia. Os caboclos que por gerações habitavam a região não possuíam o documento da terra, eram posseiros. Com a abertura dos primeiros cartórios na época da república, houve muita grilagem de terras. Vale mencionar que, para construção da obra utilizou-se cerca de oito mil operários e ao seu final muitos trabalhadores não conseguiram dinheiro para regressar as suas terras de origem, incorporando-se aos caboclos.

Como resultado, ocorreram muitos conflitos entre o exército e os caboclos. Em muitos casos com a vitória dos caboclos, grandes conhecedores da região, por vezes encurravam os soldados. Os caboclos tinham uma relevante causa, a luta pela sua terra. Conquistaram alguns territórios na região e, por conseguinte, a preocupação das elites e do exército brasileiro.

Em 8 de fevereiro de 1914, o povoado do Taquaruçu” foi atacado pelo exército brasileiro e por forças policiais militares catarinenses. A maior parte dos homens não estavam na Vila, mas nas plantações e na construção de casas em outra vila próxima, Caraguatá. A destruição foi total com esse ataque surpresa, matando principalmente mulheres e crianças.

¹¹ O Conflito entre Caboclos e Governo Brasileiro (1912-1916) envolveu caboclos, pequenos fazendeiros, posseiros, interesses econômicos, disputas de poder e religiosidade

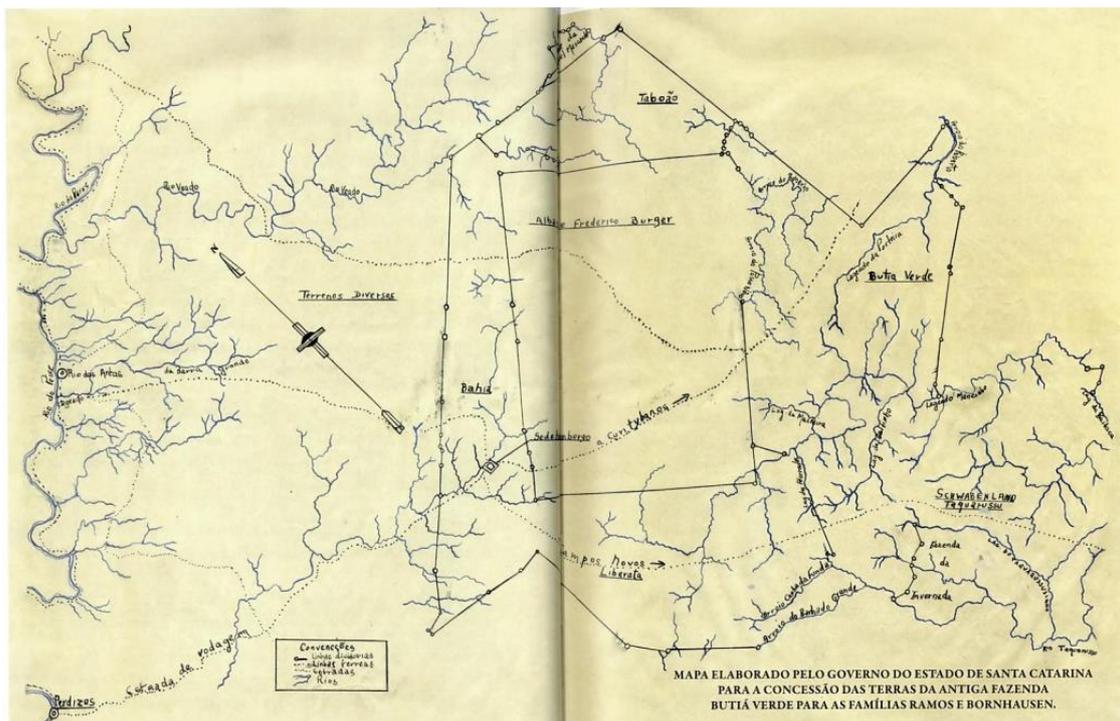
¹² Divulga-se que o termo grilo ou grilagem tem sua origem na tentativa de transformar títulos falsificados, dando-lhes aparência de legais, com o emprego do inseto ortóptero – o grilo, tanto que o Dicionário Aurélio define grileiro como sendo “Indivíduo que procura apossar-se de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade”. Logo, a terra grilada é aquela em que o título de propriedade é falso.

Trata-se de acontecimentos marcante para a expropriação de terras na região do Taquaruçu, atual distrito de Fraiburgo.

O estrago da artilharia sobre o povoado de Taquaruçu era em 40 e por outros em 90 e tantos; pernas, braços, cabeças, animais mortos, bois, cavalos, juncavam o chão; casas queimadas ruíam por toda a parte. Fazia pavor e pena o espetáculo que então se desdobrava aos olhos do espectador: pavor dos destroços humanos; pena das mulheres e crianças que jaziam inertes por todos os cantos do reduto. (CERQUEIRA,1936 p. 20).

O governador Adolfo Konder fez algumas concessões de terras a políticos influentes do Estado. A família Bornhausen, na pessoa de Demosthenes Bornhausen, ficou com uma área aproximada de 23.500 ha, compreendendo: 7.400ha na Fazenda Butiá verde, 7.600ha na Fazenda Baia e Taboão e 8.500 ha na Fazenda Liberata e Taquaruçu. Já a família Ramos, nas pessoas dos irmãos Burguer, ficaram com uma área aproximada de 12.400ha, compreendendo a Fazenda Bom Futuro (Figura 6).

Mapa 4 – Mapa da concessão de terras para as famílias Ramos e Bornhausen



p

a

Fonte- Extraído do livro Marcos da história de ZIOLKOWSKI, 2011, p. 24.

Em 1930, o agrimensor Francisco Busato e sua equipe promoveram a divisão da Fazenda Butiá Verde, definindo a área que pertenceria aos posseiros, possibilitando assim a titulação das terras, acabando com a sobreposição das áreas. Os limites agora esclarecidos,

acabaram com a denominação da região de “Campo da Dúvida”.

A região de Fraiburgo, na década de 1930, era composta por grandes áreas recobertas com a Mata das Araucárias. Floresta Ombrófila Mista de grande riqueza natural e comercial. Com Cedros, Imbuías, Pinheiros e Canelas que despertavam interesses comerciais, promovendo assim a instalação de várias madeireiras na região. A falta de conhecimento sobre o manejo florestal e a busca do lucro a qualquer custo levou ao extermínio de várias árvores nobres.

Em 1932, a família Burguer mudou-se para Butiá Verde com o objetivo de explorar a madeira na região. Foram erguidas três casas, dividindo assim a maior parte da fazenda.

A primeira casa ocupada pelo patriarca da família, Sr. Frederico Burguer sua esposa e filhos. A segunda casa foi ocupada pelo Sr. Frederico João Burguer e família e a terceira casa era ocupada por Albano Burguer e família, formando assim um triângulo dentro da Fazenda. (ZIOLKOWSKI, 2011, p. 28).

Os Burguer moraram na Fazenda até início de 1937, quando Augusto Burguer, Filho de Frederico Burguer (patriarca da família) morre de forma violenta. Foi fuzilado em cima de seu cavalo. A origem do crime estaria na insatisfação de alguns posseiros com a forma que foi feita a divisão das Terras; no entanto os culpados nunca foram reconhecidos ou punidos oficialmente. As terras de Frederico João Burguer foram vendidas a família Frey. Já as de Albano Burguer a família Rocha.

Na região entre as Fazendas Liberata e Butiá Verde havia uma grande área com árvores nobres. Este fator despertou o interesse da Família Frey, que necessitava de matéria-prima para sua então fábrica de caixas. Eles buscavam matéria-prima, sendo que onde residiam (Perdizes) a madeira estava se esgotando. Segundo Lopes, “a produção acelerada de madeira e caixas rapidamente esgotou os recursos de matéria-prima. Surgiu então a necessidade de procurar novas reservas mais distantes, que com a falta de estradas causava certa apreensão.”

Iniciam as negociações com a família Ramos, proprietária da fazenda. A família Ramos entraria com a madeira e os Frey com a derrubada e o serrar das toras. Após, a partilha seria feita com 50% para os Ramos e 50% para os Frey. Antes de fechar negócio, Renê e Maria Frey resolvem conhecer a região, saem a cavalo de Perdizes (atual Videira) até a Colônia Marechal Hindenburgo ¹³(atual Dez de Novembro), em trajeto aproximado de 30 km. De Dez de Novembro até o local de implantação da Vila abriram uma picada de 7 km em

¹³ Colônia fundada em 1931, inicialmente para a extração de madeira e posteriormente para produção de trigo. Devido ao processo de nacionalização imposto durante a ditadura Vargas, em 1941, passa a se chamar Dez de Novembro, nome pelo qual é conhecida até os dias de hoje

mata virgem.

Ao longo desses anos [décadas de 1940 e 1950], as terras antes pertencentes aos Ramos e a outros antigos proprietários da região, foram sendo adquiridas pelos Frey, tornando-os praticamente senhores de Butiá Verde. Este fato iria ter grande influência sobre o futuro da região. (BURKE, 1994, p.19).

Em 1938, o negócio entre os Ramos e os Frey foi firmado na base de “Serrar as Meias”, como se dizia. Além de abrir as estradas, os Frey se preocupavam com os possíveis atentados e conflitos por parte dos caboclos na luta pela terra. Apesar de todos os riscos, o setor madeireiro estava em plena expansão em Santa Catarina. Cunha, (1992, p. 47) afirma que, “naquele período o setor madeireiro passou por uma grande expansão. Respondia por 14,8 % da produção industrial catarinense em 1939, chegando, no ano de 1949 a ser responsável por 20,8%”.

2.1.3. – Os Frey de Fraiburgo

A história de Fraiburgo se confunde com a história da família Frey, na versão da família e alguns moradores, empreendedores e desbravadores, que chegaram numa região até então pouco habitada, com pouquíssima infraestrutura, impondo grandes dificuldades de organização produtiva. Para outro grupo de moradores, geralmente os de baixa renda, grileiros que se aproveitaram da mão de obra barata e de incentivos governamentais e acordos políticos para enriquecerem e se apropriar das terras devolutas.

A história da vinda dos Frey para Fraiburgo tem início em 1919, quando o senhor Guilherme Frey, viúvo, pai de quatro filhos e professor em Estrasburgo na Alemanha, decide migrar para a América do Sul. Após o fim da I Guerra Mundial, a região antes pertencente a Alemanha passa para domínio Francês. O governo francês impõe algumas regras aos novos franceses¹⁴, dentre elas o impedimento do ensino do idioma alemão. O senhor Guilherme, era professor de alemão, ficando impossibilitado de exercer sua profissão e muito menos migrar para a Alemanha. É importante lembrar, que neste momento a Europa apresentava alto crescimento populacional, gerando um excedente de mão de obra. Muitos buscaram uma nova oportunidade na América, enquanto outros migraram para a porção setentrional.

O crescimento populacional na Europa, durante o século XIX, gerou um excedente que foi absorvido, em grande parte, pela América. Entre 1820 e 1914 migraram para o continente americano aproximadamente 50 milhões de pessoas. Depois dos Estados Unidos, do Canadá e da Argentina, o Brasil foi o principal destino desses imigrantes. (PAIVA; MOURA, 2008, p13)

¹⁴ Após o domínio francês, o governo determina que todos os alemães que ali habitassem, passariam a ser Franceses, impedindo que seja ensinado o idioma alemão e que os mesmos emigrassem para a Alemanha.

Em 1919, Guilherme Frey e seus quatro filhos, René, Arnoldo, Inês e Joana, saem de navio com destino a América do Sul, sem um destino preestabelecido. Chegando primeiramente no Rio de Janeiro, na cidade de São Gonçalo, na então hospedaria Ilha das Flores¹⁵, onde os imigrantes passavam por uma averiguação, como inspeção médica, registros e entrevistas. Após eram encaminhados para o novo trabalho. Muitos iam para fazendas, onde após a abolição da escravidão em 1888, com a Lei áurea, necessitavam de mão de obra abundante, principalmente nos cafezais. Outro fator que foi levado em consideração foi o desejo do branqueamento da população brasileira.

O imigrante era considerado elemento primordial no processo de transição do trabalho escravo para o livre. O importante era que não faltassem braços para a grande lavoura, sustentáculo da política econômica do período. Por outro lado, projetava-se, nesse grupo, uma ação civilizadora ao se defender um processo de miscigenação que levasse ao embranquecimento da população brasileira (SCHWARCZ, 1993).

O meio oeste catarinense era formado principalmente pela população cabocla, os governantes do Estado Catarinense e do Brasil, acreditavam que esta população não seria capaz de promover um desenvolvimento eficaz a região sul do país. Através das Companhias de colonização, promovem e atraem inúmeros imigrantes europeus, principalmente Alemães e Italianos.

“Imagina você, para eles uma região formada por indígenas e sertanejos do norte e nordeste do país, não poderia dar certo na visão deles, criando essa política de branqueamento, isso é terrível falar...” [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e trabalhador das empresas dos Frey].

Chegando no Rio de Janeiro, Guilherme Frey necessitava decidir se ficaria ou se migraria para outra região do país. Deparando com elevada pobreza e alto número de negros, que na visão do avô de Willy Frey, pessoas mal-encaradas, resolve migrar para o sul do país, ou então para a Argentina, pois era sabedor da presença de imigrantes europeus na região. Chegando em Porto Alegre se depara com elevado número de pessoas falando italiano e alemão, o que desperta nele o interesse pela permanência na localidade. Questiona ao setor de imigração se poderia ficar em Porto Alegre, ao qual lhe solicita documentos, sendo repassado seu passaporte Francês. Assim sendo, recebe o aceite ao pedido, ao tempo que passa a saber que se fosse Alemão deveria ir para a Argentina.

“Meu avô, quando chegou no Rio de Janeiro, na Ilhas da Flores, onde todos os imigrantes passam três dias, algo assim, para averiguação, ele se deparou com pessoas sujas, escuras mal-encaradas, então ele disse: - Aqui eu não quero ficar,

¹⁵ Inspetoria de Terras e Colonização, criada em 1877 objetivando uma averiguação dos imigrantes. Este órgão funcionou até 1966, A criação da hospedaria integrava o conjunto de políticas do Estado Imperial de fomento à imigração.

vamos para o Sul, ou para Argentina, e quando chegou em Porto Alegre, desembarcou e escutou as pessoas falando italiano, alemão e disse: - Ah! Aqui já melhorou um pouco. ” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

Desembarca com seus quatro filhos, desejando dar início a uma nova vida, aproveitando sua profissão, de professor de alemão e de música, principalmente violino e órgão. Coloca um anúncio no jornal oferecendo-se para trabalhar como professor de música e alemão, em alguma comunidade onde se falasse alemão e de preferência em alguma igreja que tivesse órgão. Guilherme recebe o convite de uma igreja evangélica da cidade de Castro, próximo a cidade de Ponta Grossa, no Paraná, mudando-se com seus filhos em 1920. Os irmãos mais velhos René e Arnaldo, arrumam emprego em frigoríficos, onde aprendem a profissão de salameiros. Alguns anos mais tarde, em 1924, René Frey se casa como uma imigrante russa, e em 1926 tem seu primeiro filho, Willy Frey.

No dia 29 de outubro de 1919, Guilherme Frey chegou com a família a seu destino, o município de Triunfo, no Estado do Rio Grande do Sul. Ali permaneceu por dois anos. Após também breve estada no município gaúcho de Panambi, em 1923 transfere-se com os filhos para a cidade de Castro, no Estado do Paraná. (FREY, 2005, p. 24)

Após aprender a profissão de salameiro, René Frey, não deseja permanecer mais como empregado e busca uma melhor condição de vida a sua família. Ficou sabendo da comercialização de terras na região meio oeste catarinense. A localidade onde estavam comercializando terras era de domínio da empresa americana Holding Brazil Railway Company, por assumir a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande.

Em 1930, após receber uma visita de um corretor em Castro¹⁶, René Frey, adquiri um terreno de grande dimensão com uma casa de madeira em Perdizes, atual Videira. René Frey e esposa se deslocam do Paraná de trem e decidem montar um pequeno açougue em Perdizes. O capital do empreendimento foi obtido através da venda da propriedade que possuíam na cidade de Castro. Montou seu pequeno açougue e para conseguir a matéria-prima comprava porcos e bovinos dos imigrantes italianos. A escolha por tal ramo de trabalho está associada a experiência adquirida por René Frey, que aos 17 anos de idade trabalhou no Estado do Paraná em uma fiambreira. O irmão Arnaldo, então com 13 anos, começa a trabalhar na indústria Matarazzo. Ambos adquirem experiência na produção de salames, mortadelas, carnes defumadas, linguiças entre outros produtos. (FREY 2005, p. 48)

Havia uma preocupação, o fato de Perdizes não possuir muitos habitantes, com

¹⁶ René Frey manteve contatos com José Petry, procurador da empresa colonizadora e Alberto Schmidt grande incentivador da fixação de novas famílias na região. FREY. W p.31

reflexos no mercado consumidor, insuficiente para o consumo de um boi por dia. Cabe aqui considerar as dificuldades de armazenagem da carne. Como aponta Lopes (1985, p.33), “a população, ainda reduzida, era insuficiente para consumir a carne de um boi durante a semana e isso representava prejuízo pela ausência de meios de conservação.” Devido ao problema foi organizado um acordo com os irmãos Tilton, açougueiros em Perdizes, do outro lado do rio do Peixe. O abate seria feito em semanas alternadas, contemplando os Frey e os Tilton com a comercializado nas duas comunidades presentes nas margens no rio do Peixe, de um lado os italianos e de outro os alemães. Ao reduzirem os prejuízos da comercialização de carne bovina *in natura* partem para a fabricação de derivados de carnes (bovina e suínas), produzindo todos os tipos de salame, linguiça, queijo, mortadela, salsicha, chouriços, carnes salgadas e defumadas. Dentre os produtos, mereceu destaque o salame e a banha de porco, enviados por trem para São Paulo. Com o aumento da comercialização foi necessário a contratação de mais empregados e a ampliação do negócio.

“Meu pai comprava os porcos dos italianos, e abatia os porcos e fazia banha. Era tudo porco de banha, mandando tudo para São Paulo, São Paulo era um comilão, não havia o que chegasse, e mais e mais e mais, e ele progrediu.... Isso era vendido o que tivesse, de um empregado para dois, cinco... dez”. [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

ESPÍNDOLA (1999) afirma que, a estrutura social do tipo pequena produção mercantil, ao reduzir o tempo gasto na economia natural, ampliava sua produção mercantil simples. Espindola afirma que foi gradativa, transitava para a constituição de uma atividade capitalista. A pequena empresa familiar dos Frey se organiza e passa a ser uma empresa referência no abate de suínos na época.

Após o crescimento dos negócios, construiu um pequeno frigorífico e convida seu irmão como sócio. A chegada de seu irmão Arnaldo potencializou ainda mais a produção, em razão da de grande experiência adquirida em anos de trabalho no frigorífico Matarazzo, na cidade de Castro, no Paraná. Outro fator era o potencial que a região oferecia, com muitos criadores de bovinos e suínos. Fator, que somado a experiência dos Frey no ramo facilitam a acumulação de capital. Segundo Karl Marx, em *O Capital*, “estudando as colônias de povoamento, ele afirma que o produtor que possui condições próprias de trabalho e meios de produção próprios enriquece a si e não ao capitalista”.

Com o crescimento dos negócios em São Paulo, a empresa da família Frey ganha cada vez mais mercado e gera um descontentamento nas empresas que dominavam o mercado na época. O frigorífero Fritz Lorenz, de Pomerode-SC, que dominava o mercado na capital Paulista, percebendo uma redução de suas vendas, busca informações em São Paulo acerca da

empresa concorrente. Tratava-se da empresa dos Frey, sediada em Perdizes, meio oeste catarinense. O Sr. Fritz Lorenz se desloca para Santa Catarina para conhecer a família Frey e a empresa que provocara a redução nas vendas do seu frigorífico. Ao chegar na cidade, de imediato se depara com a significativa quantidade de matéria-prima, pois haviam muitos italianos que criavam porcos. Isso empolga Fritz, que decide montar um grande frigorífico na região, além de aproveitar a oferta de matéria-prima, cuja oferta dava mostras de escassear no alto vale do Itajaí, poderia dificultar os negócios da família Frey e num futuro próximo livrá-lo da concorrência em São Paulo.

Montou uma superestrutura, com equipamentos modernos e mandou seu genro Wolf como gerente, na opinião de Willy Frey, ele não demonstrando muita vontade e eficiência em administrar os negócios de seu sogro, a empresa de Fritz Lorenz não consegue matéria prima necessária, tendo assim uma baixa produção, perdendo muito dinheiro e em dois anos é obrigado a vender o Frigorífico aos Frey, sendo esse negócio a origem da empresa Perdigão.

“ O Wolf era um cara preguiçoso, que só fumava, bebia, genro e tal... e para conseguir porcos, tem que andar a cavalo, negociar com os italianos, levar umas pingas para eles, e negociar, conversa e tal... E esse Wolf não iria fazer isso, nem sabia, ficou dois anos só perdendo dinheiro... no fim Fritz Lorenz veio com as calças nas mãos oferecendo a empresa para o meu pai. Meu pai disse compro, mas eu quero prazo, um longo prazo... como não tinha para quem vender, aceitou”
[Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Com o fechamento do frigorífero Fritz Lorenz, em 1938, os irmãos Frey formam uma sociedade com Luís Kellermann, Técnico do frigorífero Fritz Lorenz. (Figura 3). O objetivo era levantar ainda recursos financeiros para investir nos negócios. A sociedade passa-se chama Sociedade Catarinense Casa da Banha Ltda.

Figura 3 – Posto de Vendas de produtos Suínos Frey e Kellermann em Perdizes



Fonte – Extraído do livro Lá nos Frai de FREY, W, 2005. p.36

No mesmo período, René vislumbra uma oportunidade de negócio a partir de uma necessidade de retirada da mata em área de colonização notadamente de imigrantes alemães e italianos, que objetivavam a criação de animais de pequeno porte e cultivo de alimentos. A derrubada da vegetação se fazia integralmente com o uso do machado e da foice. O que expõe as dificuldades enfrentadas à época. Vale ressaltar, a terra tinha grande valor sem a presença de vegetação de porte.

“ ... Imagine você se fosse receber com sua família uma terra, mata virgem, cheia de pinheiros. E você queria criar galinhas, porcos, querendo plantar milho, feijão. E era tudo mato, mato, mata virgem. Nesta época não tinha motosserras, começaram a derrubar a base da foice e machados, começaram a derrubar, derrubar, derrubar. A terra só tinha valor, se não tivesse mais mata. Os imigrantes usavam um pouco da madeira para construir suas casas, mas 90% sobrava e era queimado ou apodrecia, não tinha indústria de madeira” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Então, René monta uma pequena serraria para construção de casa e galpões e após caixas para transportar uva, ao perceber tal nicho de mercado, em área de presença de muitos imigrantes italianos e produtora de uva.

“ ... Os italianos, porque tinha muito italiano, e eles produziam muita uva, para ter vinho. Uva do tipo Isabela, uma uva vagabunda, mas cada pé produz bastante, mas sem qualidade e mandavam tudo para São Paulo... Dali a pouco tinha tanta uva, tu sabes que o nome Videira vem daí... para mandar... São Paulo, não havia embalagem, não havia papelão, era tudo de caixa. Então meu pai teve uma ideia, vou montar uma pequena fábrica de caixas, que virou grande. Com cinquenta, sessenta funcionários. ” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Como a produção de uva era elevada a necessidade na produção de caixas igualmente a era, porém cabe salientar aqui o caráter sazonal da colheita. A fabricação de tábuas e caixas tornaram René e Arnaldo também madeireiros. Com o aumento da produção, a madeira oriunda da limpeza e terrenos foi se esgotando, abrindo espaço para que a serraria se tornasse uma produção nômade, instalada em pequenos galpões em áreas de presença de matéria prima. Algo presente na região, à época. Com o passar do tempo, René passou a ter mais de uma serraria, uma em Anta Gorda (Figura 4) e outra em Rio das Pedras. Com a grande produção, a cada dois anos em média, acabava rapidamente a madeira local. O que dificultava e muito a produção, pois as madeiras eram transportadas por bois, em estradas precárias, puxadas por longas distâncias. A maior parte da madeira tinha como destino o Porto de São Francisco do Sul¹⁷, enviadas as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A demanda do negócio da madeira era tão expressiva a ponto da família Frey possuir depósito para armazenagem próprio no Porto.

¹⁷ O depósito foi alugado com o objetivo de facilitar o armazenamento e a logística. A distância é de aproximadamente 370 km

Figura 4 – Imagem da Serraria na localidade de Anta Gorda- Videira-SC, em 1935



Fonte: Extraído do livro Lá nos Frai de FREY,W. 2005. P.52

A falta de matéria-prima na região, somado a dificuldade de transporte das madeiras até as serrarias, fez com que os irmãos Frey buscassem uma área com grandes reservas de madeira e assim evitar os recorrentes deslocamentos envoltos a serraria nômade. A poucos quilômetros de Perdizes, havia uma área entre as Fazendas Butiá Verde e Liberata, com uma representativa quantidade de Araucárias, despertando o interesse dos irmãos, que tomam conhecimento que as terras pertencem a família Ramos.

“Meu pai disse: Eu preciso achar uma grande área de terra com grandes reservas de pinheiros, onde eu possa montar uma indústria, com matéria prima para um longo prazo... Em Santa catarina não existia nada, nem uma estrada, fora dessa área ao lado da ferrovia de 15 km, era tudo terras devolutas... e o brasileiro é muito safadinho e naquela época não era diferente, o governador de Santa Catarina era Aristiliano Ramos, e ele conseguiu com governo federal a doação dessas terras que eram devolutas para sua família... toda família de Lages, eram Lageanos. Eles eram donos dessas propriedades a muito tempo. ” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Não tendo capital para comprar a área, René faz então uma proposta a família Ramos: montar uma serraria na região com a extração da mata e divisão igual de lucros, “serrar a meias”. À época, os donos das serrarias não compravam as propriedades, faziam acordos com os donos das terras, onde a metade do valor recebido com a extração dos pinheiros, era dividido 50% para cada uma das partes.

“Na época a moda era essa, ninguém precisava comprar o pinheiro, ou uma grande área de terra, cortava as meias, cada fim de mês dividia a produção. Assim foi feito o negócio e assim começou Fraiburgo, com um acordo que meu pai fez com a família Ramos. ” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

A fazenda Butiá Verde, de propriedade do Sr. Belizardo, que veio a falecer, foi

dividida entre os filhos e genros. Com o passar do tempo, um dos genros não tendo mais interesse nas terras oferece a René Frey, que efetivou o negócio, uma compra com pagamento no longo prazo. Não demorou muito para os demais irmãos e genros oferecerem suas partes a família Frey, que em pouco tempo já era dona de toda a fazenda Butiá Verde. A compra das partes da fazenda se deu a prazo, com juros de 1% ao mês e sete anos para ser quitada. René faz um excelente negócio, por não haver correção monetária, que somado ao quadro inflacionário, o valor a ser pago foi reduzido a preços irrisórios pela desvalorização da moeda. Com o tempo a família Frey adquiri as terras que pertenciam aos Ramos, tornando-se proprietária de quase toda a localidade.

“Uns anos depois, um genro chega e fala: - O Frey, o senhor não quer comprar minhas terras, pode pagar a prazo. E assim foi feito o negócio, com o passar do tempo veio um, veio outro, os filhos e no fim da história o meu pai recomprou toda a fazenda Butiá Verde, ficou dono de tudo. Mas houve um fator de sorte nisso aí tudo. Compravam propriedades a prazo..., com juros de 1% ao mês e tal, mas veio a inflação galopante e no fim quando chegava para pagar as terras era baratíssimo, pois a inflação comeu tudo, teve muita sorte de comprar nessas condições, foi um negócio da China. ” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Em 1938, René e Arnaldo, dão início a construção da serraria, uma tarefa nada fácil, em razão das dificuldades de acesso à região, o inverno rigoroso de Fraiburgo que se aproximava, restando acelerar o processo de implantação. De imediato, fazem primeiramente os alojamentos para os trabalhadores, porém a construção da serraria não é concluída antes do inverno. De acordo com Lopes (1984), no inverno de 1938 ocorreu 41 geadas, com a presença de neve em alguns dias, acarretando atrasos na construção da serraria.

“No decorrer da estação foram registradas 41 geadas. A neve também chegou a acumular a altura das janelas e, para impedir que penetrasse nos quartos entulhavam as frestas de jornal, folhas secas, roupas velhas, enfim o que aparecesse. ” (LOPES, 1984, p. 71).

Em 1939 houve a inauguração da serraria em Butiá Verde (figura 5), apesar de todas as adversidades, a necessidade da obtenção da matéria prima para abastecer a fábrica de caixas, motivou aos Frey dispor de um grande empenho.

Figura 5– Festa de inauguração da serraria em Butiá Verde em 1939



Fonte-Extraído do livro Reflorestar é a solução de FREY, W. p.36

Além da tarefa de construir uma nova serraria, a família Frey tinha que tocar os negócios em Perdizes (a fábrica de caixas e o frigorífico). A distância e más condições das estradas, dificultavam muito a administração de suas empresas. Nesta época, algo inesperado aconteceu, exigindo muito empenho e superação dos Frey. Um incêndio destrói a fábrica de caixas em Perdizes, gerando perda total.

De acordo com LOPES, 1984, p. 72,

“Era agosto de 1941, dia 12. Nessa noite, os moradores de Perdizes, acordaram com o alarme de tiros, sino tocando, gritos, correria, enfim, um movimento que ali se tornara comum pela frequente repetição. Pelo enorme clarão que se espalhou logo deduziu que se tratava de mais um incêndio. Era a fábrica de caixas dos irmãos Frey”.

Um incêndio na fábrica de caixa dos Frey em Perdizes reduziu a cinzas a serraria, sendo o prejuízo total já que a fábrica não estava no seguro. O que repercutiu negativamente no comércio local, incluindo a suspensão do crédito a firma dos Irmãos Frey. Todos estes acontecimentos fazem a família repensar em seus negócios. Primeiramente os Frey decidem vender sua parte na Sociedade Catarinense Casa da Banha buscando a recapitalização. A firma Ponzoni, Brandalize & Cia se interessam e adquirem a fábrica. Eis o embrião da Perdigão S.A, atualmente pertencente ao Grupo BRF. René Frey igualmente obteve em São Paulo sucesso na renegociação com fornecedores, significando o alongamento das dívidas e a obtenção de novo empréstimo no valor de \$ 80.000 (oitenta mil réis). O valor foi suficiente pagar além das

dívidas com fornecedores no meio oeste, comprar caldeira¹⁸ (Figura 6). Estas ações fazem com que os Frey reconquistem a confiança dos fornecedores locais.

Figura 6- Transporte da Caldeira de Perdizes a Butiá Verde – 1941



Fonte: Extraído do livro Lá nos Fray de FREY,W. 2005. p. 62.

O próximo passo foi a mudança em definitivo para Butiá Verde. A mudança facilitaria a dedicação no novo empreendimento. (Fig. 7).

Figura 7- Primeira residência da família Frey em Fraiburgo-SC



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.52.

¹⁸ Caldeira é um recipiente cuja função é, entre muitas, a produção de vapor através do aquecimento da água. Nas serrarias tinham a função de mover as serras.

Com a fixação da família Frey em definitivo em Fraiburgo, objetivando a instalação da serraria, a combinação extrativista ganha força, gerando assim mais capital, desenvolvimento e transformações no espaço geográfico.

2.2. Combinações Geográficas em Fraiburgo- Da Extração das Araucárias a produção de grãos.

O uso da terra e os demais recursos naturais pela espécie humana, da forma individual ou coletiva para a sua sobrevivência, exige conhecimento dos fatores físicos, sociais e políticos do espaço geográfico ocupado. Milton Santos afirma, “cada grupo humano construía seu espaço de vida com técnicas que inventava para tirar do seu pedaço da natureza os elementos indispensáveis à sua sobrevivência”

Baseando-se pelos estudos de André Cholley, onde procurava teorizar fatos geográficos diferentes, sejam físicos ou humanos, onde estes resultavam de uma combinação de múltiplas influências. Físicas, biológicas, humanas, dentre outras. Estas interações, podem ser muito complexas, onde a intervenção em um dos elementos, pode modificar o todo, ou até gerar uma reação em cadeia. Assim sendo, é importante descobrir o dinamismo de uma combinação, sua extensão espacial, seu crescimento em detrimento de outras combinações.

Faremos um recorte no tempo e espaço, para descrever a evolução da cidade de Fraiburgo, a partir de suas combinações geográficas. A região que hoje corresponde Fraiburgo, uma área com topografia relativamente plana, com 1.048 m de altitude, um clima subtropical mesotérmico úmido, com chuvas bem distribuídas e com verões amenos. Com uma vegetação ombrófila mista (Floresta de Araucária), com árvores tradicionais e centenárias, como a Imbuia, Cedro, Pinheiros e Canela, com grande valor comercial. Essas características físicas associadas ao potencial extrativista são os fatores necessários para o surgimento da primeira combinação (extrativismo vegetal).

As primeiras práticas conhecidas para acumulação do capital na cidade se referem a produção de fibras de butiazeiros, feitos com a crina da planta, onde em maquinários bem rudimentares, movidos a água, desfiavam as folhas dando origem as fibras, utilizadas para forrar colchões de militares e bancos de automóveis.

“Toda a parte de revestimento de carro, principalmente cama de militares eram feitos com essa fibra. Não existia espuma! A demanda era muito grande. Ali onde é a Fisher hoje, existia uma queda d'água que era utilizada para mover o maquinário, para desfiar o butiá.” [Entrevista com Rafael Borges, Dr. em engenharia agrônoma, filho de Luiz Borges Junior, Engenheiro Agrônomo da empresa dos Frey].

A economia ligada a extração das folhas do butiazeiro, logo deixa de ser um grande

negócio. A concorrência com produtos mais modernos, promovem o fim da produção de fibras na região. As formas rudimentares de produção, além da necessidade de grande mão de obra, promovem o fim da produção de fibras na região.

A combinação extrativista, foi a que deu origem a cidade de Fraiburgo, vimos anteriormente, que as formas de acumulação de capital existentes na área onde está localizada a atual Fraiburgo, eram de subsistência. Primeiramente os indígenas e posteriormente os caboclos. Não existindo a produção de excedentes por estes. Sendo assim, consideramos a família Frey a implantadora da primeira combinação geográfica. Com o capital adquirido no desenvolvimento de seus negócios em Perdizes, a família decide instalar uma grande serraria em Butiá Verde. Na região já havia pequenas serrarias nômades, porém, o objetivo dos Frey após o acordo firmado com família Ramos era dominar o setor, levando em consideração a grande área disponível com para exploração das araucárias.

2.2.1 Da consolidação da colônia ao fim da combinação extrativista

Figura 8- Cronologia temporal da ocupação do espaço na região de Fraiburgo



Sabedor que árdua tarefa de implantação da serraria, René determina o início dos trabalhos reunindo uma equipe de oito homens para dar início a abertura de estradas (Figura 9), cuja a pressa na construção visava o aproveitamento dos dias mais longos do verão. Além disso, o clima subtropical úmido da região, com invernos rigorosos, onde é comum a geada em dias de inverno, poderia dificultar os trabalhos de implantação da serraria.

Figura 9 – Abertura das primeiras Estradas entre Perdizes e Butiá Verde.



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.41.

Aproveitando a abundância da vegetação constroem os alojamentos, com troncos de xaxim e o telhado com folhas de butiazeiros (Figura 10). A seguir, começam a erguer a serraria e com a chegada de novos trabalhadores tem-se a necessidade de ampliar os alojamentos, agora com toras roliças e divisões internas e janelas, ao todo foram feitos 17 quartos.

Figura 10- Construção do primeiro alojamento pelos Frey.



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.39.

A construção precisava ficar pronta antes da chegada do inverno, posto que o frio intenso na região dificultaria ainda mais a instalação da serraria. Apesar da escassez de

recursos, conseguiram obter êxito da tarefa após dois anos de trabalho. Após a abertura das estradas, puderam transportar os tijolos para a construção do fogão e um forno para assar pão. As camas foram feitas com sacos de panos recheados com palhas de milho.

Nesta mesma década, já com o projeto da serraria em andamento, a firma René Frey & irmão cria sua própria moeda, denominada cachê (figura 11), com o objetivo de a criação da mesma facilitar o comércio na localidade. Esta estratégia foi utilizada principalmente, pela crise que a empresa se encontrava. Os empregados aceitaram bem o implemento da “moeda” e apelidaram de cachê. Segundo Willy Frey (2005, 63p) “Nessa fase difícil que, felizmente, foi temporária e superada com destemor e êxito, são de ressaltar a abnegação, o desprendimento, a confiança e colaboração irrestrita e contínua de seus empregados”.

Claro que está era a visão da firma. Percebe-se que existia uma relação de dependência com o trabalho, em relação à empresa da família Frey, em Fraiburgo, onde os trabalhadores eram obrigados além de trabalhar em suas serrarias, deveriam adquirir suas mercadorias, além do serviço prestado, depositavam o que ganhava no armazém da própria empresa. A mesma ganhava duas vezes, a mais valia ¹⁹da exploração da mão de obra de seus empregados e os lucros obtidos nos produtos comercializados em seus armazéns. A denominada moeda idealizada pelos Frey, nada mais era que um vale, onde os empregados a utilizavam para comprar alimentos nos comércios da família.

De acordo com Willy Frey (2005, p63)

“ No desenvolver de suas atividades, por volta de 1949, os operários da serraria, recebiam seus salários em vales, que eram utilizados na aquisição de gêneros alimentícios. E formato de moeda, a empresa passou a imprimir vales em papelão grosso de 5 a 10 mm, que circulavam livremente em Butiá Verde. A população chamou este de vale cachê. ”

¹⁹ Mais valia é uma expressão do âmbito econômico, criada por Karl Marx que significa que parte do valor da força de trabalho dispendida por um determinado trabalhador na produção e que não é remunerado pelo patrão.

Figura 11- Moeda criada pelos irmãos Frey, denominada Cachê.



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.50.

Após a aquisição do empréstimo em São Paulo, os irmãos Frey comprar uma caldeira. Devendo ser transportada de São Paulo à Perdizes e depois levada até Butiá Verde, para ser utilizada na serraria. Chegando em Perdizes, o objetivo agora era levar a caldeira até Butiá Verde para colocar a serraria em pleno funcionamento. Para esta tarefa foram recrutados 13 homens, que além das estradas de péssima qualidade, tinham rios a serem atravessados. Para facilitar o processo de transporte, junto ao caminhão foram amarrados quatro bois de cada lado, tentando impedir que o caminhão derrapasse para algum barranco ou pirambeiras. A preocupação no Rio das Pedras (hoje zona industrial de Videira), era além da travessia do rio, as pedras lisas e o forte declive da estrada para o rio. Para esta tarefa, de aproximadamente 30 km, levou-se cinco dias inteiros. (Figura 12).

A grande mata das araucárias, desperta o interesse de outras serrarias, as mesmas foram se instalando na região, algumas nômades, que exploravam todo o Pinheiro existentes e depois migravam para outra área em busca de mais matéria-prima. Para BRANDT, M 2005, p 252 “Grande parte destas serrarias possuíam caráter nômade, ou seja, a medida que as árvores economicamente viáveis de uma certa área acabavam, desmontavam as instalações e partiam em busca de um novo pinheiral. ” Este processo de nomadismo, foi determinante para a aceleração da degradação da vegetação de araucária. Este processo acontece nas cidades do entorno, como Monte Carlo, Lebon Régis e Rio das Antas.

Figura 12 – Empregados em Rio das Pedras, levando maquinário



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.48.

Diferente destas Serrarias itinerantes, o empreendimento dos irmãos Frey era mais sólido e permanente. Com isso, ao redor das serrarias deu origem a uma pequena Vila. Está passou a ser chamada Butiá Verde, deixando para trás o antigo nome de Campo da Dúvida. Aos poucos os Frey, com o dinheiro arrecadado, foram comprando a parte das terras dos Ramos.

De acordo com BRANDT, M (2005, 253p)

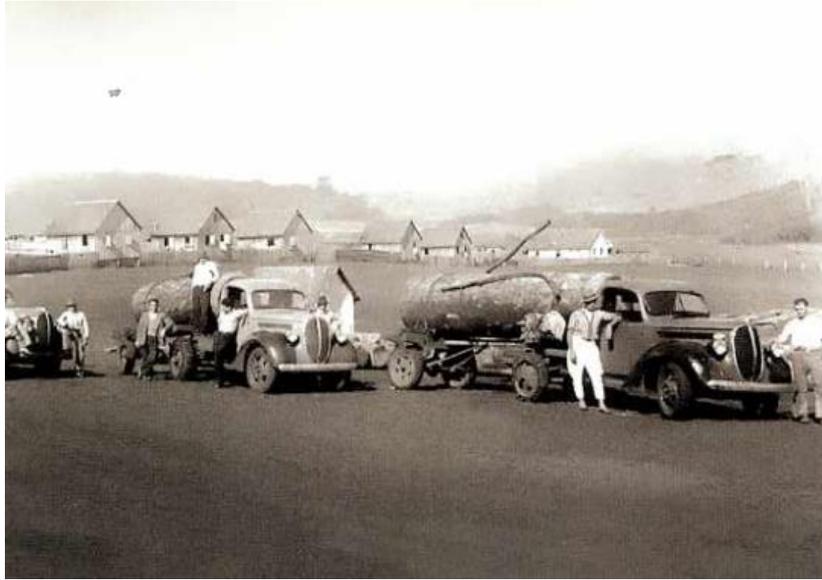
“Ao passo que os pinheiros serrados com base no acordo de serra as meias eram derrubadas, os Frey passaram a adquirir as terras até então pertencentes aos Ramos até possuírem todas as terras da família, que conforme Willy Frey compreendiam 5000 Hectares.”

Em 1946, os irmãos Frey adquirem um motosserra, este equipamento substitui o trabalho braçal no corte de árvores. Na mesma época, a empresa compra novos caminhões mais potentes, substituindo os antigos Ford 1939, esses caminhões também eram movidos a gasogênio (Figura 13), para o transporte das madeiras, anteriormente, eram puxadas por bois, com o crescimento da serraria passam a ser transportadas por caminhões. Assim sendo, os investimentos feitos pelos irmãos Frey, com maquinário mais moderno, e agora uma nova frota de caminhões, potencializaram os negócios da empresa, gerando um aumento significativo na aquisição de capital.

Segundo Willy Frey (2005,73p)

“Com a gasolina racionada no período da Guerra, os caminhões Ford tinham seus motores adaptados para funcionar a gasogênio. Ao queimar, a madeira seca produzia o gás que alimentava os motores, para tração do veículo. Os caminhões possuíam duas caixas acopladas, para formar marcha super-reduzida.”

Figura 13– Caminhões da empresa transportando as toras, ao fundo as casas dos operários



Fonte – Extraído do livro Lá nos Frey de FREY, W. 2005. p. 73.

A partir da década de 50, os irmãos Frey procuram adquirir novas terras, vizinhas as suas, a fim de aumentar suas propriedades e conseqüentemente, mais pinheiros. A compra é feita de Frederico João Burguer, nesta compra não estava incluso os pinheiros com diâmetro acima de 45 centímetros, pois estes já estavam acordados em um contrato anterior. Cerca de 17.000 pinheiros já tinham sido negociados.

Segundo BURKE,T apud BRANDT, M. 2005, 253p)

“Ao longo desses anos (décadas de 1940 e 1950), as terras antes pertencentes aos Ramos e a outros antigos proprietários da região, foram sendo adquiridas pelos Frey, tornando-os praticamente senhores de Butiá Verde. Este fato iria ter grande influência sobre o futuro da região”.

A família Frey teve papel importante na organização da produção extrativista da região, bem como no ordenamento pertinente a produção, ao consumo e a circulação de mercadorias. Com a implantação de suas primeiras serrarias, a vila começa a surgir, atrai pessoas, infraestruturas são criadas, possibilitando assim uma produção de mercadorias e conseqüentemente capital.

O Capital, obra seminal de Marx, revela dois elementos que o compõem, formando uma oposição, o valor de uso e o valor de troca. Marx, mostra de que modo o dinheiro aparece

como uma forma universal de equivalência do valor de todas as mercadorias. Essas mercadorias, são produzidas para serem trocadas por dinheiro, gerando assim um capital a quem as produz, transporta e comercializa. Obviamente Marx ressalta, que por trás desses objetos mercadoria, dinheiro e capital, existem pessoas. Pessoas essas que movimentam e se movimentam em funções desses a fim de ganhar dinheiro e que o capital lhes dê um emprego. São esses objetos que pautam as vidas das pessoas.

MARX (1989, p.27) afirma, que a mercadoria adquire vida própria no capitalismo. Para ele isso significa que organizamos nossas vidas em função desse movimento. Cada vez produzimos menos para o nosso consumo e sim para produzir mercadorias com nossa força de trabalho, ganhando um salário e com ele compramos as mercadorias que nos julgamos necessário para sobreviver. Atualmente num país muito urbano, as pessoas possuem menos condições de produzirem os produtos essenciais para seu uso diário. Fazendo assim, que as pessoas se tornem dependentes não apenas dos produtos essenciais como alimentos e roupas, mas de produtos como luz elétrica e água tratada.

Isso não se encaixa perfeitamente no momento do surgimento da combinação extrativista madeireira, pois a inexistência de estrutura, obrigava a família Frey e os poucos moradores da então Vila a produzirem grande parte do alimento e das necessidades de Butiá Verde. O difícil acesso, e a precariedade nos meios de transporte da época, bem como a falta de energia elétrica, exigiam das pessoas deste lugar uma cooperação. Obviamente que aos trabalhadores era oferecido condições precárias de sobrevivência, o interesse da família Frey era restrito a disponibilidade de mão de obra. Isso se comprova, pois durante muito tempo, as casas construídas pela empresa não eram de posse dos trabalhadores, elas serviam como alojamentos, onde eles recebiam além dessas ditas benesses, as refeições diárias.

A comunidade se desenvolve e a cada ano novas formas de acumulação de capital são criadas paralelamente a combinação extrativista. Outras famílias migram e com a autorização dos Frey criam pequenos comércios, os quais não interessavam a família Frey, a exemplo de barbearia e alfaiataria, muitos negócios de empreendedores de origem alemã ou italiana. Ressalta-se que, mesmo apresentando habilidades profissionais, não era permitido aos caboclos a abertura de seus comércios, pois não tinham nada a oferecer além da sua mão de obra.

“Meu pai me falou que todos que desejassem abrir novos negócios deveriam oferecer uma contrapartida aos Frey, seja financeira em espécie ou uma sociedade no empreendimento que desejassem abrir, o importante era manter o controle de quem chegava na vila dos Frey, eles escolhiam diretamente quem poderia se estabelecer.” [Entrevista realizada no dia 20/04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele

mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

Com a falta de prática do manejo e a escassez das Araucárias, surgiu outra combinação, a frutífera. Buscou-se primeiramente a produção de uvas, muito influenciado pela cidade vizinha Videira e sua colônia de Italianos. Esta não vira uma combinação geográfica, sendo apenas uma transição para a então combinação macieira. Veremos que vários fatores levaram ao surgimento desta.

A cidade então já emancipada surge de Curitiba, denominada Fraiburgo, desenvolve as condições para o surgimento da combinação macieira. Partindo do pressuposto de Cholley, Fraiburgo possibilitaria condições para o desenvolvimento de tal combinação. Os elementos físicos (clima subtropical, de região temperada e relevo planalto) e humanos (o conhecimento do desenvolvimento da cultura macieira e o capital acumulado no decorrer dos anos), foram os principais condicionantes para esta possibilidade. A seguir aprofundar-se-á com mais detalhe a referida combinação geográfica.

Com o crescimento do extrativismo na região, a paisagem²⁰ vai sendo transformada. Anteriormente a madeira era um empecilho para a criação de gado bovino. Quando o dinheiro passa a ser o fator principal para a aquisição do capital, temos uma mudança significativa na paisagem, na sociedade, no espaço.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. (SANTOS, 1996, p. 37).

Com a tecnificação da serraria, o processo de extrativismo se intensifica, este processo colaborou de forma decisiva na redução dos espaços onde existia a criação de animais soltos. O aceleração da devastação, aumenta a velocidade das transformações socioespaciais da região. Na década de 60 já havia uma certa escassez de pinheiros. Com a decadência das madeiras, devido à escassez da mata das araucárias, e a falta de conhecimento de manejo, fez com que os irmãos Frey buscassem outras alternativas. Dando início então a uma mudança de combinações, do extrativismo das araucárias para a maçã. Sendo que houve uma transição entre tais combinações.

A área de terras era coberta por mata centenária, com imbuías enormes, pinheiros altivos, canelas soberbas, cedros vigorosos e outras árvores de grande porte. Fazer a derrubada da mata, destocar o terreno, com auxílio de tratores, foi um trabalho exaustivo e pessoalmente comandado, de sol a sol,

²⁰ Paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza". Ou ainda, A paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos. (SANTOS, M, 1988, 21p)

por René Frey. FREY, W. (2002, 17p)

Preocupados com o fim do extrativismo, Willy Frey, morando no Rio de Janeiro, onde representava os negócios da empresa, mesmo assim, vinha uma vez por mês a Fraiburgo, onde permanecia pelo menos quinze dias. Willy aproveitava para tentar convencer os colonos e proprietários de terras sobre as vantagens do reflorestamento em relação as áreas impróprias para a lavoura.

Contudo os madeireiros da região estavam incrédulos, principalmente que era um investimento a longo prazo. Sem esperar pela colaboração dos colonos e proprietários de terras, Willy cria o primeiro viveiro para produção de mudas. Foi feita a escolha pelo Pinus, uma planta natural dos Estados Unidos, das regiões muito frias, o que dificultou um pouco a aclimação da espécie em Fraiburgo. Como os proprietários estavam desacreditados da possibilidade de lucros, ficou a cargo apenas dos Frey a criação da primeira floresta artificial na região, sendo que a família possuía grandes áreas de terras disponíveis.

Após o esgotamento do ciclo madeireiro, sobrando poucas espécies com potencial de serem extraídas, os investimentos no reflorestamento com pinus ainda estavam no início. Apesar da família Frey ter uma certa variedade de negócios, buscou-se outras alternativas, que suprissem as perdas de fomento do capital. Foi então, que os irmãos Frey, buscaram formar novas parcerias, tentando então suprir a crise de tal combinação.

Dando continuidade à expansão dos negócios, em 1956, os irmãos Frey montam uma vinícola, para a produção de vinhos artesanais. A cantina Marly é em homenagem as esposas dos irmãos Frey e também irmãs, Maria e Lydia. A empresa dos Frey, desejavam atrair investidores. Com isso colocaram anúncios em vários jornais de circulação nos grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta época, grande parte dos negócios da família, vinham da venda de caixas de madeira para São Paulo, o destino era a Vinícola Shenk. Devido a crise extrativista, os proprietários da empresa Shenk, intermediaram o encontro entre os Frey e o grupo franco argelino Evrard-Mahler. Os Frey desejavam investir em outro ramo que não fosse o madeireiro e os franco argelinos na produção de uva.

Em 1958, os irmãos Frey, almejando ampliar seus negócios, formam uma nova parceria. Neste ano mantêm os primeiros contatos com Mahler (francês) e Evrard (argelino), especialistas em fruticultura, objetivando a transferência de conhecimento e num futuro próximo formar uma empresa neste ramo.

Na década de 1960, temos o início da escassez da madeira, o que dificultava os negócios da família. A redução das vendas de suas caixas de madeira para a empresa Brahma, que começam a adotar caixas plásticas. Willy fica preocupado com a queda das vendas e em

conversa com seu pai aponta as dificuldades.

Em 1962, os irmãos Frey, criam duas empresas Vinícola Fraiburgo/S.A, denominada, Sociedade Vinícola Fraiburgo Ltda e a SAFRA. O objetivo da primeira era comprar e produzir frutas, principalmente a uva, vinificando e industrializando as frutas para comercializar. A primeira ideia era investir na produção de frutas de clima temperado como a uva e maçã. Receberam então, a visita do pesquisador francês George Delbard, que veio a convite do governo federal à região sul do país, a fim de realizar estudos e ver a viabilidade da implantação de projetos com a fruticultura.

Segundo Schimdt, W, (1998 p 85)

A moderna pomicultura brasileira surgiu em 1962, através da Safra – Sociedade Agrícola Fraiburgo Ltda, empresa tripartite formada pelos Senhores René e Arnoldo Frey - fundadores de Fraiburgo (situada no Oeste do Estado de Santa Catarina), os Senhores Gabriel Evrard, Henri Evrard e Roland Mayer - empresários franco argelinos e o Sr. Albert Mahler – empresário europeu. Para melhor conhecer as potencialidades da região, a Safra implantou um grande pomar experimental, onde foram plantadas todas as espécies temperadas com valor comercial, dando ênfase a uva, maçã e frutas de caroço. O pomar experimental abrangia mais de 42 hectares e era dirigido tecnicamente pelo engenheiro Agrônomo Roger Biau, que trabalhava com os Evrard na Argélia.

Foi então, que René Frey visitou o grupo Viti-vini-fruticultura Evrard-Mahler na Argélia. Ficou muito impressionado com o desenvolvimento da fruticultura naquele país, a ponto de convidar os dirigentes da empresa a desenvolverem a atividade no Brasil, caso tivessem que deixar o país, em virtude de problemas políticos relacionados à Guerra de independência que ocorria na ocasião (BLEICHER,2002).

Segundo Klanovicz e Nodari (2010. p120)

Os Mahler-Evrard e os Frey tinham interesses convergentes: os franco argelinos pretendiam investir no ramo de fruticultura e produção de vinhos e os Frey queriam deslocar seus investimentos do ramo de extração para quaisquer outros. Os Franco argelinos precisavam sair da Argélia para não perderem investimentos num país em convulsão devido ao processo de descolonização.

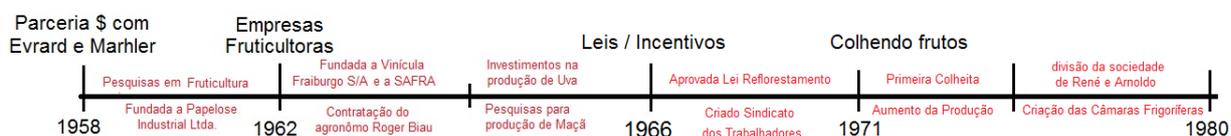
Os Mahler-Evrard tinha grande experiência na produção de uvas e vinhos, os Frey já tinha iniciado a produção de vinho, mas ainda não produziam vinhos finos, apenas os artesanais. Por outro lado, os Frey tinham bastante terras disponíveis, apesar de não terem muita experiência no cultivo. A aproximação de interesses resultou numa sociedade na qual os Frey investiram mil hectares no plantio de frutas temperadas e uvas, enquanto os Mahler-Evrard aplicaram capital financeiro no projeto (EVRARD, 2003).

Com a chegada do grupo Franco argelino Mahler e Evrard, fundam a Papelose Industrial Ltda., na produção de Pasta Mecânica (celulose). Utilizavam as sobras de madeira

de pinheiro das serrarias da região. No mesmo ano, frutos desta sociedade, fundam a segunda empresa, a Sociedade Agrícola Fraiburgo, conhecida como Safra, e a Sociedade Vinícola Fraiburgo, destinada a produção de uva e vinho. Os irmãos Frey entraram com 1.000 hectares de terras e grupo franco argelino com o capital necessário para expandir a produção de uvas e modernizar a produção de vinhos, sendo que cada sócio ficou com 33% do capital (FREY, W, 2005, p97).

2.2.2. Transição das Combinações Geográficas – Extrativista à Macieira

Figura 14 – Cronologia temporal da ocupação do espaço na região de Fraiburgo



Em 1960, Butiá Verde pertencia a Curitibanos, e muitos candidatos a vereadores iam no então distrito, para pedir votos. Um deles falou que se ganhasse as eleições iria propor que o então distrito virasse município. René liga para Willy e consulta sobre a possibilidade, e Willy fala ao pai que seria muito importante para o desenvolvimento da região. René então foi atrás de alguns políticos em Florianópolis, e no dia 31 de dezembro de 1961, Butiá Verde é declarada o mais novo município catarinense, desmembrando parte de Videira e outra de Curitibanos. Sendo René Frey o primeiro prefeito eleito.

Willy, morando no Rio de Janeiro, onde crescia o movimento contra a construção de Brasília, nesta mesma época, muitas desses, falavam em fazer projetos urbanístico. Willy possuía um amigo urbanista, dessa vertente contrária a construção de Brasília e solicita a ele que fizesse um projeto urbano para Butiá Verde, que na época possuía cerca de mil habitantes. Seu amigo aceita e juntos eles chegam na nova cidade e medem tudo com curvas de nível, que na época era uma grande novidade. Após o grande levantamento, o projeto é feito para uma cidade de cinco mil habitantes.

Nesta época, Willy pensando em atrair investidores e novos moradores para Butiá Verde, faz um anúncio no jornal Estadão de São Paulo.

“Eu fiz um anúncio no jornal Estadão, que era o jornal mais importante do país. O anúncio era assim: - Novo município em Santa Catarina, procura pessoas e capitais que queiram começar a desenvolver atividades com fruticultura, na produção de vinho, ou moinhos de trigo e pecuária” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

O objetivo de Willy deu certo. Um grupo de franceses, que moravam na Argélia, no norte da África, onde desenvolviam a fruticultura, leem o anúncio e entram em contato com os Frey para conhecer a região. A Argélia estava passando pelo processo de descolonização, os franceses que lá viviam eram perseguidos. Então o governo francês, dava dinheiro para os franceses que tinham negócios na Argélia, para se retirar do país africano. Sendo assim o dinheiro que as famílias Mahler e Evrard, investem esse capital no Brasil. As primeiras conversas com a família Frey, eles solicitam uma área com mil hectares, que foi vendido pelo valor de 100.000 dólares americanos. Nessa negociação foi proposta uma sociedade entre os franceses e os Frey. Nesse acordo firmado ficou 1/3 para os Mahler, 1/3 para os Evrard e 1/3 para os Frey. Ficando a presidência da sociedade para os Frey.

Willy fica sabendo, que na Europa havia um grande produtor de frutas, Jorge Del Mar, que deseja adquirir um pedaço de terra no Brasil para desenvolver a fruticultura. É feito contato e montado uma parceria para a construção de um grande viveiro experimental. Sendo esse o grande motor propulsor para o crescimento da maçã no país.

No ano de 1963, procurando ampliar ainda mais os negócios, a SAFRA contrata o agrônomo franco argelino Roger Biau, como diretor técnico. Roger era especialista em fruticultura de clima temperado na França. Primeiramente “Seu Rogê”, como era chamado pela comunidade local, procura melhorar a qualidade da uva produzida em Fraiburgo. Ele ficaria responsável pela preparação das terras, escolha das espécies a serem cultivadas em solo fraiburguense. O modelo de plantio até então adotado era o latada²¹, Roger Biau convence a mudar para o de espaldeiras²², onde apesar da redução da produção há um ganho significativo na qualidade da uva.

Segundo BLEICHER (2002)

Em julho de 1963, assume a direção técnica da SAFRA Roger M. G. Biau, agrônomo franco-argelino, especialista em fruticultura de clima temperado na França e, em 1965, foi convidado George Delbard, um dos maiores viveiristas da Europa e especialistas em fruticultura, para auxiliá-los.

Houve uma grande expansão da área cultivado, fazendo de Fraiburgo, na época, o maior parreiral do Estado de Santa Catarina. A empresa diversifica os produtos produzidos, primeiramente se especializaram na produção de vinhos finos, sendo uma das primeiras empresas a produzirem vinhos com as uvas mais conceituadas do país. Segundo Willy Frey

²¹ Sistema de produção de uvas também conhecido como Pérgola, onde como desvantagem podem gerar sombreamento, afetando a qualidade da gema e qualidade das uvas e vinhos.

²² Sistema de produção de uvas, além de mais barato indicado para solos não tão férteis, facilita a remoção das folhas e a mecanização.

(2005. p81) “além das variedades de uvas já existentes, a empresa introduz no país as viníferas Merlot, Cabernet e Lapasset, abandonando o sistema de latada, passando a usar o de espaldeiras, com melhores resultados práticos”.

Além dos vinhos finos, produzem champanhe, sidras, conhaque e sucos de maçã. Os produtos eram comercializados por autônomos nas principais cidades do país. As marcas criadas pela empresa são, de vinhos finos, Chambourg, Chateau de La Tour e La Reserva Du Patron. Da Cidras e sucos a marca era Fiesta, o Champanhe era Chambourg e o Conhaque o Gaby.

No ano de 1966, o presidente Castelo Branco, instituiu os incentivos fiscais, objetivando despertar maior interesse no reflorestamento. Sabendo da nova lei do Governo federal de incentivo ao reflorestamento, com isenção do imposto de renda em até 50%, os irmãos Frey se interessam ainda mais pelo negócio. Valendo-se dessa nova lei, os Frey em 1967, criam uma nova empresa a Reflorestamento Fraiburgo Ltda. em sociedade com Hugo, e seus primos Egon e Ruy Frey. O primeiro projeto da empresa foi plantar cerca de 340.000 mudas numa área de 150 hectares. No próximo ano, mais que dobrou o plantio de mudas, sendo inseridas 845.000 aproximadamente em 307 hectares.

Ao tomar conhecimento da Lei 5.106, de 1966, Willy Frey (filho de René Frey) cria, em 1967, a empresa Reflorestamento Fraiburgo Ltda. (REFLOR), destinada a captar incentivos fiscais para o reflorestamento. Posteriormente, os próprios irmãos René e Arnaldo Frey criaram, em 1969, a empresa Renar Agropastoril Ltda. SIMIONI E PEREIRA (2001, 442p)

Cabe salientar, que paralelamente ao investimento na fruticultura, a família decide investir em reflorestamento com Pinus, sendo esse um novo ciclo madeireiro na região. Este processo tem grande influência do filho mais velho da família, Willy Frey. Ele fica sabendo de uma lei criada por Castelo Branco, que mudaria e alavancaria os negócios da família Frey. Ele cria a Lei do reflorestamento com isenção de impostos. A região sul do país então estava muito desmatada, quase não existindo mais pinheiro.

“Papai, se você deixar eu volto para Fraiburgo, e monto uma empresa de captação de incentivo, mas eu quero ser o dono da empresa, não quero depender de um ou de outro, não quero mais depender de ninguém. Meu pai falou: _ venha meu filho te recebo de braços abertos. Mas tem uma coisa não vá acreditar que o governo vai dar alguma coisa para você plantar, e não seja bobo de plantar essa porcaria de pinus, de madeira americana. Plante nossas araucárias, isso que é madeira boa.” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Os negócios da família Frey com a maçã estavam crescendo muito, a produção aumentava a cada ano. A família já tinha investimentos em outros setores como a produção de papelose, moinho de trigo, serraria, vinícola e alguns comércios. Dando início agora em outro muito promissor com a REFLOR, empresa de reflorestamento e de captação de investidores.

Em 1967, Willy Frey se muda com sua família, do Rio de Janeiro para Fraiburgo. Monta uma empresa de reflorestamento, chamada Reflorestamento Fraiburgo. Como tinha muito contato no Rio de Janeiro, nesta época as empresas de propaganda estavam crescendo, e ele solicita a uma delas, que preparasse um material especial, para que ele pudesse vender seu novo negócio no Brasil. Nesta apresentação, tinham as vantagens de se reflorestar, sobre a isenção, e sobre o Pinus que aqui no Brasil desenvolvia três vezes mais rápido que nos Estados Unidos. Sua primeira apresentação foi em Joinville-SC, onde ele entra em contato com a associação comercial da cidade, e solicita um espaço na próxima reunião para apresentar seu projeto.

“Eu entrei em contato com um amigo em Joinville, que participava da Associação comercial da cidade e peço para ele ceder um espaço para eu apresentar um audiovisual sobre reflorestamento. Ele me fala: - Olha Frey isso interessa, porque o pessoal de Joinville projeto fantasma, se tiver alguém que faça aqui eles investirão aqui” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

Após a apresentação, Willy conseguiu inúmeros investidores, não faltando mais dinheiro para seu negócio. Todas as grandes empresas da região, como WEG e TIGRE, decidem investir. Isso gera uma grande quantidade de trabalho a Willy, que tinha que fazer inúmeros projetos, devido à grande quantidade de dinheiro disponível para investir. De imediato, comprou alguns tratores, p projeto foi crescendo, a quantidade de projetos era tão grande, que chegou a ter setenta e quatro tratores.

Contratei o Senhor Luiz Borges como agrônomo da empresa. E ele me disse: “Olha Seu Frey, dos projetos que estão encaminhados aqui, um trator não dará conta, devemos comprar no mínimo três.” Então falei a ele: Compre dez, desde que tenha serviço, chegamos em setenta quatro, só para você ter ideia.” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

A demanda conseguida com as empresas de Joinville, impulsionaram ainda mais os negócios da família Frey, A REFLOR conseguiu captar tantos recursos que tinha dificuldade de conseguir elaborar projetos para gastar todo o dinheiro que eles podiam investir. Outras empresas também começam a investir no reflorestamento, como a Klabin e a Rigesa. Paralelo ao crescimento da fruticultura, surge então um novo ciclo madeireiro na região, através da silvicultura de pinus e eucalipto.

Nesta época, a maçã desenvolvendo bem em Fraiburgo, Willy Frey vai a Brasília, como havia sido secretário de deputado federal, possuindo assim uma certa amizade com outros deputados, a fim de estender a lei de incentivos fiscais para reflorestamento para a plantação de árvores frutíferas. Sua investida deu certo, e este foi um dos fatores que impulsionou ainda mais o desenvolvimento do setor macieiro em Fraiburgo e no Brasil.

“Com a maçã crescendo na cidade, eu fui a Brasília, pois havia sido secretário de deputado federal no Rio de Janeiro, possuindo vários amigos no governo, para tentar

transferir recursos dos incentivos fiscais para a maçã. Não é que consegui! Meu Deus foi tanto dinheiro, choveu de todo o lado. Você não faz ideia da revolução que foi em Fraiburgo, nossa fazendo toda derrubada as florestas, com muita área para reflorestar. Então fomos plantar maçã...A cidade de Vacaria ficou sabendo e o prefeito me chamou para fazer um projeto para ele.” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

Rapidamente a produção de maçã ganha força em outras cidades como São Joaquim e Vacaria. Porém, Fraiburgo nesta época, era a maior produtora do país. O nome Terra da Maçã, que até hoje é o slogan da cidade, está relacionado ao fato dela ser a pioneira no país, por muitos anos a maior produtora e pelas conquistas através de investimentos em pesquisas que impulsionaram a produção da fruta. Cabe ainda ressaltar as conquistas conseguidas pelas relações políticas da família, como exemplo a lei dos incentivos fiscais destinados também a maçã.

Atualmente a maior empresa produtora de maçã em Fraiburgo é a Fisher. Empresa está atualmente uma das maiores produtoras de suco de laranja do mundo. A empresa veio para Fraiburgo, muito pela amizade de Willy Frey com o Sr. Carl Fisher. Imigrante alemão, veio para o Brasil em 1928 investindo muito na produção de laranjas. A empresa dos Frey vendia caixas de madeira para o transporte das frutas. Essa amizade na verdade tem início quando Willy morava no Rio de Janeiro e após comercializar caixas, soube que Carl desejava vender um navio de sua propriedade. Willy se interessa no negócio e faz uma proposta e para sua surpresa e desencorajado de comprar o navio da empresa Fisher.

“Eu fiquei sabendo que a Fisher queria vender um navio, eu pensei em comprar para transportar os produtos da empresa de papai. Para minha surpresa quando converso com Carl Fisher ele me fala: - Não compre, não é um bom negócio, se fosse bom o navio, eu não venderia. Três meses depois o navio afunda no nordeste do Brasil. Ali surge uma grande amizade.” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Com a aprovação da lei dos incentivos fiscais, Willy Frey oferece a Carl Fisher a possibilidade de investimento em reflorestamento. Esse foi o primeiro negócio da Fisher em Fraiburgo. Após este investimento, o Sr. Fisher solicita a Willy Frey um pedaço de terra para que a empresa começasse a produzir maçã. Willy, consegue a terra e monta os pomares para a Fisher. Logo ela cresce e acaba adquirindo outras empresas que ali chegaram, como a Portobello e a Nodari.

O Grupo Portobello de Florianópolis, produtores de açúcar e pisos cerâmicos, investiram na cidade. Chegaram a ser uma das maiores empresas de maçã do país. Sendo a maior proprietária rural de Fraiburgo. Suas fazendas foram adquiridas junto ao empresário Greek, que era presidente do Grupo Brahma, no qual decidiu investir em Fraiburgo, primeiro com o reflorestamento, e depois comprando terras para seu filho recém-formado em

agronomia cuidar.

“Cesar Gomes e seu filho Valério donos da Portobello, lá de Florianópolis, hoje donos da Pedra Branca na Palhoça, vieram falar comigo para comprar uma propriedade para produzir maçã. Todos viam Fraiburgo como uma grande possibilidade de ganhar muito dinheiro. Ele disse: - Olha nós gostaríamos de comprar um pedaço da terra para começar a produzir maçã. Eu sabendo que o Greek estava querendo comprar umas ações da Brahma indiquei a eles o contato e eles foram ao Rio de Janeiro e compraram todas as terras dele.” [Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey].

Nesta mesma época, em uma reunião com os governadores do sul do país, Ivo Silveira de Santa Catarina, Paulo Pimentel do Paraná e Ildo Meneghetti do Rio Grande do Sul, decidiram investir em pesquisas, para ver quais espécies se adaptariam melhor a região sul do país, ao clima subtropical. Após os estudos desenvolvidos, chegou-se a seguinte conclusão: a prioridade era investir na produção de maçãs, depois o pêssego, a ameixa, a nectarina e por último na uva.

Enquanto as pesquisas, e os investimentos na fruticultura estavam em andamento, a firma dos irmãos Frey conquistam a maioria, dentro das suas importantes conquistas estão: duas serrarias, moinho, fábrica de caixas, cantina vinífera, açougue com matadouro, fábrica de crina vegetal, outra de pasta mecânica, olaria e uma granja de suínos. Além disso possuíam uma pequena pensão, um posto de gasolina, dois armazéns e vinte seis casas de operários, todas pertencentes a firma.

A primeira experiência com a produção de maçã em Fraiburgo, foi feita por João Marques Vieira. Ele plantou 150 mudas em sua residência. Muita expectativa se criou, porém, os resultados não foram como o esperado. De todo o pomar, apenas duas maçãs foram colhidas. Quase a totalidade das árvores foram mortas, principalmente pelo constante ataques das lebres silvestres, que roíam as cascas das árvores. Com a implantação de novos pomares, houve um incentivo a caça a estas espécies de animais.

Sendo assim, primeiramente, percebe-se que a uva foi a combinação de transição entre a extração das araucárias e a combinação Macieira. Em torno da cidade existiam cerca de 300 hectares de parreirais de uva. Antes de chegar a combinação macieira, foi criado pela SAFRA, uma área experimental, onde se plantou inúmeras espécies de árvores frutíferas, trazidas da Europa pelo Senhor Biau, trouxeram aproximadamente quarenta espécies, como ameixa, nectarina, pera, pêssego, nozes e dentre essas estava a maçã. Neste momento a maçã era apenas uma experiência, não se tinha muito conhecimento sobre a produção da fruta em nosso país. Por mais que a maçã já fosse cultivada por grandes partes dos povos que nos colonizaram, como Portugal, Itália e Alemanha, em nosso país faltava o frio. A maçã produzida no Brasil nesta época, era de baixa qualidade, conhecida como tapera, sido trazida

pelos portugueses, do norte da África, uma maçã menos exigente ao frio.

Em 1964, com o golpe militar, o ministro de planejamento, Roberto de Oliveira Campos, tinha como objetivo tornar o Brasil autossuficiente em vários produtos agrícolas. A maçã era o segundo produto que o Brasil mais importava, perdendo apenas para o trigo. Roberto Campos convidou especialistas de três países, para enviarem técnicos, com o objetivo de estudar a viabilidade de se cultivar maçã, para num futuro próximo implantar um sistema de produção. Foram convidados especialistas da Itália, Estados Unidos e França. Os primeiros especialistas a chegarem foram os norte-americanos. Visitaram São Paulo, Vacaria, São Joaquim e Pelotas. Fraiburgo neste momento estava fora do mapa a ser estudado.

Segundo Schimidt, W (1998, p86)

Em 1965, dentro do objetivo do então Governo Militar, que desejava diminuir a dependência externa do País, o Ministro do Planejamento, Dr. Roberto Campos, solicitou aos Estados Unidos e a França apoio técnico para a implantação da pomicultura no Brasil. O Governo Americano enviou em 1965 uma missão técnica formada por especialistas do Departamento de Agricultura, que visitaram as Regiões 86 de Valinhos (SP), São Joaquim (SC), Vacaria, Veranópolis e Pelotas (RS), concluindo que, segundo eles, o Brasil não tinha condições climáticas para a cultura da macieira em bases comerciais.

O relatório elaborado pelos Estadunidenses, constatou que era inviável para o Brasil produzir maçã. Os franceses enviaram no lugar de um técnico, enviaram um viveirista e comerciante, Jorge Del Mar. Ele havia implantado um sistema de produção de frutas de caroço no Marrocos, e estava implantando pomares frutícolas no Irã. Levaram ele nas mesmas regiões, chegando a mesma conclusão, seria inviável produzir maçã no Brasil. Em conversa com entre os funcionários do ministério do planejamento, o Sr. Jorge Del Mar, comentou que havia enviado mudas de frutas para o Brasil, para uma empresa chamada SAFRA, da cidade de Fraiburgo. Foi então que Roberto Campos, solicita que o Sr. Del Mar se deslocasse a Fraiburgo para acompanhar a experiência que aqui estava sendo desenvolvida. Em 1966 os especialistas franceses (figura 15) chegaram a Fraiburgo, foram aos pomares de maçã e viram as experiências que aqui estavam sendo desenvolvidas. As mudas eram americanas do tipo Golden e Stark, tinham três anos, e por melhoramento transformavam em árvores baixas, visando maior densidade, e encurtando o prazo para começar a produção. O tipo era denominado porta enxertos anões, de um metro e meio de altura. Este projeto encanta o governo brasileiro, pois as árvores eram pequenas e cobertas de frutas, sendo que em dois anos já se tinha uma produção.

Figura 15- Visita técnica francesa a Fraiburgo



Fonte: (ABPM, 2006 – Acervo Fotográfico)

Com a escassez da araucária, a alternativa foi o reflorestamento, inicialmente com pinus. Porém, a Lei 5.106/66 em seu artigo 1º, no 3º parágrafo²³ previa que o reflorestamento poderia ser feito com árvores frutíferas, sendo assim a empresa buscou incluir a maçã nestes incentivos. Com este incentivo, da isenção de até 50% do imposto de renda, para o replantio, utilizando árvores frutíferas, o crescimento da fruticultura na região sul do país é significativo. Sendo um motivo ainda maior para aumentar os investimentos no setor.

Sua empresa REFLOR executou trinta projetos para pomicultura, para várias empresas. Grandes pomares foram plantados, solidificando-se o cultivo da macieira como empreendimento empresarial lucrativo. A REFLOR também já implantara seus próprios pomares. FREY, W (2005, p112)

Nesta época, Willy Frey liderava uma campanha de aplicação de incentivos do imposto de renda na implantação de pomares, pela Lei federal nº 5.106/66. A vinda dos representantes do governo a Fraiburgo, e constatarem que o projeto poderia dar certo, foram fundamentais para a aprovação da ampliação da lei do reflorestamento, para a implantação de pomares de maçã.

Em 1969, a firma Reflorestamento Fraiburgo, liderada pelo Sr. Willy Frey, implantou o primeiro pomar comercial de macieira, aproveitando a Lei federal nº 5.106, conhecida como lei dos incentivos fiscais, que permitia abater 50% do Imposto de Renda devido no exercício para aplicação em reflorestamento, podendo ser feita com árvores frutíferas. PETRI, J (2011, p50)

²³ 3º Parágrafo - as pessoas jurídicas poderão descontar do imposto de renda que devam pagar, até 50% do valor do imposto, as importâncias comprovadamente aplicadas em florestamento ou reflorestamento, que poderá ser feito com essências florestais, árvores frutíferas, árvores de grande porte.

O ano de 1969 foi decisivo para o surgimento da combinação macieira. A captação de recursos do reflorestamento com a maçã dava retorno em 4 anos, enquanto com o Pinus em média de 12 a 15 anos. A empresa NODARI SA, de Curitiba, foi a primeira empresa a apostar no projeto, implantando 130 hectares. Com o capital adquirido, investem e câmaras frias, Parking House. Anos depois vendem seu negócio ao grupo Brandalise de Videira (Perdigão), que apostam no crescimento da maçã, porém após dois anos vendem então seus pomares ao grupo Fisher, que atua até hoje na cidade.

Através da empresa REFLOR, a família Frey desenvolve várias mudas de macieiras. Além dos incentivos fiscais, outro fator que atrai vários investidores para a fruticultura macieira, era o fato da maçã ser neste momento histórico, o segundo produto agrícola mais importado pelo Brasil, perdendo apenas para o trigo.

Atraídos pelo fato do grande consumo de maçã em nosso país, e pelo fato do Brasil não produzir a fruta, o produto era importado principalmente da Argentina. Fez com que o novo grupo de associados despertasse interesse na produção. Henri Evrard afirmava que na França precisavam de 10 kg de maçã para pagar uma hora de empregado, e aqui no Brasil 1 kg de maçã pagava 10 horas de trabalho, e essa diferença era tão grande, que por só, seria o melhor incentivo para plantar maçãs. Porém salientamos que este fato se deve principalmente ao baixo valor pago pela mão de obra na região. Nesta década maçã era o segundo produto agrícola mais importado pelo país, perdendo apenas para o trigo (RIBEIRO, 1973, p.56). Sendo assim implantam no município um campo experimental com o objetivo de adaptar a fruta ao clima e solo brasileiro, pensando na exploração comercial.

Foi feito um extenso viveiro de mudas pela empresa, em Fraiburgo. O objetivo era realizar experiências e comprovar a adaptação de árvores frutíferas ao solo e clima. Após esta etapa, o objetivo passa a ser, criar grandes pomares (Figura 16), visando a exploração comercial das espécies escolhidas. Trouxeram mudas da França, findando o inverno europeu. Aproveitaram este momento que as mudas estavam em dormência, devido a neve europeia. Durante cinco meses, as mudas são mantidas em câmaras frias, e trazidas de navio ao Rio de Janeiro, para posteriormente serem transportadas a Fraiburgo, nesta etapa, via terrestre, de caminhão.

Na fase inicial, os Irmãos Frey, associados às famílias Evrard e Mahler, importaram da França 100.000 mudas de variadas árvores frutíferas, utilizando técnica especial para “ludibriar” as árvores e assim adaptá-las ao novo “habitat”, no Brasil. As mudas foram extraídas do solo francês em fevereiro, final do inverno europeu, enquanto estavam em dormência sob a neve. **FREY, W.** Berço da Maçã brasileira. 2004. p.27.

O Engenheiro Agrônomo, Roger Biau (Figura 16), acompanhou todo o processo,

desde a retirada das mudas na Europa até seu plantio em solo brasileiro. Junto com as macieiras, trouxeram mudas de ameixas, cereja, amêndoas, peras e uvas. O objetivo era cultivar essas mudas no viveiro experimental recém-criado. Nesta época Fraiburgo possuía o maior viveiro experimental de frutas de clima temperado do Brasil.

Figura 16– Preparação das terras para o plantio pela equipe de Roger Biau



Fonte – Livro Lá nos Fray – Frey, W 2005. P.91

Seis meses se passaram, para que as mudas extraídas do solo Francês fossem plantadas em solo fraiburguense (Figura 17). Após o fim da dormência, foram plantadas estrategicamente na primavera brasileira.

“Adormecidas” em fevereiro na Europa, as mudas “despertaram” seis meses após, na primavera brasileira. Desse modo, foia acertada para as plantas a diferença de estações climáticas entre os dois hemisférios. O agrônomo Roger Biau, acompanhou todo o processo de transferência das mudas até o seu plantio, em solo brasileiro. (FREY, W. 2005.p28)

Figura 17 -Sócios da SAFRA, comemorando o desenvolvimento das espécies



FONTE: Livro Lá nos Fray – FREY, Willy ,2005 p.93

Nesta mesma época a empresa SAFRA, começa a produzir mudas de macieiras em larga escala, objetivando a produção para seu próprio uso e comercialização com outros Estados da região Sul. Em 1969, aproveitando os incentivos fiscais, a empresa dos irmãos Frey, criam a Renar Agropastoril Ltda., empresa sem vínculos com a Safra. Iniciam o cultivo das macieiras e nectarinas. Inicialmente com 1.070.000 mudas.

O momento era propício para aumentar os investimentos, com vários programas de incentivos governamentais, tanto a nível estadual quanto nacional. Atraíram várias empresas para o setor frutífero. Nesta época, tínhamos uma política de substituição de importações, o governo federal implementou diversos programas de apoio à fruticultura nacional, tais como: Programas de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento (FISSET), de 1969, e Programa Nacional de Abastecimento de Maçã (PRONAMA), de 1980. Em nível estadual, o Projeto de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), de 1970, direcionou esforços ao investimento em expansão de pomares e na constituição da logística de pós-colheita e distribuição, além da geração e difusão de tecnologia (NEVES et al., 1992).

Até o início da década de 70, todas as maçãs que abasteciam o mercado interno, eram importadas, principalmente da Argentina. Devido ao alto preço, o consumo era limitado a uma pequena parte da população, ou seja, a classe de maior poder aquisitivo. Era comum, presentear amigos e familiares, como “alimento fortificante”. Além do agrado feito era considerado uma grande gentileza por que recebia.

No ano de 1971, foi fundado o sindicato dos trabalhadores rurais de Fraiburgo. Este é uma das mais importantes formas de os trabalhadores organizarem para defenderem seus interesses profissionais. A cada ano, a fiscalização aumenta, e as grandes empresas com

relação as condições de trabalho. Isso faz com que muitas das empresas busquem alternativas para reduzir esta mão de obra, que já foi cerca de 10.000 trabalhadores, e hoje está em torno de 5.000. Para tal redução da mão de obra, foram importadas máquinas dos EUA, uma especial que, com absoluta (classifica por peso até 10.000 quilos de maçãs por hora (FREY, 2004, p.85).

Em 1971, em sociedade com o viveirista Georges Delbard, fundaram a Frutícola Fraiburgo S.A., empresa destinada a produção e comercialização de mudas. Aproveitando a extensão da lei do reflorestamento com árvores frutíferas que estava em grande crescimento.

A primeira colheita foi em 1972, e chegou a 100 toneladas. Cabe ressaltar, que nesta década foram criados dois Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND), onde, o objetivo era auxiliar o desenvolvimento da agroindústria, procurando ampliar a geração de empregos. Nesta época (1972-1979), muitos trabalhadores migraram para Fraiburgo, em busca das oportunidades, a maior parte deles oriundos do Estado do Paraná e de Santa Catarina. Ficando claro, que o desenvolvimento da maçã em Fraiburgo, não é fruto apenas dos investimentos e empreendedorismo dos empresários, e sim de muito apoio do governo, através de incentivos fiscais, apoio a pesquisa, através de empresas estatais como a EPAGRI e EMBRAPA, além de facilidade de acesso a financiamentos.

De acordo com Brandt (2005):

O crescimento da pomicultura no estado de Santa Catarina especificamente na cidade de Fraiburgo, não resulta apenas da inovação e empreendedorismo dos empresários, porém como nos demais setores industriais do Brasil, o que impulsionou estas iniciativas particulares foi o financiamento público, incentivos fiscais, através de políticas do governo do Estado, não desconsiderando o jogo de interesses que muitas vezes utilizam o bem público para benefício e enriquecimento privado.

Em 1973, é fundada a Renar/Reflor Agropastoril S.A., possuíam cerca de 5.800 ha. De terras em Fraiburgo. Contavam com 500 trabalhadores que residiam em 200 casas que pertenciam a empresa. Neste mesmo ano (1973), a EMPASC (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina), antecessora da atual EPAGRI (Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina) ampliou as pesquisas com a macieira e estabeleceu um programa de melhoramento genético, lançando inúmeras cultivares, com destaque para a Fuji Suprema.

Em 1975, houve uma divisão da sociedade dos irmãos Frey, Arnaldo ficou com 193 ha. De maçãs, dando origem a Empresa Pomifrai Fruticultura. Neste mesmo ano, os especialistas da SAFRA chegaram a enfim a uma conclusão definitiva, sobre a fruticultura de clima temperado no Sul do Brasil, apontando apenas três variedades para o cultivo comercial, sendo

a Gala e a Fuji (2).

Somente em 1975, os especialistas da SAFRA chegaram a conclusões definitivas sobre a fruticultura de clima temperado no Sul do Brasil, apontando apenas três variedades para o cultivo comercial, quais sejam: Gala, Belgolden e Fuji sobre porta-enxertos EM7 e MM106 para uma altitude mínima de mil metros. Assim, a partir de 1976, a SAFRA intensifica a plantação de macieiras em grandes áreas, em moldes comerciais, semelhantes aos europeus. (SIMIONI,F 2006 p.4)

Com o aumento da produção, havia a necessidade na conservação da fruta, para que pudesse ser comercializada em todos os meses do ano. Sendo assim, investiram na tecnologia de armazenamento, com câmaras frigoríficas e de atmosfera controlada para a conservação da fruta. Foi utilizado como exemplo do país vizinho, Argentina, que já possuía desde 1975 este sistema.

Simeoni e Pereira (2008), destacam que quatro fatores foram fundamentais para o sucesso do empreendimento pioneiro dos Frey. a) A decadência do setor madeireiro no Planalto Serrano Catarinense. b) A criação de um pomar experimental pela família, onde foram testadas várias espécies de frutas temperadas, sendo a maçã a que mais se adaptou. c) A ênfase do governo federal em seu projeto de substituição das importações, sendo que a maçã era o segundo produto agrícola mais importado. d) As leis de incentivos fiscais, permitindo abatimento de até 50% do imposto de renda e o PROFIT – Programa de Fruticultura e Clima Temperado do governo do Estado, onde havia um incentivo a pesquisas pelas empresas estatais de Santa Catarina (EMPASC e ACARESC).

O sucesso das empresas existentes em Fraiburgo, despertou o interesse de outras empresas a investirem na maçã. É o exemplo da Perdigão, de Videira que na década de oitenta, possuía pomares na cidade de Fraiburgo. Anos após do investimento, Flávio Brandalise decide vender para a Fisher seus pomares para investir junto com Pedro Nodari na venda de tratores. Outra grande empresa que investiu na produção macieira, foi a Portobello, sua produção aconteceu entre as décadas de 80 e 90, e depois decidem também venderem sua estrutura ao grupo Fischer, em 1996.

Em Fraiburgo, analisando a tabela 1, a comparação da área destinada a produção com o número de produtores, a produção e a produção per capita, percebemos que houve um aumento gradativo da área destinada a produção. Com as leis do incentivo do reflorestamento, o número de produtores e da produção crescem muito durante a década de 70.

Tabela 1– Comparativo da área/produtores/produção/produção Ha.- Década 70

Ano	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Área/Ha	162,6	295,4	411,4	735,5	1006,0	1234,0	1438,9	1679,5	1998,1	2123,6
Produtores	6	14	18	21	22	23	25	36	47	47
Produção (Toneladas)	x	x	x	x	1.250	3.700	6.240	8.304	6.481	14.277
Produção T/Ha	x	x	x	x	1,24	2,99	4,33	4,94	3,24	6,72

Fonte- EPAGRI- ABPM -2014

Saindo de 162,6 hectares em 1970 para 2123,6 em 1979, nesta década, o tamanho da área subiu 1206%. O número de produtores aumentou 683% passando de 6 produtores para 47. Os dados oficiais da EPAGRI, só estão disponíveis a produção a partir de 1974, com 1250 toneladas, em 1979 chegou-se a 14.277, tendo um aumento de 1.042%. Percebemos ainda neste mesmo ano (1979), um aumento na produção por hectare. De 1,24 toneladas/hectare para 6,72, gerando um aumento de 441%.

Vários motivos promoveram tal crescimento, em destaque para os investimentos em novas tecnologias, meios de produção, e muito investimento em pesquisa, gerando assim uma melhor qualidade a maçã nacional, que além de promover uma substituição das importações abriu mercado para as exportações.

2.2.3.- Da consolidação da maçã como combinação Geográfica a crise

Figura 18 – Cronologia temporal da ocupação do espaço na região de Fraiburgo



A produção da maçã em Fraiburgo é diferenciada comparando com outra cidade grande produtora em Santa Catarina, São Joaquim²⁴. Fraiburgo possui um clima menos frio e apresenta um relevo com menor declividade, condições mais apropriadas a mecanização e ao uso de técnicas mais modernas. Deste modo, temos em Fraiburgo um perfil da pomicultura mais empresarial. Predominando grandes empresas como a Pomifrai, Agropel, Fischer entre outras. Cabe ressaltar neste momento que a pomicultura macieira é dividida em quatro grandes fases distintas, são elas:

- a) Criação da estrutura de produção – (Década 1960 a 1980)** – Início da produção, e aumento significativo da área plantada e conseqüentemente da produção. Redução das importações;
- b) Consolidação e exportações – (Década 1980 a 1990)** – Aumento mais significativo na produção, consolidando o abastecimento no mercado interno e abertura as exportações.;
- c) Reestruturação da produção -(Década 1990 a 2000)** – Implementação dos programas de produção, buscando obter produto mais limpos e menos agressivos ao meio ambiente. Em 2002/2003 início da certificação dos pomares.
- d) Aumento do número de produtores (Década 2000 a 2016)** – Certificação dos pequenos produtores, crise no setor, redução dos pomares.

Na Década de 80, o crescimento na produção macieira se intensifica, os números mostram a substituição das importações rapidamente. Em 1980 as importações representavam 73,6% do consumo interno, em cerca de cinco anos esse percentual reduz em aproximadamente 50%, ou seja, em 1986, elas representavam apenas 30% (ABPM, 2016).

Em 1978, o Brasil produzia um pouco mais de 14.218 mil toneladas de maçã enquanto a importação superava as 190.216 toneladas. Durante a década de 80 o plantio cresceu continuamente e as cultivares Gala e Fuji ganham evidência na cultura substituindo outras variedades. (SCHIMIDT, W, 1998 p93)

Com o crescimento gradativo da produção, e o início das exportações, temos uma reestruturação na produção macieira. Buscou-se obter produtos mais limpos e sistemas de produção menos agressivos ao meio ambiente, visando a certificação dos pomares. A produção agora, busca melhor qualidade, segurança alimentar e conservações ambientais. O objetivo era conseguir uma certificação da qualidade do produto²⁵.

No início da década de 1990, os sucessivos aumentos de produção intensificaram e

²⁴ Devido ao relevo mais acidentado e solo mais pedregoso, o modelo de produção em São Joaquim é predominante por pequenos produtores com utilização de mão de obra familiar, vinculados a cooperativas.

²⁵ A certificação vai acontecer apenas na safra de 2002/2003.

consolidando a produção nacional da maçã, com condições de abastecimento do mercado interno, além de abrir caminhos para a exportação. Com o passar do tempo, a maçã nacional foi conquistando os consumidores pelo preço e sabor. No início desta década, a produção interna da maçã, abastecia cerca de 91% do consumo nacional.

Os três Estados da região sul do país, se destacam na produção da maçã. Principalmente Santa Catarina (maior produtor) e Rio Grande do Sul. A produção se concentra em três cidades principalmente. Fraiburgo, nosso objeto de estudo, São Joaquim (SC) e Vacaria (RS).

Na década de 80, apesar da crise em que nosso país atravessava (década perdida), o setor não apresenta fraqueza. A aceitação da maçã fraiburguense no mercado nacional, atrai produtores, gerando assim um grande aumento na área cultivada, conseqüentemente na produção e na produtividade/ha. Tabela 2.

Tabela 2 – Comparativo da área/produtores/produção/produção Ha.- Década 80

Ano	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Área/Ha	2555,9	3191,8	3059,2	3444,3	4124,2	4200,8	4564,2	4413,0	4804,1	5258,8
Produtores	48	51	71	73	72	82	81	77	76	80
Produção (Toneladas)	16.679	19.424	34.257	23.670	47.832	53.745	73.670	85.000	96.794	114.869
Produção T/Ha	6,52	6,08	11,19	6,87	11,59	12,79	16,14	19,26	20,14	21,84

Fonte- EPAGRI- ABPM -2014

Devido a produção em Fraiburgo ²⁶ ser concentrada em grandes empresas, a mecanização é mais intensa. A densidade de plantio chega a 3.500 plantas/ha. Comparando com São Joaquim, onde predomina a produção com pequenos produtores e por ter um relevo

²⁶ O cultivo da macieira em Fraiburgo é realizado predominantemente em propriedades de grande porte. Apesar disso, é feito em pequenas parcelas com menos de 10 hectares e com concentração de pomares (quadras) com até 3 hectares.

mais acidentado, a produção por hectare é de 1.500 plantas/ha (BRDE,2000).

Na década de 80, o número de produtores continuou crescendo, de 48 para 80, um aumento de 66%. O tamanho da área destinada a produção passou de 2.555,9 hectares para 5.258,8, proporcionando um aumento de 105%. A produção nesta década, cresce rapidamente. Um aumento de 588,7%, saltando de 16.679 toneladas para 114.869. As pesquisas, e adoção de novas técnicas, promovem um grande aumento na produção por hectare. De 6,52 toneladas/Ha em 1980 para 21,84 em 1989. Um incremento de 234,9%.

“A década de 80, foi o período que mais se ganhou dinheiro em Fraiburgo. Era tanto pé de maçã, era tanta maçã, dava muito dinheiro. Muitas empresas decidiram investir no setor, mas como não tinham experiência, acabaram vendendo anos mais tarde. Entre elas Portobello e Perdigão”. [Entrevista com a Senhora Gerda Maria Frey Ziolkowski, realizada no dia 28 de setembro de 2016].

No final da década de 1980, temos o início das exportações. A evolução da qualidade da maçã nacional, associado ao preço atrativo, abrem as portas para o mercado brasileiro. No início eram modestas, atualmente respondem a cerca de 15% da produção nacional é destinada ao mercado externo. A exportação é destinada principalmente aos Estados Unidos, Europa e Oriente Médio. A maçã catarinense consegue entrar devido a entre safra do hemisfério norte. A empresa Fischer Fraiburgo Agrícola Ltda. foi a primeira empresa brasileira a exportar maçãs. Foram enviadas aproximadamente 650 toneladas a Europa.

Um dos grandes fatores para a exportação da maçã brasileira, foi a desvalorização a moeda nacional em relação ao dólar. O maior poder de compra da moeda estadunidense estimula as exportações dos commodities brasileiros. O objetivo do governo neste momento era reduzir o efeito inflacionário praticado anteriormente. A moeda estrangeira aumento seu valor de compra no mercado brasileiro, torna os produtos do setor primário mais competitivos.

Figura 19 –Cotação do dólar comercial na década de 1980.

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1980	43,890	45,310	46,800	49,060	50,135	51,645	53,310	54,805	56,740	58,480	61,355	64,210
1981	67,130	70,510	73,380	79,860	82,940	88,140	93,200	99,110	104,64	110,67	116,91	125,42
1982	129,97	136,75	143,59	150,62	158,36	167,04	176,28	189,90	202,29	214,68	229,60	244,86
1983	260,99	286,54	396,03	434,45	474,29	515,31	565,96	641,02	701,00	780,00	856,00	940,00
1984	1.013,00	1.134,00	1.267,00	1.376,00	1.492,00	1.649,00	1.809,00	1.961,00	2.177,00	2.449,00	2.698,00	3.008,00
1985	3.318,00	3.802,00	4.161,00	4.680,00	5.200,00	5.710,00	6.200,00	6.700,00	7.455,00	8.135,00	8.870,00	9.855,00
1986	11.170,00	12.985,00	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	13,84	14,09	14,452
1987	15,589	17,985	20,729	23,820	30,874	38,097	44,918	46,931	49,719	53,016	58,026	67,423
1988	77,277	90,538	106,80	125,15	148,39	177,05	213,91	264,97	321,35	403,69	519,60	661,37
1989	859,25	1,00	1,00	1,00	1,10	1,3480	1,8820	2,4360	3,2190	4,3380	6,0480	9,1770
1990	13,735	24,345	38,388	46,853	51,239	55,962	66,531	71,982	75,493	92,477	118,24	151,31

Fonte: <http://www.yahii.com.br/dolar.html> - acesso em 21 de julho de 2017.

Neste mesmo ano, se encerra os incentivos fiscais para os reflorestamentos com macieiras destinados aos produtores. Este fator não gera impacto no aumento dos produtores e muito menos no aumento da produção brasileira.

Em 1986 a produção de maçã foi de 242.361 toneladas e a empresa Fischer Fraiburgo Agrícola Ltda. abre as portas do mercado internacional para o setor, enviando 648 toneladas à Europa. Neste ano também o governo finalizou os incentivos fiscais para o reflorestamento com macieiras. (SCHIMIDT, W. 1998 p93)

Em 1982, as empresas importam os primeiros foguetes terra-ar, com potencial para atingirem 2500 metros de altura, para pulverizar as nuvens com partículas de iodeto de prata a fim de reduzir as chuvas de granizo. As primeiras importações foram da França, e Suíça e posteriormente da Rússia.

No final da década de 80, mais precisamente em 1988, foi feito um levantamento das empresas com pomares de maçã em Fraiburgo. As principais empresas eram a Vinícola Fraiburgo, Renar, Portobello e Fischer (Tabela 3).

Tabela 3 –Produção da maçã em Fraiburgo em 1988

Empresa	Área- Ha	%
Vinícola Fraiburgo	1.550	24.41
Renar Maçãs	1.450	22.84
Portobello	1.100	17.32
Fischer	1.000	15.75
Imaribo	550	8.66
Pomifrai	470	7.40
Perdigão	165	2.60
Pomagri	65	1.02
TOTAL	6.350	100

Fonte – ABPM 2015.

Nos próximos anos, outras empresas seguem o caminho da Fischer e iniciam suas exportações. De forma modesta inicialmente, atendendo principalmente, os países do hemisfério norte, devido seu período da entressafra. A empresa exporta maçã para mais de 25

países. Entre eles, Holanda, Estados Unidos, Alemanha, Arábia Saudita, Inglaterra, Portugal, Itália, Espanha entre outros países.

Entre as décadas de 80 e 90, o grande crescimento da produção, atrai muitos trabalhadores sazonais, oriundos das mais diversos Estados brasileiros. Muitos após o recebimento do salário da colheita não queriam retornar mais a sua cidade de origem. Este fator promove um grande crescimento populacional, aproximadamente 77% (tabela 4). Grande parte desses imigrantes, são oriundos dos Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Tabela 4 – População de Fraiburgo – Censo IBGE 1980 -1991

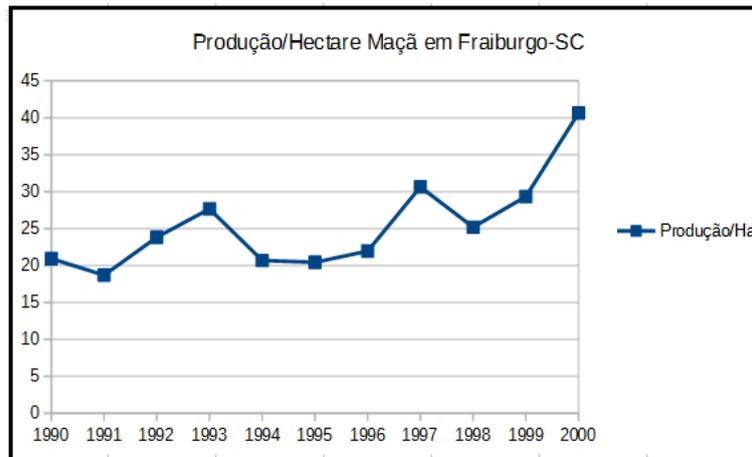
1980	1991
15.031	26.649

Fonte- IBGE- 2015.

“Quando vim do Paraná, em 99, eu e meus irmãos trabalhávamos muito na colheita da maçã, ganhava um salário-mínimo e tinha que colher 70 sacas no dia pelo menos, o que colhia a mais ganhava 0,50 centavos saca. No meu primeiro salário ganhei cerca de 600 reais. Liguei desesperado para minha mulher e disse, - Mulher tamo rico! Pega as tuas coisas e vem pra cá. ” [Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2016, com João Gualberto de Souza, antigo trabalhador sazonal em Fraiburgo, hoje montador de móveis].

Na década de 90, os pomares continuam aumentando. A área destinada a produção de maçã, o número de produtores e a produção crescem de forma acelerada. Agora, além de abastecer o mercado interno, iniciam o processo de exportação. Despertando assim o interesse de novos produtores. A adoção de novas técnicas de produção, promovem um grande aumento na produção por hectare. Em 1990 era produzido em média 20 toneladas por hectare, passando para 40 em 2000 (Gráfico 1).

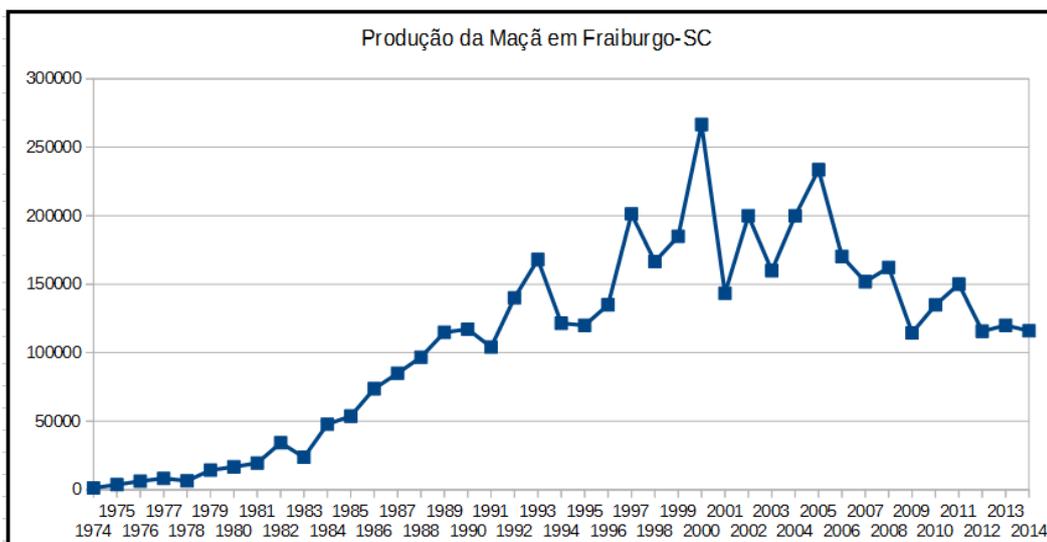
Gráfico 1 – Produção/Hectare da maçã em Fraiburgo-SC



Fonte: EPAGRI-ABPM 2014

A empresa Fischer continua expandindo seus negócios, comprando em 1990 os pomares das empresas Perdigão e Imaribo. Em 1996 adquiri os pomares da empresa Portobello. Possuindo assim quase 45% dos pomares da cidade nesta década. Nos últimos 40 anos (Gráfico 2), percebemos um extraordinário crescimento da área colhida e da produção brasileira de maçã. A área colhida passou de 2.880 hectares em 1970 para 37.562 hectares em 2007, evidenciando um crescimento de 1.204%. A produção, no mesmo período, aumentou de 30.850 toneladas para 1.093.853 toneladas, ou seja, cresceu 3.446%. Em Fraiburgo, se formos considerar o mesmo período, percebemos um crescimento ainda maior.

Gráfico 2 – Produção da Maçã em Fraiburgo-SC



Fonte- EPAGRI- ABPM 2015

O aumento na produção exigia investimento para a estocagem do produto. As empresas investem na construção de câmaras frias, facilitando muito a estocagem e assim poderiam comercializar a fruta o ano todo. Associado aos investimentos em câmaras frias, as empresas procuraram potencializar sua produção, e promover uma redução na contratação de mão de obra, o que na região se torna escasso na atualidade, havendo a necessidade da contratação de trabalhadores sazonais de lugares cada vez mais distantes. Os produtores introduziram em seus packing houses²⁷, comprando equipamentos que permitem a classificação e embalagem de uma forma mecanizada.

O aumento da produção, não representou um aumento na área destinada ao plantio. O que pode ser explicado, por dois possíveis motivos. A substituição de cultivares antigos por clones de melhor qualidade e o setor produtivo pode ter limitado a produção em função da capacidade de absorção dos mercados.

Geralmente, reduzir a produtividade significa produzir frutas de maior tamanho, mais coloridas e mais doces, aspectos importantes para a aceitação pelo consumidor e obtenção de melhores preços pela fruta classificada nas categorias superiores. Além disso, permite suprimir gastos com colheita, beneficiamento e armazenamento de frutas que, pela baixa qualidade, normalmente não são bem remuneradas na comercialização.

Segundo Moisés Lopes de Albuquerque, diretor executivo da ABPM, devido as grandes exigências e o valor não atrativo pago no mercado externo, muito influenciado pela concorrência chinesa (maior produtor mundial), a maior parte dos produtores destina sua produção ao mercado nacional. Destaca ainda que é no período de entressafra, onde os produtores conseguem seus maiores lucros.

“Há um aumento no valor pago pela maçã no período da entressafra. A capacidade de armazenamento e conservação da fruta ajudam os produtores a conseguirem o lucro esperado. O que Justifica que não perde a qualidade da fruta pelos investimentos feitos em seu armazenamento. Na safra o dinheiro serve apenas para pagar os custos da produção.” [Entrevista com Moisés Lopes Albuquerque, diretor executivo da ABPM, no dia 09/06/2016].

Pensando em proporcionar à maçã nacional um melhor padrão de qualidade, suficiente para abastecer o mercado nacional durante todo o ano, e o internacional nos períodos favoráveis de comercialização, as indústrias macieiras, fizeram importantes investimentos em câmaras frias, permitindo regular a oferta e, ao mesmo tempo, agregar valor à fruta. A empresa Fischer, uma das principais no país, e a principal da cidade, percebendo a queda na produção, promove investimentos em equipamentos de última geração, câmaras frias e a

²⁷ Processo de recebimento de hortaliças, frutas e grãos. Onde há a classificação, controle de qualidade, descarte, beneficiamento, embalagem e distribuição.

substituição de seus pomares por plantas mais jovens.

Infelizmente, poucas empresas tiveram essa visão de investir na renovação de seus pomares. Este, dentre outros fatores, promove a geração da crise no setor macieiro em Fraiburgo. Certamente tivemos alguns problemas relacionados com o clima. A planta necessita cerca de 600 horas de frio na época da formação da fruta. Alguns anos não atingiu nem a metade, prejudicando a safra da maçã. Em outros a geada forte afetou as macieiras prejudicando a florada e conseqüentemente a quantidade e qualidade da fruta.

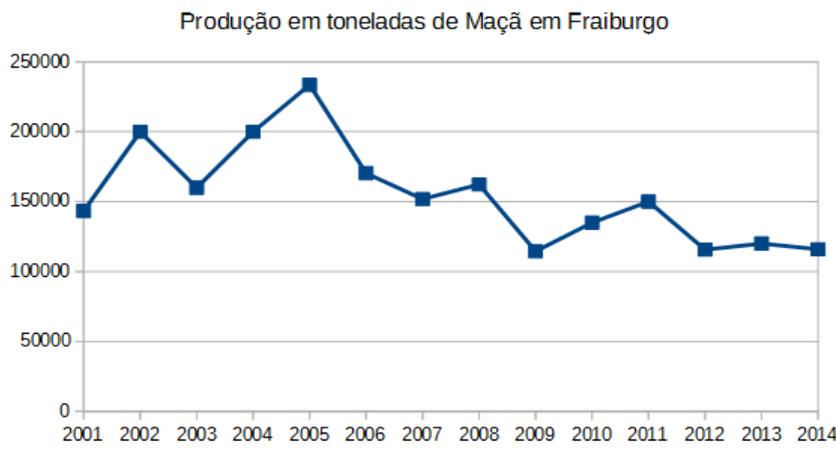
“A maçã não está entrando em crise, está em crise. Vai acabar praticamente a produção em Fraiburgo. Vai virar tudo grão, infelizmente. Muita gente fala em clima, que está fazendo menos frio. A fruta precisa ter 600 horas de frio/ano. Nos últimos dois anos não deu, esse ano sim deu até mais. Mas esse não é o único problema da crise da maçã. São vários.” [Entrevista com a Senhora Gerda Maria Frey Ziolkowski, realizada no dia 28 de setembro de 2016].

Sendo assim, foram inúmeros fatores, o clima, a falta de investimentos em novas espécies, a má gestão, o modelo de produção praticado aqui na cidade e a preocupação apenas com a quantidade e não com a qualidade.

“Nós tínhamos um amigo plantador de maçã na Alemanha, e numa visita a Fraiburgo ele falou: ”-o mal do Brasil é querer produzir quantidade e não qualidade, o dia que Fraiburgo e o Brasil acordar, vai ser tarde, vai levar um choque”. Ele teve razão, a quantidade plantada aqui era um absurdo, associado a isso clima, má gestão deu no que deu”. [Entrevista com a Senhora Gerda Maria Frey Ziolkowski, realizada no dia 28 de setembro de 2016].

Ao analisarmos o gráfico 3, percebemos que a partir de 2001 até o ano de 2005 tivemos um crescimento da produção da maçã em Fraiburgo. A partir de 2006, ano a ano, houve uma queda gradativa na produção. Algumas empresas foram vendidas e muitos pomares foram extintos e começaram a virar áreas produtoras de grãos ou novos loteamentos urbanos.

Gráfico 3- Produção em toneladas de Maçã em Fraiburgo



Fonte- Dados da ABPM - 2015

O endividamento das empresas, promove uma descapitalização das mesmas. Tendo a esperança que os negócios melhorariam pelos lucros obtidos em anos anteriores. As empresas começam a penhorar suas propriedades. Parte dessas terras, são compradas por agricultores da região, que começam a substituir os pomares de maçã, plantando grãos no lugar, principalmente soja.

O ano de 2000, foi o auge da maçã em Fraiburgo (Tabela 5). A produção bateu recorde com 266.617 toneladas. Este ano também foi o momento em que a cidade teve mais produtores, 91.

Tabela 5- Produção da Maçã em Fraiburgo- 2000.

Área/ Ha	Número Produtores	Produção (T)	Produção (T/Ha)
6.559,5	91	266,617	40,65

Fonte- ABPM -2016

Como vimos anteriormente a queda da produção se dá em meados dos anos 2000, reduzindo o tamanho da área destinada a produção, a produção em toneladas e a produtividade por Hectare e conseqüentemente o número de produtores. Fraiburgo, que foi fundamental no desenvolvimento do cultivo da maçã, sendo pioneira por muitos anos no país, atravessa uma grande crise no setor. Atualmente é a terceira maior produtora, porém, a cada ano percebemos uma redução dos pomares. A Terra da Maçã está virando a terra da soja.

Alguns fatores são apontados como motivos da crise do setor macieiro em Fraiburgo. São eles:

1-O modelo de produção – O modelo praticado em Fraiburgo, se torna caro e ineficiente. A quantidade de trabalhadores sazonais necessário para a colheita é muito grande, aproximadamente 5.000 trabalhadores, dependendo da safra. As empresas possuem o controle e custo de toda a cadeia produtiva. Comparando com o modelo das cidades de São Joaquim e Vacaria, onde o setor não demonstra sinais de fraqueza, onde, os pequenos produtores são certificados pelas empresas. O risco da produção é deles, as empresas compram as maçãs prontas. Ainda, a existência de cooperativas e associações de produtores fortalece os pequenos produtores e reduz o custo das empresas.

2-Mão de obra insuficiente na região – Os 5.000 trabalhadores, são oriundos de locais cada vez mais distantes. Ultimamente a cidade traz parte da mão de obra do nordeste brasileiro, principalmente do Estado do Maranhão e do centro oeste, estes índios do Estado do Mato

Grosso do Sul. As empresas arcam com as despesas de transporte da cidade de origem, os funcionários já saem fichados quando embarcam no ônibus fretado pelas empresas. Ao chegar, recebem alojamentos e alimentação.

4-Espécie Gala X colheita – As espécies de maçã mais produzidas no Brasil são Gala e Fugi, espécies que se adaptaram facilmente com nosso clima. Estas espécies são bem-aceitas no mercado nacional e internacional. Em Fraiburgo a espécie mais produzida é a Gala. Dê início era mais equilibrada entre as espécies. Com o tempo os produtores começaram a reduzir a produção da Fugi e aumentar a de Gala. Esta escolha, foi pela melhor adaptação ao clima de Fraiburgo, pois a Fugi necessita de mais frio. Hoje temos cerca de 75% Gala e 25% Fugi. A maçã Gala, tem sua colheita nos meses de fevereiro a março. A mão de obra contratada, não dá conta de colher toda a produção. Havendo uma perda de 10% a 15% por ano das maçãs.

4 – Aumento da concorrência – Fraiburgo, foi pioneira no país. Com o surgimento de outros dois grandes polos de produção (Vacaria e São Joaquim), onde os custos são menores de produção, pelo sistema adotado, enfraquecem as grandes empresas de Fraiburgo. Com o aumento da oferta do produto no mercado, os preços caem e conseqüentemente o lucro diminui significativamente.

5- Falta de renovação dos pomares – Com a preocupação apenas na produção, em quantidade. A maior parte das empresas, não promovem a renovação de seus pomares. Em média uma macieira leva de 10 a 15 anos para atingir seu auge de produção, necessitando assim um planejamento a longo prazo. Com o tempo as macieiras ficam velhas, afetando a quantidade e a qualidade da fruta.

A redução da produção se intensifica em meados dos anos 2000. Analisando a tabela 6, percebemos a redução da produção e do número de produtores em Fraiburgo. O número de produtores não é menor, pois na atualidade percebemos o surgimento de pequenos produtores²⁸ que tem seus pomares qualificados pelas grandes empresas.

Tabela 6- Produção da maçã em Fraiburgo-SC anos 2000

Ano	Área	Produtores	Produção/Toneladas	Produção/Ha
2005	5.600,0	88	233.581	41,71

²⁸ Segundo dados do BNDES, os pequenos produtores possuem em média de 1 a 5 hectares em produção e plantam variedades como Condessa, Eva e Princesa, que além de se adaptarem bem à temperatura da região, também atingem o ponto de colheita antes das variedades plantadas pelos grandes produtores, podendo proporcionar melhores rendimentos aos pequenos pomicultores, já que há uma baixa oferta de maçã no início da safra.

2006	5.600,0	88	170.277	30,41
2007	4.888,0	89	151.850	31,07
2008	4.818,9	89	162.281	33,68
2009	3.816,2	84	114.485	30,00
2010	3.751,5	86	134.941	35,97
2011	3.751,5	86	150.059	40,00
2012	3.546,6	64	115.684	32,62
2013	3.546,6	64	120.000	33,84
2014	3.486,0	64	116.000	33,28

FONTE- ABPM 2015.

Ao analisarmos os dados da ABPM, vimos que a produção da maçã se mantém nos últimos anos. Porém, ao confrontar estes dados, com os dados da EPAGRI percebemos uma diferença considerável dos valores absolutos da produção. Segundo os dados da ABPM a produção da maçã em Fraiburgo em 2014, foi de 116.000 toneladas, em contrapartida, os dados da EPAGRI afirmam que em Fraiburgo foi produzido em 2014, 80.000 toneladas. As maiores divergências das informações estão nos números de produtores e área destinada a produção da maçã. No número da ABPM são 3.486 hectares produzindo maçã por 64 produtores. Nos dados da EPAGRI são 1.954 hectares por 37 produtores (Tabela 7).

Tabela 7 – Comparação dos dados da ABPM e EPAGRI

Dados da Maçã	ABPM	EPAGRI
Área destina a produção	3486 ha	1954 ha
Produtores	64	37
Produção/Toneladas	116.000	80.065

Fonte: ABPM e EPAGRI 2016.

A diferença é considerável, a produção da EPAGRI é cerca 65% da apresentada pela ABPM. Tal diferença nos faz pensar nos possíveis motivos que levam a ABPM a apresentar estes dados. Primeiramente não demonstrar os sinais de fraqueza que o setor atravessa. Em anos que a maçã Chinesa tenta entrar no mercado nacional, podendo assim levar a uma crise muito maior. Segundo o diretor executivo da ABPM, senhor Moisés Albuquerque, houve uma

tentativa dos Chineses em entrar no mercado nacional, e graças a mobilização da ABPM, junto com seus produtores, pressionaram os deputados e senadores, junto ao ministério da agricultura, levando os números da maçã brasileira e os riscos da liberação da entrada da maçã chinesa.

“O mercado com a China funciona da seguinte forma, existe uma troca de produtos. A china compra um produto brasileiro condicionado a compra de um produto chinês. Como houve uma resistência forte da maçã, e o entendimento do governo federal que traria inúmeros prejuízos a inúmeras cidades envolvidas no ciclo macieiro, o produto de troca foi a Pêra. O que ainda nos preocupa, pois não se tem total segurança da forma que essa Pêra é produzida na China.” [Entrevista com Moisés Lopes Albuquerque, diretor executivo da ABPM, no dia 09/06/2016].

Atualmente a China produz sozinha cerca de 50% de toda a produção mundial de maçã. Aproximadamente 40 milhões de toneladas, o Brasil possui cerca de 1,3 milhões. Está grande produção além de abastecer seu mercado nacional, atende muitos mercados internacionais, principalmente países do oriente. Moisés alerta que a diferença da qualidade da maçã brasileira e chinesa é muito grande. Tanto que a maçã chinesa é proibida de entrar no mercado Europeu. Para a ABPM em nome de seu comitê executivo, o investimento feito na história com a maçã brasileira, e tudo que há de investimento de um produtor, não pode ser interrompido assim por uma decisão impensada. Um pomar de maçã leva anos para produzir maçã em larga escala. Grande parte dos produtores terá lucro apenas no momento da entressafra, quando o preço do produto fica mais atrativo. Com os investimentos feitos em estocagem, como as grandes câmaras frias existentes em Fraiburgo.

A maior empresa da cidade é a Fisher. Atualmente a empresa produz em Fraiburgo além de maçã, soja, kiwi, Pera e possui uma área de 3.700 hectares destinados a reflorestamento. Foi a primeira empresa a exportar maçã no Brasil, atualmente exporta para mais de 25 países. Conta com quatro unidades de processamento, sendo duas delas em Fraiburgo. A produção anual gira em torno de 130.000 toneladas de maçãs.

Em Fraiburgo a produção das maçãs da Fisher fica em torno de 25%, outros 25% ela compra de outras empresas ou pequenos produtores e 50% produz em outras cidades como Santa Cecília, Monte Carlo, Lebon Régis e São Joaquim.

Parte de toda essa estrutura construída na cidade, está atualmente ociosa, sem uso. Uma tendência é que a cidade de Fraiburgo vire uma área de estocagem das maçãs produzidas nas cidades vizinhas, para depois uma industrialização e comercialização das mesmas. Toda essa cadeia produtiva, desde a implantação dos pomares até a colheita e comercialização das frutas seguiram os padrões de consumo dos países desenvolvidos. Buscando adequar a cadeia produtiva às exigências existentes nos mercados mais dinâmicos dos países desenvolvidos.

Buscou-se a qualificação dos pomares. Como afirma Humphrey & Schmith (2001), a lei de segurança alimentar do Reino Unido cria para os varejistas a exigência de “diligência adequada” com relação à fabricação, ao transporte, ao armazenamento e à preparação dos alimentos. Os varejistas podem ser responsabilizados por não servir alimentos apropriados para o consumo. Os supermercados do Reino Unido desenvolveram sistemas que permitem o monitoramento, para atender à exigência da “diligência adequada”. As grandes empresas, procurando reduzir seus custos de produção, começam a certificar os pequenos produtores, e assim comprando suas produções, reduzem seus custos, principalmente de mão de obra, sabendo que devido o modelo adotado necessitam um número muito grande. A falta desses faz com as empresas se obriguem a trazer inúmeros trabalhadores de lugares distantes, arcando com despesas de transporte da cidade de origem até Fraiburgo, hospedagem, alimentação e encargos sociais.

Em 2005, a empresa Renar, decide abrir mercado na bolsa de valores, transformou em ações negociando inicialmente a um valor de R\$ 1,60 (um real e sessenta centavos), dando um capital de cerca de R\$ 16.000.000 (dezesesseis milhões de reais) a empresa. Após três meses estava a R\$ 1,00 (um real). Este fator gera grande descontentamento dos investidores. Em 2011 as ações estavam valendo R\$ 0,40 (quarenta centavos). Hoje segundo dados da ABPM 2016, valem em média R\$0,05 (cinco centavos). Em 2014 temos a junção da Renar e da Pomifrai. A junção das empresas gerou a empresa Pomifrutas, que hoje vem acabando com seus pomares, destinando as áreas a produção de grãos. A Pomifrutas, aproveita seu parking house, com grandes câmaras frias e busca maçã nas cidades vizinhas e até de Vacaria e as comercializa.

Oficialmente em junho de 2015, um grupo de investidores ²⁹adquiri a maior parte das ações da empresa. Em 8 de outubro de 2015, o novo grupo de acionistas assumiu o controle da Companhia (Figura 21), elegendo, nessa mesma data, novos conselheiros, mantendo no cargo apenas o membro independente do conselho. Existe uma grande preocupação da ABPM, em relação a entrada da maçã chinesa. Os membros da associação foram a Brasília exigir do ministério da agricultura que não fosse permitido a entrada da maçã proveniente da China, pois pelo preço praticado iria ser inviável continuar a produção de maçã em muitas cidades do

²⁹ Em 30.06.2015 a Companhia informou ao mercado por meio de fato relevante que Edgar Rafael Safdie e Siwa Fundo de Investimento Multimercado Crédito Privado Investimento Exterior adquiriram ações ordinárias de emissão da Companhia que, em conjunto com as ações ordinárias detidas por pessoas ligadas, passaram a corresponder a 51,27% (cinquenta e um inteiros e vinte e sete centésimos por cento) do capital social total da Companhia. As aquisições de ações ordinárias acima referidas ocorreram em operações em bolsa de valores, bem como por meio de subscrições no âmbito do aumento de capital aprovado pelo Conselho de Administração da Companhia em 24 de abril de 2015 e homologado em 23 de junho de 2015, mediante exercício de direito de preferência e em procedimento de rateio de sobras.

Brasil. Segundo a ABPM, existia um interesse na Pomifrutas em importar maçã e comercializá-las em nosso território.

Figura 20- Divisão das ações da Pomifrai



Fonte: http://www.pomifrutas.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=38615 acessado em 28/09/2016 as 19:50.

A Pomifrutas, vem eliminando sua produção de maçã gradativamente. O objetivo da empresa na atualidade, é utilizar sua estrutura de armazenamento, distribuição, e seu nome no mercado nacional e internacional para apenas comercializar frutas, principalmente a maçã. Comprando estas de pequenos produtores da região meio oeste, do planalto serrano e de Vacaria.

Atualmente é notório a crise do setor macieiro. Basta olharmos a paisagem da cidade, que antigamente era cercada por pomares e hoje é visto gradativamente o aumento do número de loteamentos e de produção de grãos. As grandes empresas do setor, já estão se rendendo a produção de grãos, como é o caso da Fischer que além da soja produz, Kiwi, óleo oliva e milho.

Não podemos afirmar que será o fim da combinação da maçã, existe um interesse e uma resistência das empresas e do poder público em não divulgar a fraqueza no setor. Muitas estão altamente endividadas, a queda da produção devido a uma grande geada na época da florada da maçã, agravou mais ainda a situação das empresas. Mesmo com a abertura de mercado de muitos países, como a Rússia que comprava maçã dos EUA, e com a crise política envolvendo o conflito na Síria, necessitava de maçã de outros países, sendo o Brasil um grande candidato a fornecer, principalmente pelo acordo do BRICS³⁰, deixou de exportar pela falta do produto devido a está anomalia climática. Muitas empresas estão operando no vermelho, esperando a nova safra 2016/2017, para tentar recupera seus prejuízos.

Cabe salientar, que hoje Fraiburgo possui ainda grande parte de sua economia a

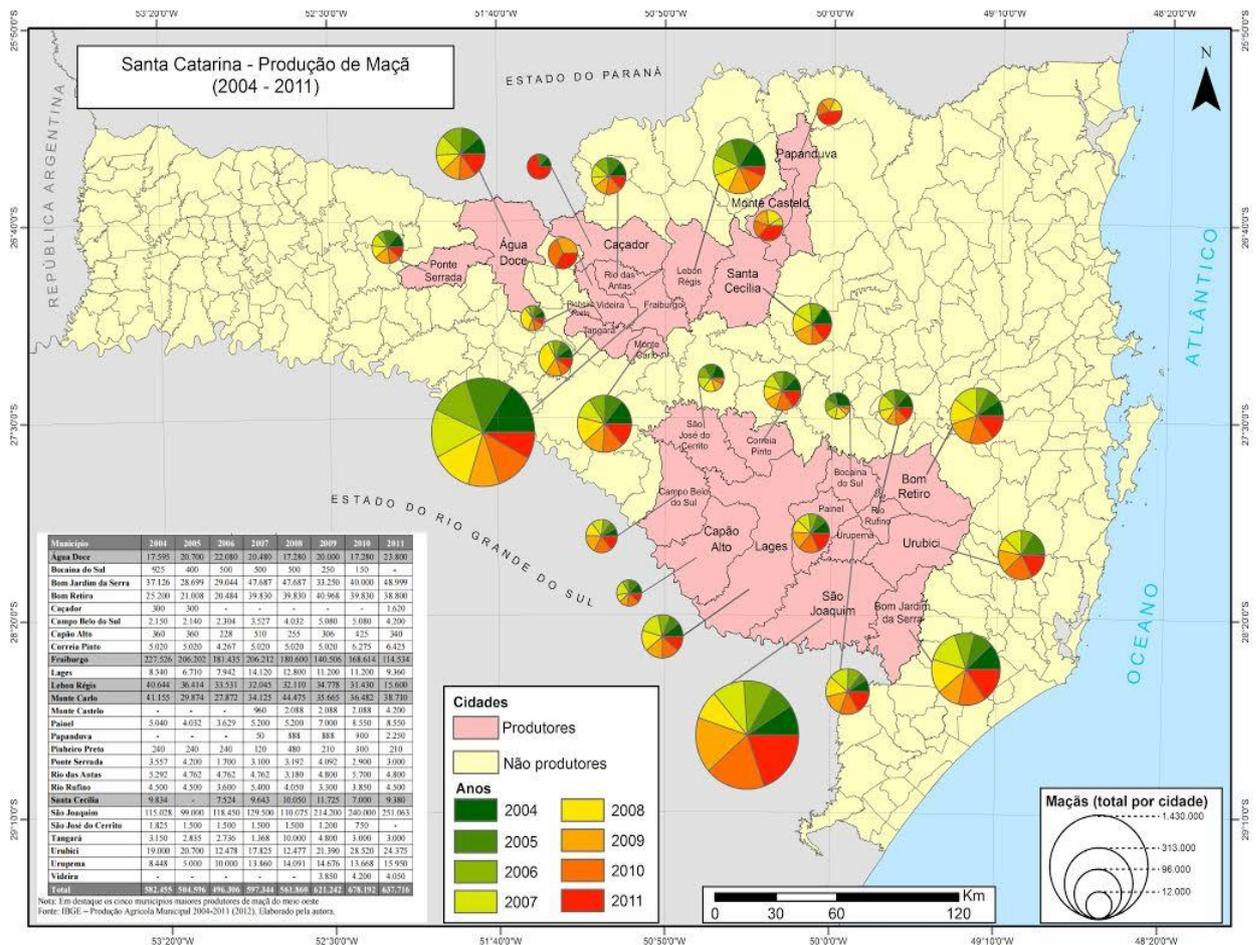
³⁰ Grupo dos principais emergentes (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que fundaram um mecanismo informal de cooperação socioeconômica.

produção da maçã, ficando evidente que a maior parte dessas não são mais produzidas na cidade (mapa 5). Fraiburgo está virando uma área de estocagem, transformação, comercialização da maçã. Temos em Fraiburgo atualmente uma grande infraestrutura ociosa. Os investimentos feitos no auge dessa combinação, como os parkings house e câmaras frias, pela queda na produção, estão sem uso.

A redução drástica na produção vem promovendo em Fraiburgo uma mudança na paisagem. Os antigos pomares, hoje estão dando lugar a produção de grãos, como soja e milho ou a loteamentos urbanos.

“Acabou virou grão. Hoje a produção de maçã quase não existe mais. Falo na área de Fraiburgo. Na região do Rio do Peixe, sim tem pequenos produtores. A produção da maior empresa, a Fischer, em grande parte não é mais em Fraiburgo, e sim em Monte Carlo, Lebon Régis, enfim na região. Fraiburgo nunca mais voltará a ser a Terra da Maçã.” [Entrevista realizada com Engenheiro Agrônomo Dr. Rafael Borges, no dia 22/09/16].

Mapa 5 – Produção de maçã em Santa Catarina



Fonte: Dados da ABPM 2015 - Elaborado por Régis G. GEOLAB-UDESC 2016

As empresas da cidade, estão mudando suas estratégias, algumas estão certificando

pequenos produtores, procurando assim reduzir os gastos na produção e diminuir seus riscos de perdas. A produção vem das cidades vizinhas como Monte Carlo, Santa Cecília, Lebon Régis, ou de cidades mais distantes como São Joaquim, Bom Jardim da Serra e Vacaria. Fraiburgo assim, vai deixando de ser gradativamente um grande produtor de maçã, para um grande comercializador da maçã produzida nas cidades vizinhas.

2.2.4.- Fraiburgo a cidade dos grãos

Nossa pesquisa, ressalta a importância de um aprofundamento maior no assunto, e acompanhar as tomadas das decisões dos elementos políticos e econômicos desta combinação, para poder afirmar que Fraiburgo não tem mais como combinação geográfica a maçã e quem sabe esteja surgindo uma nova combinação geográfica, a dos grãos. Fraiburgo não mais a “Terra da Maçã” e sim a “Terra dos Grãos”. Segundo os dados do IBGE/2015, houve uma grande redução da área destinada ao cultivo da maçã, e também uma redução drástica na produção de maçã (tabela 8). Fraiburgo está a cada ano deixando de ter sua economia associada a produção da fruta e passando a ser a terra dos grãos.

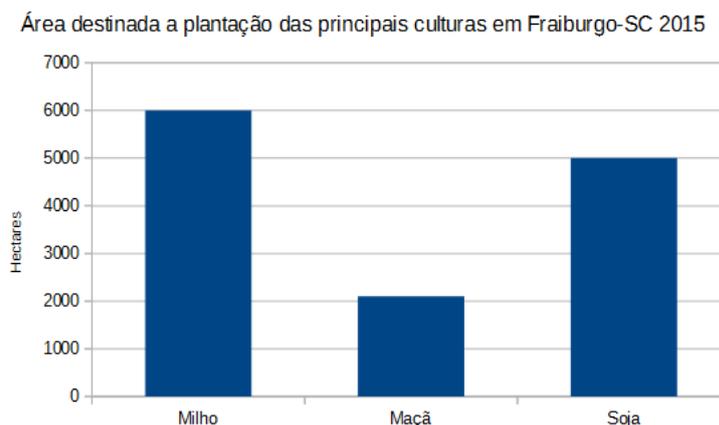
Tabela 8 - Área destinada a produção x quantidade produzidas (maçã)

Área destinada à colheita (Hectares)								Quantidade produzida (Toneladas)							
2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
5.600	4.106	4.500	2.727	2.472	2.172	2.172	2.172	180.600	140.506	168.614	114.534	98.880	65.160	86.880	86.880

Fonte – IBGE 2015

A área destinada a produção de grãos em Fraiburgo é muito maior que a área destinada a produção da maçã. Somando apenas as culturas mais cultivadas de grãos de Fraiburgo (soja e milho), temos cerca de 6 vezes maior que a área de pomares de maçã (gráfico 4).

Gráfico 4 - Área destinada a produção grãos e maçã



Fonte IBGE 2015

Em conversa com agricultores da cidade, percebeu-se que não existe um interesse na produção de maçã. Apontam dentre os fatores, o alto custo e dificuldade de se obter mão de obra. Produzir grãos exige pouca mão de obra, devido à alta mecanização do sistema de plantio. Fraiburgo possui um relevo bem plano que facilita ainda mais o desenvolvimento dessas culturas. O clima é favorável a produção do milho e soja.

“Fraiburgo é um dos locais mais aptos a produção de milho no mundo. A altitude e o clima temperado propiciam o grande desenvolvimento do produto. O solo é de boa qualidade, a topografia é plana. Para produzir maçã necessitam muita mão de obra. Já grãos, como soja e milho não chegam a cinco funcionários. No começo a maior parte dos trabalhadores da maçã não eram fichados, as empresas iam a Lebon Régis, Monte Carlo, Santa Cecília, enchiam um ônibus e traziam pagando o dia. Hoje a fiscalização está muito grande. Demora-se duas semanas para contratar e quando acaba o contrato duas semanas para dispensar, eles saem fichados já lá do Nordeste” [Entrevista realizada com Engenheiro Agrônomo Dr. Rafael Borges, no dia 22/09/16].

Gradativamente a paisagem de Fraiburgo é modificada, os pomares vão dando lugar a produção de grãos, os pomares que estão localizados nas áreas mais valorizadas, ou seja, mais próximos ao centro da cidade, estão virando loteamentos urbanos, algo em grande expansão em Fraiburgo. A até então Terra da Maçã, pode ser considerada hoje como a Futura Terra dos Grãos. Um dos fatores que impulsionam a produção de milho em Fraiburgo, além do clima propício, do solo, das terras planas e o alto consumo na região. Santa Catarina é o principal consumidor de milho do país, com um consumo anual de 6 milhões de toneladas, para uma produção de 2,5 milhões, tendo ainda que importar cerca de 3,5 milhões.

O último levantamento da lavoura permanente de Fraiburgo, realizado pelo IBGE, refere ao ano de 2012, e aponta a seguinte situação para o município: de todas as culturas permanentes de produção. O caqui, a maçã, pera, pêssego e uva. Segue abaixo informações sobre área, produção e valor da produção para cada uma destas culturas em Fraiburgo (tabela 9).

Tabela 9 - Culturas permanentes em Fraiburgo

Cultura permanente	Área colhida (em hectares)	Área destinada à colhida (em hectares)	Quantidade produzida (em toneladas)	Rendimento médio (quilogramas por hectare)	Valor da produção (em mil reais)
Caqui	34	34	680	20.000	680
Maçã	2.472	2.472	98.880	40.000	98.880
Pera	1	1	12	12.000	12
Pêssego	200	200	6.000	30.000	7.200
Uva	62	62	744	12.000	353

Fonte: IBGE, 2013.

Dentre as culturas temporárias possíveis, Fraiburgo possui produção de 9 culturas: alho, batata, cebola, feijão, fumo, milho, soja, tomate e trigo. Segue abaixo informações sobre área, produção e valor da produção para cada uma destas culturas em Fraiburgo (Tabela 10).

Tabela 10- Culturas temporárias em Fraiburgo

Cultura temporária	Área colhida (em hectares)	Área destinada à colheita (em hectares)	Quantidade produzida (em toneladas)	Rendimento médio (quilogramas por hectare)	Valor da produção (em mil reais)
Alho	240	240	3.600	15.000	32.400
Batata	10	10	140	14.000	101
Cebola	300	300	7.200	24.000	5.760
Feijão (em grão)	3.000	3.000	7.200	2.400	18.000
Fumo (em folha)	200	200	300	1.500	1.770
Milho (em grão)	8.000	8.000	57.600	7.200	22.061
Soja	3.000	3.000	9.000	3.000	8.222
Tomate	5	5	250	50.000	188
Trigo	1.000	1.000	2.160	2.160	799

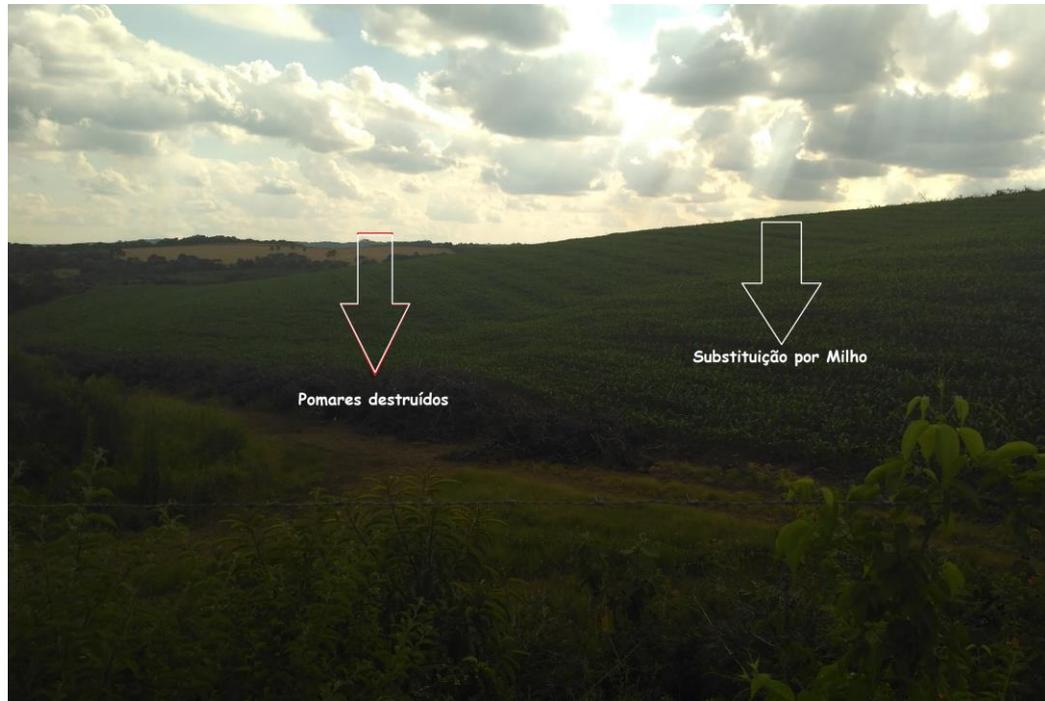
Fonte: IBGE, 2013.

As tabelas acima, nos permitem tecer importantes considerações sobre a agricultura de Fraiburgo. Inicialmente, deve-se considerar que, tantos em termos de área colhida como de área destinada à colheita, a cultura da maçã encontra-se atrás, em volume de área, das culturas de milho, soja e feijão. A maior parte das terras destinadas e utilizadas efetivamente em colheita no município de Fraiburgo não é, portanto, para a maçã, mas sim para o milho.

As dificuldades das agroindústrias macieiras, vem transformando a até então a Terra da Maçã, na cidade dos Grãos. A alta mecanização e conseqüentemente a baixa necessidade de mão de obra, associada a grande necessidade de milho para abastecer a produção de aves e suínos, muito forte no meio oeste catarinense, sabendo que Santa Catarina não produz todo milho que consome, havendo a necessidade da importação do produto. Segundo os dados da EPAGRI (2015), o deficit do Estado é cerca de 3.000 toneladas. Este processo vem

transformando a paisagem de Fraiburgo (Figura 21).

Figura 21 – Substituição dos pomares por milho em Fraiburgo-SC



Um elemento importante a se destacar, por fim, é que, no ano de 2012, tanto entre as culturas permanentes como entre as temporárias, toda a área destinada à colheita foi efetivamente colhida. Mais que um indicador positivo de produtividade, trata-se de um indicador agrário perigoso, que revela a ausência de um descanso parcial da terra durante o cultivo. Esta prática tende a esgotar as capacidades hídricas da terra destinada à colheita, comprometendo futuramente a produção na região.

Do exposto acima é que se reafirma, agora amparado em dados, que, tanto em termos territoriais, como de produtividade e volumes de recursos, estudar a produção de maçã é estudar a própria estrutura produtiva de Fraiburgo.

3. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MEIO OESTE CATARINENSE

Para falarmos do desenvolvimento socioeconômico de Fraiburgo a partir das combinações geográficas, devemos levantar as possíveis condicionantes que proporcionaram e potencializaram o desenvolvimento da região. Dentre os principais fatores, podemos destacar os investimentos estatais, através de programas que facilitaram a comercialização dos produtos da região, bem como, promoveram a atração de investimentos e infraestrutura.

A região oeste do Estado, foi a última ser colonizada, seu desenvolvimento está muito associado a construção da ferrovia SP-RS (mapa 6) A obra proporcionou a ligação da região ocidental de Santa Catarina com as províncias de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A obra ainda ajudou a demarcar o território catarinense, por toda disputa existente envolvendo a Argentina/Brasil e o Estado do Paraná/ Santa Catarina.

Para o governo, a construção de uma ferrovia no oeste catarinense iria ajudar na definição do território, uma vez que desde 1881 a Argentina reivindicava parte significativa do oeste catarinense e paranaense (Questão de Palmas). Após o acordo firmado com a Argentina, em 1895, o governo brasileiro tratou de povoar a região o mais rápido possível. Para tanto, seria necessário criar estruturas viáveis para levar e manter as pessoas na região (FILHO, 2009. p.106).

Mapa 6 – Trajeto da Ferrovia SP-RS, margeando o Rio do Peixe na região meio oeste



Fonte: Extraído do artigo **A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande na formação econômica regional em Santa Catarina**. Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 103

A construção da ferrovia atraí inúmeros trabalhadores de outras cidades brasileiras, tivemos posteriormente a comercialização das terras principalmente com os imigrantes Italianos e Alemães, pelas companhias de colonização, oriundas do Rio Grande do Sul ³¹e Paraná. As empresas comercializavam principalmente as terras que estavam as margens da ferrovia (15 km para cada lado), esta era a porção que a empresa Brazil Develepment & Colonization, tinha concessão, de acordo com o Decreto nº 10.432, de 9 de novembro de 1889.

A construção da ferrovia, o extrativismo vegetal e as “frentes pioneiras” no oeste e meio oeste catarinense, se resumem num só elemento que explica a introdução de relações capitalistas de produção na região. Apesar da presença de índios Kaingang e Xokleng, de algumas fazendas de criação e de pequenas roças de caboclos, foi com a construção da estrada de ferro e com a demarcação das terras feita pelas companhias colonizadoras que a região passou a ser ocupada de forma capitalista. Até então, era esparsamente povoada e fracamente monetizada (GOULARTI FILHO, 2002 apud FILHO, 2009. p.109).

As Companhias de colonização, pertenciam principalmente a imigrantes ou filhos de imigrantes, fator que favoreceu a comercialização dos lotes (em média possuíam 25 ha), através da relação com os colonos. Essas empresas colonizadoras também eram registradas como madeireiras, assim após o desmatamento comercializavam as terras. Não forneciam nenhuma infraestrutura aos compradores, como escolas e hospitais, desta forma o lucro das empresas era muito expressivo.

As despesas eram poucas. A companhia instalava escritórios na região. Os lotes possuíam 25 ha em média, são vendidos a vista com desconto, e a longo prazo, em prestações módicas. As colônias particulares não necessitavam e infraestrutura para abrigar os colonos, nem médicos, nem escolas: valem-se das condições oferecidas por cidades próximas. Dessa forma, o lucro do empreendimento era alto. Algumas companhias estudadas conseguiram, no prazo de 12 meses, com o capital inicial de 15 contos, ter um rendimento de mais de 60 contos de réis. (GIRON, L e BERGAMASCHI, H. 2005, p.173)

Com o tempo, as colônias começam a se organizar, criando os primeiros equipamentos urbanos, como MAMIGONIAM afirma (1960, p 51 -53, apud SILVA, p. 55 -56), nas zonas de colonização europeia do Sul do Brasil, apesar do estabelecimento inicial de uma sede cumprir funções não-rurais, “como a dos serviços religiosos e escolares, administrações, comércio, serviços de comunicação e de polícia”, as colônias se transformaram em verdadeiros organismos urbanos apenas após o crescimento que se seguiu à Primeira Grande Guerra, o que significa dizer que o corpo das cidades foi um resultado, direto do desenvolvimento industrial que ali se processou.

³¹ As Companhias colonizadoras do Rio Grande do Sul, buscam terras mais baratas nos Estados de Santa Catarina e Paraná e sem entraves legais que o governo gaúcho começou a adotar a partir de 1899.

Na região Meio Oeste de Santa Catarina, percebemos diferentes evoluções históricas dos meios de produção. Primeiramente destacamos a dos caboclos, frutos da miscigenação dos tropeiros com a população indígena, tiveram sua evolução através de um modelo de subsistência, com práticas herdadas dos índios Jês do Sul³², como a pesca, a extração de pinhões das Araucárias, a criação de porcos selvagens de uma forma seminômade, reproduzindo o modelo de pequena produção cabocla. Quando sobra alguns produtos das roças “os caboclos fazem miúdo comércio – na base de troca – com os bodegueiros.” (QUEIROZ, 1996, p. 29-30, apud VIEIRA, 2011, p. 40).

A Guerra do Contestado (1912-1916), representou uma disputa pela afirmação das oligarquias estaduais. RANGEL, 1957, p.65 afirma que “ao contrário do poder central da Monarquia, alicerçado na escravidão, a estruturação política da República, com base no latifúndio, teria que emergir como prolongamento, no âmbito nacional, dos absolutismos regionais mais fortes. Antes seria mister que esses absolutismos se constituíssem, que as oligarquias estaduais se firmassem, habilitando-se ao complicado jogo político que encheu toda a Primeira República...”

A formação da República, em 1889, acelera o processo de expropriação das terras dos caboclos, as terras passaram a ser dominadas pelo Estado, cujos governos eram controlados por coronéis, redistribuíam a baixos custos. Os caboclos eram expulsos pela comercialização e concessão das terras, gerando uma grande revolta, sobre grande influência de líderes religiosos³³.

Os caboclos estavam sendo expulsos das terras ocupadas pela companhia Brazil Railway, multinacional americana. Alguns trabalhavam na própria construção da ferrovia SP-RS. Agora desempregados e sem suas terras, começam a ser reunir em locais onde lhe eram oferecidos qualquer apoio, decorrente de tal situação. Com a extrema dificuldade, chegam a “Cidade Santa de Taquaruçu”, uma comarca de Curitibaanos, que servia de ponto de parada aos tropeiros e comerciantes que por ali passavam. Por serem bem recebidos em Taquaruçu, está região atrai cada vez mais caboclos que constroem inúmeras casas.

³² Segundo Thome (2010) não há certeza sobre o fato dessa região ser ocupada por Xoklengs ou Kaigangs, por isso seguimos a indicação do autor em denominar Jês do Sul.

³³ A região do Contestado teve três líderes religiosos, o primeiro João Maria de Agostini, considerado o verdadeiro Santo. Passou pela região por volta de 1844, ensinando rezas, batizando, curando enfermos e realizando benzeduras. No final do século XIX até início do século XX, outro líder religioso com o nome de João Maria de Jesus, fazia rezas e benzedura desaparece misteriosamente em 1911 (THOMÉ, 2005, p.18). O terceiro este sim, que influência no período da Guerra do Contestado, Miguel Lucena de Boaventura, que passou a ser chamado de Monge José Maria, realizava rezas, batizados, curas espirituais, remédios caseiros. Morreu em uma emboscada por militares paranaenses em 1912, originando a revolta dos Caboclos (FELISBINO, 2013, P.43 apud SERPA, 2015, p 44).

A ferrovia foi inaugurada no ano de 1910 e, até então, a Região era habitada, esparsamente, pelas comunidades indígenas e pelos caboclos e mestiços pioneiros. Após a inauguração da ferrovia, tudo mudou e teve início uma nova História no Contestado (VALENTINI, 2009, p. 56).

Em 1912, apareceu na região o Monge José Maria, aproveitando a fama de outros curandeiros anteriores, da pobreza e da fé dos caboclos, logo ganha fama por curar doentes com ervas e rezas. Falava a população que era irmão de João Maria, famoso curandeiro, que durante o final do século XIX, fazia benzeduras e rezas na região. Ser irmão de João Maria, facilitaria sua entrada nas comunidades mais carentes, chegando então em Taquaruçu.

A fama de José Maria na região, aumenta muito após notícias da cura de uma doença da esposa do fazendeiro Henrique Paes de Almeida, possuidor de uma grande gleba de terras na região. A população comentava que o Monge José Maria não aceitou as terras e dinheiro oferecido pelo fazendeiro pela cura de sua mulher. Está notícia se espalha, não agradando os coronéis e comerciantes da então rival Curitibaanos, que com receio do crescimento ainda maior de Taquaruçu, denunciam as autoridades militares que em uma de suas comarcas estava se montando um grupo rebelde, liderados por um profeta religioso.

O que provocou a ira dos prepotentes coronéis latifundiários de Curitibaanos foi a perda da dominação sobre a multidão dos pobres e miseráveis caboclos do sertão, tradicionalmente submissos aos interesses deste senhorio local. A influência de José Maria, deu aos caboclos um novo sentido de existência social. O trabalho cooperativo, a justiça resgatada pela partilha igualitária dos frutos do trabalho, o respeito aos valores humanos fundamentais da infância e juventude, sobretudo das meninas-moças, tão cobiçadas pelos apetites sexuais dos coronéis da região. (AURAS, 1999, apud SERPA, 2015, p 33).

O Governo do Estado de Santa Catarina, envia militares a Taquaruçu a pedido do superintendente de Curitibaanos, para por fim ao movimento apontado como rebelde. O Monge José Maria antes da chegada dos militares se desloca com 24 homens aos campos de Irani, que na época pertencia ao estado do Paraná³⁴. Chegando a Irani, cerca de 150 km de Taquaruçu, houve um conflito entre o Grupo liderado por José Maria e os militares, gerando baixas em ambos os grupos, e a morte do Monge, gerando ainda mais comoção e revolta entre seus seguidores. O Estado do Paraná recém-separado de São Paulo, e em pleno processo de formação territorial, entra na disputa com o Estado Catarinense pela porção oeste. A valorização das terras pela comercialização e pela riqueza natural dos ervais e dos pinheiros, despertam ainda mais o interesse do Estado vizinho nas terras Catarinenses.

“O farto dessas lutas de classes se travarem como pretexto religiosos e dos interesse, reivindicações e necessidades das diversas classes se ocultarem sob o manto da

³⁴ Até 1916, as terras situadas a oeste do Rio do Peixe pertenciam ao Estado do Paraná, que quiseram fazer da invasão o motivo para iniciar o conflito.

religião, em nada muda os seus fundamentos e se explica facilmente pelas circunstâncias da época” (ENGELS, 1946, p.37. apud VIEIRA, 2011, p. 42)

Os coronéis de toda a região não estavam nem um pouco satisfeitos com a união dos caboclos, já estavam sentindo a dificuldade em arrumar mão de obra para suas fazendas, anteriormente farta e barata. Este fator associado a intrigas políticas e a ocupação de terras devolutas pelos caboclos, em território catarinense e paranaense foram os motivos imediatos para a deflagração da Guerra do Contestado.

Acredita-se que uma das principais causas da Guerra do Contestado foram intrigas políticas, pois até então as pessoas da comunidade viviam tranquilamente. Após as desavenças políticas, as famílias de Taquaruçu ficaram mais unidas e diante das agressões foram ornando-se violentas aos desafetos (FELISBINO, 2013, p.37).

Após o conflito de Irani, o movimento dos caboclos ganha força. Antes de morrer, José Maria havia prometido ressuscitar um ano exato após a sua morte (22 de outubro de 1912).

Em setembro de 1913, em Taquaruçu, hoje distrito de Fraiburgo, se espalha a notícia da ressurreição do Monge, o que atrai inúmeros caboclos da região, muitos abandonam fazendas como empregados, provocando uma revolta maior nos coronéis. Em dezembro de 1913, os caboclos ficaram sabendo da vinda de um pelotão de soldados em direção a Taquaruçu, se preparam para o conflito e por conhecerem bem a região preparam uma armadilha e vencem o confronto, gerando ainda mais ira nas forças federais.

Os caboclos estavam esperando uma resposta em breve dos militares, se organizaram e montaram guardas em pontos mais distantes de Taquaruçu, na comunidade de Caraguatá, esperando surpreender novamente as tropas do governo. Em fevereiro de 1914, as tropas vieram fortemente armadas, inclusive com canhões, se posicionaram no alto do morro e lançaram bombas no vilarejo. O massacre foi geral, quem se salvou fugiu para a Serra da Esperança, área de difícil acesso, por estar situada no alto da serra. Os permanentes no distrito, tiveram que entregar seus armamentos, caso não fizessem teriam seu nome sujo pela justiça.

Deveriam devolver suas armas as forças federais. Quem os devolvesse teriam “seu nome limpo na justiça”. Os caboclos não tiveram outra saída a não ser devolver as armas, depois de muita surra e perseguição. Cada uma delas guardava em sua história e eram seus troféus. (FELISBINO, 2013, p. 64).

Mesmo com o fim da Guerra, os problemas para os caboclos sobreviventes não acabaram, o grande problema agora seria provar a posse das terras, levando em consideração que não possuíam documento algum que comprovassem a propriedade. Foram facilmente expropriados pelos fazendeiros, novos posseiros, grileiros e pelo governo que concedeu

posses de grandes terras a seus aliados. Com o propósito de firmar jurisdição e de criar fatos consumados, as autoridades de ambos os Estados promoviam a fundação de vilas, legalizavam posses e concediam terra a correligionários ou empresas nas áreas litigiosas”. MONTEIRO, 1974 p 29-30, apud VIEIRA, 2011 p 41). Está aí a explicação do “Serrar as meias” o acordo feito entre a família Frey e família Ramos.

A apropriação, pela classe dos feudais, de toda a terra acessível, habitável e agricultável, não restando terras livres onde aqueles trabalhadores reduzidos à condição de agricultores sedentários se pudessem instalar — isto é, a supressão do regime pelo qual a Coroa, no intuito de habilitar-se a negociar novas vassalagens, reduzia ao mínimo as terras doadas aos fazendeiros, o que implicava em deixar, ao lado das terras já apropriadas por estes, muitas terras devolutas, isto é, livres ou sem dono (RANGEL,1981, p.21-22).

De outro lado temos os imigrantes alemães e italianos que iniciam com a prática da subsistência, posteriormente com o excedente produzido, desenvolvem pequenos comércios locais. Com a facilidade de acesso aos grandes mercados brasileiros, principalmente São Paulo através da ferrovia SP-RS. Os pequenos produtores catarinenses tinham acesso a matéria-prima mais barata que os até então concorrentes, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Buscaram novas técnicas na produção da banha e salames na Europa, que ajudaram a desenvolver novos modelos de produção, da pequena produção feudal para o capitalismo mercantil, através da pequena produção mercantil. Rangel afirma que as fazendas passam a ser internas feudais e externas pequenas produções mercantil, sendo assim uma dualidade.

Rangel classifica como a segunda dualidade, no Brasil se configura da seguinte forma:

Polo Interno	Lado interno - feudalismo
	Lado externo - capitalismo mercantil
Polo Externo	Lado interno - capitalismo mercantil
	Lado externo - capitalismo industrial

A classe comerciante se desenvolve de forma acelerada, por serem os representantes do Polo Externo, Rangel classifica-os como “Sócio maior”. Esta burguesia, se tornam fortes comerciantes e posteriormente alguns dão origem a grupos industriais e comercias de destaque no meio oeste catarinense, onde algumas destas famílias formam fortes oligarquias políticas.

Nesta dualidade, as elites coexistem dialeticamente de modo que a burguesia

comerciante (sócio maior) passa a ser confrontada pelo então sócio menor, formado pelos fazendeiros latifundiários feudais/comerciantes, em razão da “interiorização do aparelho de intermediação mercantil” (RANGEL, 1981, p.23, apud SIMAS, 2015, p 236).

Essa transição se dá de forma natural, as famílias com o excedente produzido comercializam primeiramente na comunidade, a construção da ferrovia SP-RS, ajuda a interligar os pequenos produtores aos grandes centros consumidores. A grande quantidade de matéria prima disponível impulsiona os pequenos negócios. O governo federal permite que os pequenos produtores enviem seus produtos aos grandes centros sem taxa de transporte, facilitando ainda mais o comércio.

A grandiosa obra (figura 22), exigiu um grande número de trabalhadores temporários, cerca de 8.000. A dificuldade para obtenção da mesma fez com que a empresa elaborasse estratégias a fim de suprir tais deficiências. Muitos caboclos foram recrutados para trabalhar na linha de frente abrindo caminhos na mata e outros no serviço mais pesado, que consistia na construção de pontes e túnel de Pinheiro Preto.

Figura 22 – Construção da Ferrovia SP-RS. No Vale do Rio do Peixe, Meio Oeste de SC



Fonte: Autor desconhecido – Acervo pessoal de Joeli Laba.

A estação de Rio das Pedras (hoje Videira) é inaugurada em 1910, fica a cerca de 30 km de Fraiburgo. Após a Guerra do Contestado, com a assinatura de Acordo dos limites fronteiriço entre os Estados de Santa Catarina e Paraná em 1916, os planos de colonização se

intensificam. As empresas colonizadoras do estado gaúcho compram grandes áreas da Companhia Ferroviária responsável, comercializando principalmente com imigrantes alemães e italianos. Estes fundam colônias as margens do Rio do Peixe, de um lado alemãs e do outro, Italianas.

Os italianos da região meio oeste catarinense, se dedicavam a criação de porcos e perus, a produção de uvas e vinhos, milho entre outros produtos agrícolas. Já os alemães se dedicavam a produção de produtos derivados dos porcos como salames e banha e agricultura. Ambas as colônias, pelas necessidades e pelo fato da região ser rica em pinheiros desenvolveram madeireiras. A economia da região evolui, primeiramente para atender as necessidades locais e posteriormente os grandes consumidores nacionais. Este processo se torna facilitado pela construção da ferrovia RS-SP e por privilégios concedidos aos imigrantes que enviavam aos grandes centros do país seus produtos sem pagar pelo transporte.

Os produtores independentes, que possuem as condições próprias de trabalho e os meios de produção, produzem um determinado produto que seria entregue ao mercado. Esse excedente econômico, que nasce no interior do complexo rural, tende a acumular-se nas mãos dos pequenos e grandes comerciantes, que orientavam a vida econômica das áreas de influência, bem como nas mãos dos próprios pequenos produtores (ESPINDOLA, 2012, p.8).

A extração dos pinheiros, gera capital para as madeiras nômades e emprego aos caboclos, que vem como única opção venderem sua força de trabalho para sobreviverem após a expropriação de suas terras. A sua força de trabalho é sua mercadoria, negociada com os fazendeiros e donos das madeireiras.

O trabalhador é livre em dois sentidos: de ser uma pessoa livre, que dispõe de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de, por outro lado, ser alguém que não tem outra mercadoria para vender, livre e solto, carecendo absolutamente de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho. (MARX, 1894, p.244, apud, HARVEY, 2015, p. 486).

A quantidade de pinheiros extraídos, leva Santa Catarina a uns dos principais Estados a devastar a vegetação nativa do Brasil na época. Sabemos que hoje da mata original das Araucárias restam apenas de 3 a 5%. O grande valor comercial dos pinheiros, imbuías e cedros aceleram o desmatamento quase que total das araucárias do meio oeste catarinense.

As famílias de imigrantes europeus do meio oeste catarinense, oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul e Paraná principalmente, desenvolvem seus pequenos negócios atendendo a população da região. Pela distância dos grandes centros, qualquer negócio que abrissem, seguindo a ordem de produzirem produtos necessários para o dia a dia, prosperavam. Abriam mercados, armazéns, açougues e comércios ligados aos serviços, como alfaiates e confeitarias. Pelo potencial da região os comércios que mais prosperaram foram ligados a

pecuária, a produção de derivados como a banha e salames.

Muitos desses comerciantes e pequenos produtores dirigiram seus investimentos para outras atividades. Dentre eles, destacavam-se as inversões realizadas nas áreas de produção e beneficiamento da banha, conservas de carne, salames, salamis, etc. Com efeito, essa nova onda dará um novo impulso à indústria de carne no sul do país. (ESPINDOLA, 2012, p8).

3.1- Desenvolvimento socioeconômico em Fraiburgo

Seguindo a teoria de Cholley (1964), a combinação de elementos naturais e humanos, são responsáveis pelas formações das sociedades. Como já vimos anteriormente, a região meio oeste tem seu desenvolvimento socioeconômico muito associado a extração das Araucárias. Área rica em Pinheiros, desperta o interesse de inúmeras madeireiras, que ao se instalarem promovem um ser grau de desenvolvimento. Fraiburgo, assim como grande parte das cidades do meio oeste tem seu desenvolvimento econômico ligado primeiramente a combinação extrativista. Anterior a esta combinação, destacamos a criação de porcos e perus, que eram comercializados com os abatedouros em Perdizes, e a produção de fibras dos butiazeiros.

Também marca o local que parte da população de onde se localiza o município de Fraiburgo foi arrasada na Guerra do Contestado, muitos caboclos com medo, migraram para uma área elevada, mais segura, na Serra do Timbó Grande, e por lá permaneceram por algum tempo, até novamente serem contratados pelas madeireiras e fazendas da região.

Faremos um recorte no tempo e espaço, dando como prioridade após o período da instalação da ferrovia SP-RS e ao local onde se encontra o município de Fraiburgo na atualidade. A primeira combinação geográfica a partir do século XX, foi a madeireira, Combinação que deu impulso ao processo de Colonização da região meio oeste Catarinense. Neste processo de ocupação do espaço e a busca pelo capital promovem a atração de inúmeros trabalhadores – a força de trabalho - muitos oriundos da região, principalmente caboclos e imigrantes nos períodos das entressafras, e outros vindos sobretudo do Paraná. Os compromissos assumidos com o governo federal ³⁵ recém-criado, e a dificuldade em arrumar mão de obra, faz com que a empresa responsável pela construção da ferrovia, utilize estratégias atrativas a fim de não perder os privilégios conquistados no acordo com o governo

³⁵ A empresa deveria ser organizada no máximo em um ano (Cláusula II) e os trabalhos deveriam começar em no máximo sessenta dias após a aprovação dos estudos finais e ser concluídos no máximo em cinco anos (Cláusula IV). As obras não poderiam ser interrompidas; caso o fossem, caducariam os privilégios e as garantias (Cláusula XXXV). Muitos eram os deveres atribuídos à Companhia, inclusive o de transportar gratuitamente colonos e imigrantes, além de sementes e plantas enviadas a estes pelo governo, bem como malas do correio. (ESPIG, 2012 p 2)

– como a concessão de terras as margens da ferrovia – posteriormente negociadas através das companhias de colonização.

Assim chega a família Frey a região meio oeste catarinense, primeiramente em Perdizes, desenvolvem seus primeiros negócios. A prática na produção de salames e banha de porco, levam a família Frey abrirem um matadouro e um açougue. Posteriormente com uma visão empreendedora, e o crescimento dos pequenos produtores mercantis, onde enviavam muitos produtos para São Paulo, montam uma pequena fábrica de caixas, visando proteger a produção de uvas, salames e banha primeiramente. O crescimento da produção e a escassez da madeira em Perdizes, motivam a família buscar novas áreas com grande quantidade de pinheiros. Assim chegam a Fraiburgo na década de 30.

Procurando desvendar como se deu o desenvolvimento socioeconômico de Fraiburgo, recorremos a livros escritos ³⁶ pela família Frey, e entrevistamos dois membros que vivenciaram toda a história da cidade, Sr. Willy Frey e Sra. Gerda Frey Ziolkowski, filhos de Arnaldo Frey. Na versão da família, os Frey foram pioneiros, percussores, abriram as primeiras estradas, desenvolveram os primeiros negócios, trouxeram o desenvolvimento a uma região pouco habitada. As terras foram adquiridas através de acordos com a família Ramos de Lages, que ganhou concessão das terras do governo federal. O acordo com os Ramos foi o de “serrar as meias”, onde metade do que fosse extraído ficaria a família Lageana e a outra metade com os Frey. Com o dinheiro adquirido na extração das madeiras da parte que os cabia, foram negociando e comprando terras na região, inclusive a parte dos Ramos. Instalaram uma grande madeireira em suas terras, produziam caixas e tábuas que transportavam até Videira para enviarem a São Paulo, principalmente. Com o crescimento da Serraria, vão expandindo seus negócios na região. Montam comércios como armazém de seco e molhados, posto de gasolina, vinícola, moinho de trigo, olaria, e fábrica de celulose.

Na versão dos descendentes dos caboclos, a família Frey foi uma grande grileira na região. Aproveitaram-se da política de branqueamento do meio oeste catarinense, e fizeram acordo com os Ramos, e se instalaram em Butiá Verde. Uma área com muito pinheiro para ser extraído.

Meu pai foi serrador em umas das madeireiras dos Frey, iniciou com 12 anos e trabalhou para eles até os 30 anos, eu estou falando em algo de 60 anos atrás. Uma vez ele me relatou que chegaram a serrar cinquenta dúzias de pinheiro num só dia, será que dá para imaginar a quantidade de madeira que tinha aqui? [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

³⁶ Os livros utilizados na pesquisa foram: Marco da história de Gerda Frey Ziolkowski; Fraiburgo: Berço da maçã brasileira. Lá nos Frey; Fraiburgo: e reflorestar é a solução de Willy Frey.

A estruturação da família Frey em Fraiburgo, se dá a partir da serraria, o capital adquirido se dá com a extração dos pinheiros. A mão de obra era barata, feita pelos caboclos principalmente e seus filhos, que eram atraídos pelos Frey principalmente por fornecerem alojamentos - casas- a seus empregados. Com uma carga horária de trabalho superior a oito horas/diária.

Muito trabalho infantil existia na época, o meu pai iniciou com a família Frey aos doze anos, claro que naquele tempo não se falava de trabalho infantil, e falo pra ti que toda geração dele foi assim, trabalhando desde muito cedo, seja na serraria, ou na fábrica de caixa. [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

Na versão dos descendentes dos caboclos, eles foram muito explorados pela família, pois além de serem proibidos de montarem negócios, apenas poderiam servir como mão de obra. Parte dos salários eram pagos em vales e estes só poderiam ser trocados nos armazéns da família. Temos aí uma dupla exploração, o baixo valor pago pela mão de obra e o lucro obtido com a venda dos produtos em seus armazéns e pagos como parte ou totalidade dos salários.

Ali onde é o lago hoje, tinha um armazém dos Frey. Alguns empregados recebiam seu salário em espécie, outros eles pagavam em mercadorias, nem salários tinham. Claro que eles têm os méritos deles, ninguém pode tirar, eu não discuto isso. Mas pensemos com os olhos de hoje, com a grande quantidade de madeira que tinha, não pagaram pelas terras, exploraram muito os caboclos, mão de obra quase escrava, dominando o comércio, tudo era deles. [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

No início, os primeiros negócios são implementados pela família, e todos os comércios que viriam a ser implementados deveriam de um certo modo ter ligação com a família. Os negócios que necessitavam de serviços especializados e fossem de grande necessidade, os Frey autorizavam desde que tivessem participação no empreendimento.

Meu pai falava que qualquer comércio, empresa, negócio que desejasse se instalar em Fraiburgo, deveriam pedir autorização aos Frey, senão não se instalavam, eles não permitiam, de alguma forma eles deveriam lucrar. Isso se deu até dois mandatos após a emancipação da cidade, final da década de 60. [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

Cabe ressaltar que o planejamento urbano ganha força no país na década de 1960. As fortes correntes migratórias em decorrência aos processos de industrialização e da construção de Brasília, impulsionam o surgimento das primeiras universidades especializadas em planejamento urbano no país. No governo militar mais especificamente, a criação de órgãos estimula uma explosão de imóveis oriundos de programas governamentais.

Fraiburgo conquistou sua emancipação um pouco anterior ao regime militar. Surge fortemente influenciada pela família Frey, que comandava além da economia a política da recém criada cidade. Os Frey encomendam um projeto urbanístico, pensando na organização e crescimento controlado da nova cidade do meio oeste catarinense.

Grande parte dos bairros foram criados pela família Frey, na década de 60, criam imobiliárias e passam a lotear grande parte do que hoje é a parte central da cidade. Ao analisarmos o mapa abaixo (mapa 7), dos bairros existentes em Fraiburgo, destacamos a presença de alguns bairros que surgiram antes da chegada da família Frey. O bairro Dez de Novembro, tem sua origem pela criação de uma colônia alemã na região. Eles fundam o distrito de Marechal Hindemburgo, que teve grande desenvolvimento, com comércios em geral como farmácias, bares, lojas de aviamentos, escolas e igrejas. Posteriormente pela Lei federal de Getúlio Vargas, mudam o nome para Dez de Novembro.

Outros bairros que surgiram antes da chegada dos Frey foram a Liberata, o campo da dúvida e o Taquaruçu, onde já relatamos acontecimentos da Guerra do Contestado. Parte desses bairros pertenciam a Videira e Curitiba. Onde hoje temos a cidade de Fraiburgo, o seu centro, era onde a família Frey instalou a maior parte de seus comércios. Com o poder político da família, conseguem a emancipação de Butiá Verde de Curitiba, anexando parte do território de Videira e outra de Curitiba.

Mapa 7– Bairros de Fraiburgo na atualidade



O desenvolvimento da cidade, está muito associado aos negócios implantados pela família Frey. A parte de urbanização, infraestrutura, comércio, escolas, igrejas, hospitais entre outros estabelecimentos implementados. Obviamente que não podemos considera um ato heroico e desbravador, pois era de muito interesse da família melhorar a estrutura da cidade, tendo em vista que grande parte dos negócios estavam relacionados a comercialização de terrenos e chácaras.

Como desbravadores é de certo ponto questionável, pois antes da chegada da família, já tínhamos uma grande história desenvolvida pelos caboclos, que necessitamos frisar, por não possuir os documentos de posse da terra foram expropriados, e junto com a expulsão, parte de sua história não é apagada, mas sim desmerecida. Com relação ao desenvolvimento econômico, a família Frey teve papel de destaque, mas muito pelos arranjos políticos conquistados.

3.2 O papel do Estado

Faremos um levantamento dos principais programas governamentais que potencializaram o desenvolvimento econômico de Fraiburgo. Em alguns momentos daremos um salto no tempo, evidenciando apenas os programas que estão relacionados as combinações geográficas de Fraiburgo.

O Estado teve papel importante no desenvolvimento do meio oeste catarinense. Além dos acordos com grandes grupos familiares como os Ramos, a família conseguiu acordos e favorecimentos através de seus arranjos políticos, seja com o governo estadual ou federal. Cabe salientar, que mesmo com as facilidades conseguidas, a família fez muito investimentos privado para a expansão de seus negócios, como a construção de um grande viveiro experimental e a contratação de especialistas europeus para desenvolverem pesquisas no ramo da fruticultura.

Os primeiros negócios da família Frey, foram instalados na cidade vizinha Perdizes (hoje Videira), com uma pequena empresa de produção mercantil, especializada na produção de salames e banha. Com a construção da ferrovia do contestado, e as possibilidades de comércio com São Paulo, a empresa apresenta um rápido crescimento. Neste momento, os pequenos produtores podiam enviar seus produtos a capital paulista sem custo de transporte.

“Meu pai começou a abater porcos, começou do zero, em Videira. Abatia um, dois porcos por dia e uma cabeça de gado por semana. Desenvolveram assim um pequeno frigorífico. Dos porcos faziam banha, era tudo porco de banha e mandavam para São Paulo pela ferrovia. São Paulo era um comilão, comia tudo que produzia. E assim foi aumentando os empregados, de um, para dois... dez. Os produtos eram mandados para São Paulo sem custo algum.” [Entrevista realizada no dia 03 de

agosto de 2016, com o Sr. Willy Frey]

Então, o primeiro apoio governamental ligado a família Frey, foi a possibilidade de transportar seus produtos para São Paulo, sem custo algum. Essa possibilidade potencializa não apenas a família como outros pequenos produtores mercantis do meio oeste catarinense. A necessidade de uma maior segurança e praticidade no transporte de seus produtores e dos demais produtores na região, levam a família Frey, abrirem seu segundo empreendimento em Perdizes, a fábrica de caixas. Agora, além de embalam seus produtos, comercializavam caixas com os pequenos produtores da região do meio oeste e ainda enviavam caixas vazias para o sudeste brasileiro. Grande parte do imigrantes italianos e alemães, era baseada na produção de subsistência e comercialização do excedente, baseados na pequena produção mercantil.

Havia um universo de pequenas atividades comerciais e manufatureiras como: mercearias, atafonas, marcenarias, moinhos, fábricas de queijo e salame, fábricas de caixas, sapatos e fundição. Esse regime de produção, baseado na pequena propriedade, permitiu uma acumulação lenta e pulverizada, e ao mesmo tempo possibilitou o surgimento de uma diferenciação social em que alguns colonos mais abastados começaram a subordinar o trabalho e a pequena propriedade, tornando-se madeireiros ou proprietários de frigoríficos (GOULARTI FILHO, 2009, p113).

Os principais produtos produzidos na região meio oeste eram a madeira e os derivados da pecuária, sendo transportados pela ferrovia para São Paulo e para o Porto de São Francisco do Sul. A família Frey que tinha negócios nos dois seguimentos, o madeireiro com a fábrica de caixas e na pecuária com a produção de derivados (salames e banha), se favoreceu muito da lei federal, que possibilitava o envio der seus produtos para os grandes centros brasileiros pela ferrovia sem custos pelo transporte. No governo de Vargas, a política de substituição de importações deu um impulso nos frigoríficos do meio oeste catarinense.

Segundo MACHADO (2008), tal política fez com que as indústrias dedicadas à produção de produtos em substituição as importações tomassem o lugar dos frigoríficos e abatedouros no sudeste do país, gerando um maior incentivo à produção de gêneros alimentícios, especialmente os ligados a carne suína e aves, na região Meio-oeste Catarinense para o abastecimento da região sudeste do país.

Após os primeiros incentivos, destacamos os planos do governo de Juscelino Kubitschek, em destaque para o plano metas, que promoveu a produção local, ajudando a consolidar as agroindústrias do Meio-oeste Catarinense. Este crescimento sem distribuição, gerou uma posterior estagnação econômica que assolou todo o país. Nesta época temos a crise na combinação extrativista. A escassez das araucárias leva a família Frey a buscar um novo ramo. Primeiramente eles decidem investir na produção de uvas finas, visando a produção de

vinhos e bebidas derivadas de frutas de clima temperado. Posteriormente pela demanda existente buscam formar parcerias, para a produção de frutas de clima temperado, como a maçã e peras.

A criação da Sociedade Agrícola Fraiburgo, que surge dentro de um contexto desenvolvimentista da economia brasileira. Era uma época de grandes planos e programas visando o desenvolvimento nacional. Planos e programas que se iniciaram nos anos JK com seu Plano de Metas, respingando em Santa Catarina, onde em 1955 foi criado o Plano de Obras e Equipamentos, o POE³⁷ e no ano de 1961, com o retorno da oligarquia Ramos ao poder com Celso Ramos no governo, foi criado o Plano de Metas do Governo, o PLAMEG³⁸, concedendo empréstimos, procurando resolver as deficiências do Estado em relação à infraestrutura, melhorando a agricultura e a indústria (SCHMITZ, 1990). Segundo Mattos (1973, p. 299), os gastos do POE foram distribuídos da seguinte forma: Estradas de Rodagem (45%), Energia Elétrica (35%), Agricultura (10%) e Educação e Saúde (10%). Segundo o autor, o plano teve resultados positivos nos setores de estradas e rodagem e o de energia elétrica; entretanto, na saúde e educação, bem como na agricultura, o POE foi considerado insatisfatório.

Nesse período, nosso Santa Catarina apresentava algumas deficiências estruturais. A baixa produção energética e a malha rodoviária precária, dificultavam o crescimento do Estado. A geração, transmissão e distribuição de energia era dividida em diversas empresas espalhadas por todo o Estado (Goularti-Filho, 2005). As dificuldades estavam relacionadas ao crescimento populacional e industrial nas últimas décadas associados a falta de investimentos no setor de produção e distribuição de energia. Neste momento, parte dos produtos do meio oeste catarinense ainda eram transportados pela ferrovia, contudo, devido a política nacional, priorizando as rodovias, promovem um sucateamento de nossas ferrovias. A má qualidade de nossas rodovias associadas ao sucateamento das ferrovias dificulta muito o crescimento industrial catarinense.

³⁷ POE teve duração de 5 anos (1956 – 1960) e foi basicamente um orçamento de investimentos que possuía um tratamento especial. Apesar de ser a primeira tentativa de um plano estadual de desenvolvimento, não conseguiu obter uma abrangência global, contudo, destaca-se como o primeiro plano com investimentos pré-definidos para obras.

³⁸ O PLAMEG I surgiu após Seminário Socioeconômico promovido pela Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC) com a colaboração da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), onde se elaborou um diagnóstico da realidade, envolvendo a participação de técnicos da FIESC e representantes das regiões do Estado. Identificaram as deficiências e criaram-se as propostas para as melhorias no Estado como um todo, que foram concluídas depois de discussões coletivas. Em pauta estavam escritas as necessidades de investimentos em energia, educação, transporte, sistema de crédito e sistema produtivo, dentre outros.

A desintegração estadual dificultava a comunicação e, portanto, a ligação entre as cidades tanto internamente quanto para outros estados. Algumas cidades recorreram, por algum tempo, à utilização de ferrovias, contudo as políticas nacionais de incentivo ao transporte rodoviário fizeram com que o Estado deixasse de lado as ferrovias. O resultado traduziu-se em estradas em condições precárias e ferrovias abandonadas. (Goularti-Filho, 2005).

Segundo GUALBERTO (2012), “O PLAMEG I foi proposto a utilização de 28% do seu orçamento para a construção e melhoramento das rodovias, contudo ao implementar o plano foi visto que era necessário um aporte maior nesta área. Chegou-se ao final do período de 1961 até 1965 com 56,35% do orçamento sendo destinado às rodovias. Tal fato foi possível, pois em outros setores, como o e energia elétrica, a destinação foi menor.”

Após o sucesso do primeiro PLAMEG, o governador de Ivo Silveira (1966-1970) que sucedeu o governador Celso Ramos, criou o PLAMEG II. O aumento dos recursos foi dados através de créditos para os produtores e consumidores, com taxas baixas de juros nos empréstimos, isenção fiscal para os setores produtivos e estímulos à exportação. Assim como o PLAMEG I, o segundo ajudou a impulsionar a economia do meio oeste catarinense, potencializando os setores energéticos, de transporte e da agropecuária.

Segundo Gualberto (2012) “O PLAMEG II também teve o atendimento de seus objetivos, contudo conseguiu realizá-los de forma mais precisa com o seu orçamento. Nesta etapa do PLAMEG foi previsto a utilização de 62% para a expansão econômica (infraestrutura e setor primário), do qual utilizou 70,57% dos recursos.”

A família Frey se beneficia de tais programas governamentais para conseguirem financiamentos a baixos juros, investindo assim em infraestrutura como câmaras frias e máquinas. Estas facilidades conquistadas através dos PLAMEG'S, potencializando a produção da maçã em Fraiburgo. A decisão da escolha pela maçã, está muito associada a outro programa, o de Castelo Branco. O programa de substituição das importações, impulsionam ainda mais a combinação macieira. Um dos motivos que levaram a tal decisão, foi o fato da maçã ser o segundo produto agrícola mais importado pelo país. Esta fase é conhecida nacionalmente como o “Milagre Econômico Brasileiro”. Em 1967, o governo federal aprova um projeto de isenção fiscal, onde poderia conseguir a isenção de até 50% do imposto de renda com a prática do reflorestamento. Está nova Lei impulsiona os negócios da família Frey. Eles investem, primeiramente na criação de uma empresa visando a captação de investidores. Willy Frey funda a REFLOR, uma empresa que executava projetos de reflorestamento e auxiliava dando suporte técnico para a captação de recursos a fim de abater no Imposto de Renda.

O momento era propício para aumentar os investimentos, com vários programas de

incentivos governamentais, tanto a nível estadual quanto nacional. Atraíram várias empresas para o setor frutífero. Nesta época, tínhamos uma política de substituição de importações, o governo federal implementou diversos programas de apoio à fruticultura nacional, tais como: Programas de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento (FISSET), de 1969, e Programa Nacional de Abastecimento de Maçã (PRONAMA), de 1980. Em nível estadual, o Projeto de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), de 1970, direcionou esforços ao investimento em expansão de pomares e na constituição da logística de pós-colheita e distribuição, além da geração e difusão de tecnologia (NEVES et al., 1992).

Em 1968, o Governo catarinense cria o PROFIT- Projeto de Fruticultura de Clima Temperado para o Estado de Santa Catarina. Este projeto impulsiona ainda mais o desenvolvimento combinação macieira em Fraiburgo. Este projeto consistia em potencializar a produção de frutas temperadas no planalto catarinense, através de incentivos a pesquisas, onde foram criadas estações experimentais, treinamento de técnicos e produtores. Durante as próximas décadas foram feitos estudos ao longo do tempo, relacionados ao melhoramento genético das espécies, pesquisas com fisiologia da produção, como o controle de doenças e pragas, e as perdas decorrentes as geadas. Outros auxílios foram conquistados junto aos órgãos públicos. As pesquisas desenvolvidas pela antiga EMPASC atual EPAGRI, auxiliaram o desenvolvimento de espécies da fruta mais desenvolvidas. As espécies foram aprimoradas, tornando mais resistentes e adaptadas as condições fitogeográficas da região.

3.3. Combinações geográficas com organização da produção pela família Frey

A família Frey teve participação em algumas combinações durante a história da evolução econômica de Fraiburgo. A organização da produção se dá através de acordos, vantagens conquistadas com políticos, e na versão dos caboclos a grilagem, proporcionaram uma grande acumulação de capital por parte da família, possibilitando assim o surgimento da primeira combinação com influência direta dos Frey, a extrativista. Cabe salientar que esta combinação é dividida em duas etapas, onde a primeira foi a da madeira nativa. As araucárias, com seus pinheiros, cedros e imbuías com grande valor comercial atraíram a família desde Perdizes, em busca da matéria prima necessária para abastecer seus negócios.

O meu pai relatou que teve dias que serravam 50 dúzias de pinheiro, será que conseguimos imaginar a quantidade do que é isso de madeira? Eles trabalhavam cerca de dez, doze horas dia, serrando tábuas. Isso ocorreu a cinquenta, sessenta anos atrás. [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

Somadas a grande quantidade de madeira disponível para ser extraída, a influência política da família, destacamos ainda a grande oferta de mão de obra barata disponível na

região. Na maioria ofertada pelos caboclos, expropriados de suas terras, e tendo como única forma de sobreviverem oferecem sua mão de obra como meio de sobrevivência. Segundo os descendentes de caboclos, relatam que muitas crianças trabalhavam nas serrarias, acompanhando seus pais, que viam uma forma a mais de complementar os baixos salários pagos.

“Meu pai trabalhou desde os 12 anos, na fábrica de caixa, na fábrica de pasta e até cortando madeira nas serrarias. Isso faz parte da história de toda uma geração. Obviamente não existia a fiscalização que hoje existe sobre o trabalho infantil, mas posso afirmar que vivi isso. Foi no ciclo madeireiro e no da maçã, sempre houve trabalho infantil explorado pela família Frey.” [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

Relatam ainda, que muitos recebiam como forma de pagamento alimentos comercializados nos armazéns de secos e molhados, existindo a obrigatoriedade de comprarem seus alimentos nos comércios da família. Obviamente que a dificuldade de acesso aos centros comerciais, como Videira, facilitavam esta imposição.

“Onde hoje é a secretaria de educação, ali no lago, era o principal armazém de secos e molhados dos Frey. Os trabalhadores que trabalhavam na fábrica de caixa, de pasta e serraria, eram obrigados a comprarem apenas ali. Meu pai afirmou que muitos deles nem salários tinham, recebiam em mercadorias, principalmente se tivessem filhos. Então os pais recebiam o baixo salário, e os filhos eram pagos em mercadorias” [Entrevista realizada no dia 20 /04/17 com José Liberata, nome fictício para proteger a identidade do entrevistado. O mesmo é historiador, filho e ele mesmo foi de trabalhador das empresas dos Frey].

A partir da combinação extrativista a família foi variando seus negócios, comércios, vinícolas, olaria e a fábrica de pastas de celulose e de crinas vegetais com os butiazeiros. Muitas eram as formas de acumulo de capital, porém a grande combinação era a da extração das araucárias. Antes da emancipação da cidade, a escassez dos pinheiros, promove o fim do primeiro ciclo madeireiro em Fraiburgo, o das árvores nativas. A crise faz com que a família busque uma nova combinação, a primeira busca foi pela produção de uvas e de frutas de clima temperado. Deu-se prioridade as uvas, já que possuíam a comercialização de vinhos artesanais.

3.4 Migração- da sazonal a permanente

Migração é o processo de transferência, de uma região à outra, individual ou coletivo, de força de trabalho (MAGALHÃES & MACCHIAVELLO, 2006). Assim como muitos processos migratórios, o principal motivo da migração para Fraiburgo foi o motivo econômico. A busca por melhores condições de vida, atraíram inúmeros imigrantes, em cada um dos momentos históricos inseridos na combinação geográfica dominante. Obviamente, não

poderíamos deixar de citar a primeira migração para a região de Fraiburgo, o caboclo. Este grupo originário da miscigenação dos Jês do Sul com descendentes de portugueses, oriundos dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, se fixaram na região no século XIX. Parte desses caboclos trabalharam na construção da ferrovia do Contestado, e após a finalização da obra, ficaram em situação de miséria, encontrando em Taquaruçu, uma comunidade cerca de 50Km de Curitiba um refúgio.

Nesta época, por volta de 1912, um eremita, conhecido como Monge José Maria, ganhou fama na região por curar doentes com ervas e rezas, dizendo-se irmão do monge João Maria, que andara pela região no final do século XIX, realizando curas espirituais e rezas populares. A fama do monge se espalha atraindo muito caboclos, surgindo assim a “Cidade Santa de Taquaruçu”.

Esta concentração camponesa, desagradava coronéis e comerciantes em Curitiba, que denunciaram as autoridades militares como perigo à ordem pública. Todavia, o real perigo eram os interesses dos comerciantes de Curitiba que se sentiam ameaçados pelo crescimento comercial de Taquaruçu, este comércio na verdade é baseado através do trabalho cooperativo.

A cidade Santa de Taquaruçu distinguia-se da situação geral de miséria e preconceitos e humilhação por que passavam os caboclos do Contestado. A vida era comunitária, a propriedade da terra era coletiva, havia distribuição igualitária do trabalho e da produção social, revivendo uma herança ancestral Xokleng. (SERPA, 2015 p.38)

Segundo Marli Auras (1999), o que provocou a ira dos prepotentes coronéis latifundiários de Curitiba foi a perda do poder de dominação sobre os caboclos, pobres e miseráveis. A liderança exercida pelo Monge José Maria, proporcionou aos caboclos uma esperança, um novo sentido de existência social. Isto com certeza desagradava os coronéis que viam nos caboclos uma classe inferior, fornecedora de mão de obra barata e em alguns casos até semiescravidada.

Em 1913, temos o primeiro grande conflito entre os caboclos e o exército nacional. No mês de dezembro, os caboclos promoveram uma derrota considerada vexatória a tropa brasileira. Armados apenas com facões de pau além de derrotar o batalhão formado por 230 soldados, tomaram-lhes as armas, munições e mantimentos. Após a derrota o exército nacional envia uma tropa com 700 homens fortemente armados com metralhadoras e canhões. O massacre foi geral, cerca de 800 civis foram executados, dentre eles mulheres e crianças. Após este grande conflito, os sobreviventes dispersam pela região, permanecendo nesta área um pequeno povoado.

Um outro grupo significativo importante a ser ressaltado no processo migratório de Fraiburgo, é a vinda da família Frey. Esses oriundos da região da Alsácia, migram primeiramente para Rio Grande do Sul, posteriormente para cidade de Castro no Paraná e posteriormente chegam a Videira, na época ainda denominada Perdizes. Lá iniciam suas primeiras formas da aquisição de capital, um abatedouro de suínos e bovinos. O crescimento do comércio, vendendo muito para os grandes centros, fazem o Senhor René Frey a convidar seu irmão Arnoldo a montar uma sociedade e ampliar ainda mais os negócios. Decidem investir em uma serraria, pela abundância de araucárias na região. Montam uma fábrica de caixas, com objetivo de serem comercializadas primeiramente com os produtores de uva, visando transportá-las para São Paulo com segurança. Conseqüentemente, iniciam a comercialização de caixas para os grandes centros. A escassez da matéria-prima na região de Perdizes, faz com que os Frey busquem uma nova área com grande quantidade de árvores.

Como Butiá Verde, hoje Fraiburgo, era uma área com muita mata virgem, com grande valor comercial, e pelo fato de não ter grandes rios, não atraiu assim grandes povoados. A família Frey foi a desbravadora da área onde atualmente se encontra a área urbana de Fraiburgo. Após montarem sua primeira serraria, foram contratando trabalhadores, os primeiros já eram seus empregados em Perdizes, posteriormente contrataram alguns caboclos que já residiam próximo a serraria. Com o aumento da produção, e a expansão dos negócios, foi necessário a contratação de mais trabalhadores, alguns com mão de obra mais qualificada como agrônomos e contadores, mas em grande maioria trabalhadores braçais para a serraria e os pequenos comércios abertos pela família.

Alguns comerciantes também se interessaram no vilarejo que crescia a cada dia, muitos dos Estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul. Butiá Verde, foi crescendo aceleradamente, nas próximas décadas e quando conquistou sua emancipação (1961), parte de Videira e outra de Curitiba possuía já cerca de 6000 habitantes. A maioria, atraídos pela primeira combinação geográfica, a extrativista.

Com a escassez da matéria-prima, o fim da combinação das Araucárias, temos o surgimento de uma nova combinação, a frutífera da maçã. Com a grande produção, as décadas de 80 e 90 receberam anualmente em média de 5000 trabalhadores sazonais. As oportunidades no crescente Fraiburgo, foi a principal responsável pela atração de inúmeros imigrantes, muitos deles inicialmente de caráter sazonal e posteriormente se tornar novos moradores. Cabe aqui destacar que os projetos de loteamentos urbanos foram fundamentais para a permanência de muitos desses trabalhadores sazonais. Na década de 90 com a construção do loteamento São Miguel, onde foram criados 700 novos lotes, e mais de 300 casas populares

pelo projeto da COHAB, muitos dos trabalhadores sabendo desta possibilidade, se cadastravam na prefeitura como moradores, e se candidatavam a ter acesso aos imóveis e lotes.

3.4.1. Migração na atualidade

Em 2014-2015 foram contratados um pouco mais de quatro mil trabalhadores, desses cerca de 95% não são de Fraiburgo. Os dados levantados com as empresas apontam que a maioria vem da região Centro-Oeste do país. 50% são índios do Estado do Mato Grosso do Sul, das etnias Terena e Guarani-Kaiowá. Após entrevistas nas empresas, com os setores do RH, apesar de serem trabalhadores fortes e com grande produção diária, apresentam problemas “fora colheita”, como brigas e embriaguez. No ano de 2015 segundo dados da polícia militar dois indígenas morreram atropelados em seus dias de folga. Os mesmos se deslocam ao centro da cidade, frequentando bares e prostíbulos. A falta de mão de obra disponível, faz com que as empresas continuem contratando os indígenas apesar dos problemas citados. Outra área que fornece trabalhadores é a região nordestina, principalmente os Estados do Piauí e Maranhão. Os dados coletados em campo constataam que muitos desses trabalhadores sazonais participam das colheitas de outras culturas pelo país. A maior parte deles trabalha nos meses de setembro a dezembro na colheita da laranja nos Estados de São Paulo, Paraná e Bahia. Segundo relatos dos trabalhadores há falta de oportunidades em suas cidades. O baixo salário pago, a seca que castiga a população, afetando a agricultura de subsistência durante grande parte do ano, estão entre os principais fatores que repulsam os trabalhadores.

Segundo SANTANA (1993), “a crescente pauperização, a expulsão e a violência no campo atingiram indiscriminadamente, nas últimas décadas, os trabalhadores rurais de todo o país”. Esses trabalhadores passam a maior parte do ano longe de suas famílias em busca de um melhor salário. Em dados socioeconômicos levantados, constatou-se que 56% dos trabalhadores sazonais da maçã, enviam dinheiro as suas famílias na cidade de origem. Dos que não enviam, ficou constatado que a maioria é indígena. Enquanto alguns economistas e agências multilaterais consideram que as remessas significam uma fonte estável de recursos e que, portanto, contribuem para a estabilidade econômica interna.

Os dados socioeconômicos obtidos em campo, nos mostram que a maior parte dos trabalhadores já participaram de outras colheitas em anos anteriores, em média 60%. As empresas mandam funcionários as cidades para recrutarem a mão de obra temporária. Após a divulgação, é marcado uma reunião com os interessados, onde são passadas informações

básicas, como o tipo de serviço, o local onde trabalharão e alojamentos. Ainda é explicado sobre as vantagens como salários, bonificações e ajudas de custo. Os interessados (na maioria das vezes) já trazem a carteira de trabalho e passam pelo exame médico em suas cidades de origem, alguns (minoría) prestam o exame em Fraiburgo, caso não passem no exame, recebem a passagem de volta a sua cidade.

A faixa etária dos trabalhadores é bem variada, em pesquisa a campo foi constatado uma média de 35 anos de idade, sendo que temos trabalhadores de 18 a 63 anos. Pelo tipo de trabalho (colheita no campo) e pela disponibilidade de alojamentos, as empresas seguem a preferência de contratar homens.

O valor médio que cada trabalhador ganha por mês é de R\$ 870,00 a R\$1.200,00, para uma carga de trabalho diário de 8 (oito) horas. Os mesmos recebem todas as refeições diárias, hospedagem e roupa lavada. Havendo ainda uma bonificação por produção. Ficou constatado, que uma pequena parte de trabalhadores não regressam as suas cidades de origem após a colheita, devido à falta de oportunidades e a dificuldade de sustentar suas famílias em suas cidades, procuram empregos na região. Alguns são incorporados no quadro permanente pelas próprias empresas macieiras, onde exercem funções de manutenção nos pomares, com as podas e limpezas. Outros tentam empregos em outros ramos, como a construção civil, indústria alimentícia e comércio em geral. Após se estabelecerem, trazem suas famílias. O aluguel médio na cidade é relativamente alto para a renda per capita. O valor médio do aluguel na cidade fica entre R\$ 500,00 a R\$ 800,00 e a renda per capita está em R\$ 533,65 (tabela 11).

Tabela 11- Evolução da renda per capita em Fraiburgo-SC

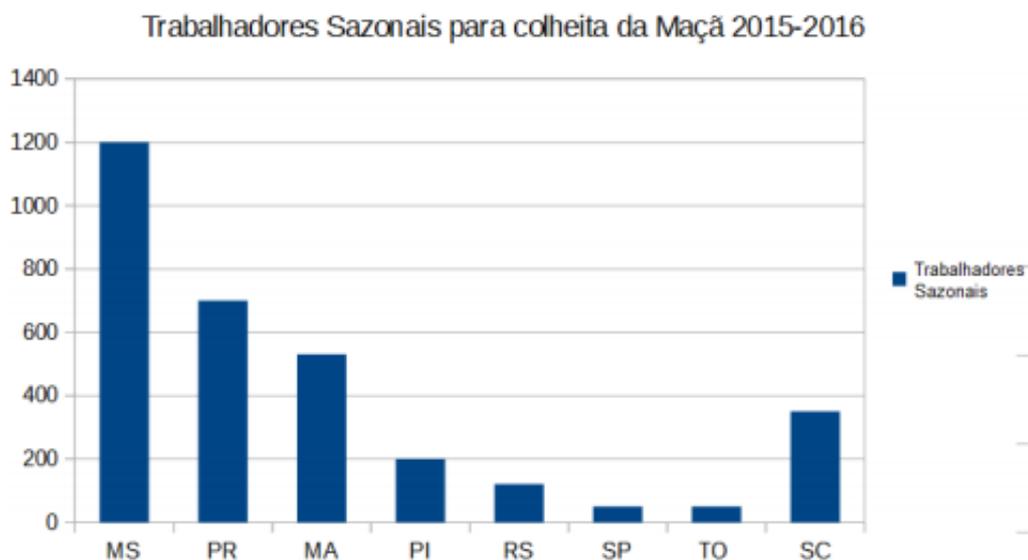
	1991	2000	2010
Geral	R\$ 239,66	R\$ 374,25	R\$ 533,65
Branco	R\$ 313,09	R\$ 539,26	R\$ 756,56
Pardos	R\$ 197,19	R\$ 291,17	R\$ 434,90
Negros	R\$ 208,03	R\$ 307,26	R\$ 526,18
Índios	-	R\$ 359,62	R\$ 414,80

Fonte IBGE 2015.

No início os trabalhadores que permanecem ficam em pensões na cidade, alguns alugam quartos com colegas do trabalho. Após buscam arrumar um aluguel mais barato e trazem suas famílias. Apesar de todo o controle da prefeitura para que não haja invasão de terras, temos em Fraiburgo algumas áreas invadidas em situação de riscos, casas ocupando encostas íngremes, com riscos de deslizamentos.

Segundo os dados das empresas, o número é relativamente pequeno, variando de 2% a 4% dos trabalhadores que não retornam as suas cidades de origem. As empresas no período da contração, deixam claro que no fim da colheita fornecerá transporte para os funcionários retornarem as suas cidades. Segundo os dados coletados em campo, os responsáveis pelos setores de RH, não podem obrigar os trabalhadores a retornarem. “Fizemos o acerto, pagamos todos os direitos dos trabalhadores, disponibilizamos o transporte, porém alguns simplesmente (poucos) não embarcam nos ônibus. Os que ficam tentam arrumar outro emprego na região, muitos deslocam até Videira (cidade vizinha) buscando emprego na indústria alimentícia. Em 2015, na época da florada (primavera), alguns fatores comprometeram a produção em 2016, desde geadas a excesso de chuvas. Além de afetar na quantidade da maçã, afetaram também a qualidade da mesma. Sendo assim, com a redução na produção, houve uma grande redução no número de trabalhadores e no período que os mesmos ficaram para a colheita. Segundo dados das empresas, em 2016 foram contratados aproximadamente 3200 trabalhadores. Devido os problemas com a safra e a baixa produção os trabalhadores que ficavam até meados de abril, em sua maioria foram dispensados no início de março. Novamente a maior parte dos contratados foram indígenas do Mato Grosso do Sul, em seguida trabalhadores dos Estados Paraná e Maranhão, conforme o gráfico 5. As características seguiram as mesmas do ano anterior, homens jovens, com ensino fundamental incompleto, 8 casados e com filhos. Pelo momento atual que o país vive, com os índices de desemprego crescendo houve um aumento dos números de trabalhadores das cidades vizinhas (cerca de 12%).

Gráfico 5- Trabalhadores Sazonais em Fraiburgo-SC na Safra 2015-2016



Fonte : Dados extraídos da ABPM – 2016.

Existe uma grande mistura de cultura nos alojamentos das empresas. Os Indígenas do Mato Grosso do Sul, pardos e negros em sua maioria do Maranhão e Piauí, brancos descendentes de alemães e italianos dos estados do sul do país. Toda essa miscigenação pode gerar uma influência na cultura local, considerando que de 2% a 4% destes imigrantes se fixam em Fraiburgo após a colheita. Alguns costumes presentes hoje na cidade provam isso. É comum na cidade encontro de familiares, ou promoções de eventos que fazem um prato típico do norte da África, o michuim, fruto da influência do grupo Franco argelino Evrard e Marhler que promoviam aos moradores mais antigos.

Em conversa com os comerciantes, foi relatado que nos meses de janeiro a março há um aumento significativo no número de clientes, principalmente aos domingos, coincidindo com o dia de folga dos trabalhadores, que se descolam dos alojamentos até o centro da cidade. Nas entrevistas ficou visível que os maiores consumidores são os indígenas, que na semana do pagamento gastam cerca de 60% ou mais de seus salários em bebidas. Os pardos e negros consomem, porém menos, com relatos dos donos dos bares em média de 30% de seus rendimentos e os brancos os que menos gastam e frequentam estes estabelecimentos, segundo os proprietários não chegando a 10% (foi considerado o valor médio ganho por safrista, R\$ 1.000,00).

3.5. Organização socioespacial de Fraiburgo

Fraiburgo teve a sua transformação da paisagem durante as ações humanas pelo espaço geográfico. A mata virgem das araucárias, foi sendo ocupada pelas serrarias, dando origem a primeira vila. Inicialmente além da serraria, da casa da família Frey, foram construídas casas para os trabalhadores no fim da década de 30. Surge assim a primeira vila da cidade (Figura 23)

Figura 23 - 1939 -Primeiras casas dos operários em torno da Serraria dos Frey



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.40.

O acesso era precário (figura 24), da comunidade de Dez de Novembro, antiga Marechal Hindemburgo, até a fazenda Butiá Verde, foi construída pela família Frey. Como não existia nada, tudo foi sendo feito pela família, a fim de suprir as necessidades básicas de seus moradores/trabalhadores, fazendo com que não sentissem necessidade de sair do vilarejo.

Figura 24 - Abertura do caminho de Videira a Fraiburgo.



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.39.

“Tudo foi a empresa dos Irmãos Frey que fez. Não existia nada. A estrada de Dez de Novembro até a fazenda, foi meu pai que fez. O armazém de secos e molhados, a igreja, a escola, enfim tudo. As casas dos operários meu pai que fez e posteriormente ele as vendeu para os empregados mais antigos, para pagarem abatendo de seus salários a longo prazo, com juros bem baixos.” [Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2016, com a Sra. Gerda Frey Ziolkowski, filha de Rene Frey e proprietária do Hotel Renar].

Em 1941, após a construção da serraria, a família Frey transfere sua fábrica de caixas de Perdizes (atual Videira) para o Campo da Dúvida (Fraiburgo). Com o aumento do trabalho, tem-se a necessidade de construir mais casas e criar um grande Armazém, um misto de açougue e utensílios em geral para abastecer as necessidades básicas da população. A família Frey continua a investir na estrutura da vila. Como em Fraiburgo não existe um grande rio, e sim pequenos riachos, havia a necessidade de criar um grande reservatório, para abastecer a comunidade, fornecer água a caldeira da serraria e ainda combater os possíveis incêndios frequentes em Butiá Verde. Atualmente o Lago das Araucárias, é um dos principais atrativos a população local e aos visitantes.

O desenvolvimento da vila continua associado diretamente aos investimentos exclusivos da família Frey. No início da década de 40, após a construção das primeiras casas, do armazém de secos e molhados, da Serraria e da fábrica de caixas, a família Frey investe na construção de uma escola visando atender os filhos dos operários. Neste mesmo período, compram um gerador de eletricidade movido a gasogênio – vapor de carvão –, assim as indústrias e as casas passam a receber energia elétrica.

Com a 2ª Guerra Mundial, a comunidade de Marechal Hindemburgo, ³⁹é obrigada a

³⁹ Presidente alemão de 1925 a 1934, importante durante a 1ª Guerra Mundial, geralmente lembrado por ter sido o presidente que nomeou Adolfo Hitler ao cargo de chanceler.

mudar seu nome, devido um projeto nacionalista de Getúlio Vargas⁴⁰. Passa a se chamar Dez de Novembro, primeiramente pertencia a Curitibaanos, passando em 1943 a pertencer a Videira. Está comunidade de colonização alemã, desenvolve-se rapidamente, com a construção de muitos equipamentos urbanos pela comunidade. Escolas, Igrejas (luterana e católica), comércio e até posto de saúde.

Neste período da segunda guerra mundial, a dificuldade em adquirir trigo, faz com que a família Frey invista na construção de um grande moinho de trigo, visando abastecer toda a comunidade. Destina uma grande área da cidade, onde hoje é o bairro Bela Vista, para a produção do produto.

Em 1945 a família Frey expande ainda mais seus negócios, criando uma fábrica de crina vegetal, com as folhas dos butiazeiros, utilizados para fabricar colchões e esteiras. Com a sobra das madeiras, a família cria uma fábrica de pasta mecânica para a fabricação de papel. Como não havia fábrica de tijolos na região, os Frey criam uma grande olaria, fabricando tijolos para a construção de grandes equipamentos urbanos e as futuras residências da família Frey.

Na década de 50, a família Frey instala ao lado da Comercial Marly (antigo armazém grande), a primeira bomba de gasolina da região (Figura 25).

Figura 25- Comercial Marly – Década de 50



Fonte- Livro Lá nos Frey de FREY,W. 2005. p.78.

⁴⁰ Getúlio Vargas abandona suas simpatias e apoio velado a Hitler para aliar-se aos Estados Unidos da América. Declarou Guerra a Alemanha em 1942. Em sua campanha nacionalista, ordena a mudança do nome de cidades de colonização Alemã.

Nesta mesma década é criada a primeira linha de ônibus passando por Butiá Verde, o trajeto da linha era Videira – Curitibaanos. No início desta mesma década a família Frey vende algumas de suas casas e alguns terrenos a seus operários. Parte deles montam pequenos comércios, aumento a variedade de oportunidades, e gerando uma estabilidade fixa aos funcionários na localidade.

Em 1956, A família Frey monta uma cantina de vinho colonial, esse eram produzidos artesanalmente e comercializados com grandes centros como Curitiba e São Paulo. Para armazenar o vinho os irmãos decidem montar uma fábrica de tonéis. Neste mesmo período chega a primeira linha telefônica a Butiá Verde, instalada na empresa Rene Frey e irmão. Em 1958 a vila Butiá Verde já contava com duas serrarias, fábrica de caixa, fábrica de crina vegetal, beneficiadora de pasta mecânica, olaria, moinho de trigo e milho, cantina de vinho, fábrica de tonéis, açougue com matadouro, dois armazéns de secos e molhados e Bomba de gasolina, todos esses negócios da família Frey, além de pequenos comércios e serviços prestados pelos moradores. A vila possuía neste ano 110 casas (Figura 26).

“Tudo que tinha na cidade de equipamento urbano foi meu pai que fez. A empresa Irmãos Frey que fez. Ele era obrigado a fazer para manter a população aqui. As ruas, as praças, a primeira escola, a igreja, o mercado de secos e molhados. Mais tarde até o Hospital. Para incentivar os trabalhadores mais antigos, ele construiu casa e financiou a eles praticamente sem juros a pagar a longo prazo.” [Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2016, com a Sra. Gerda Frey Ziolkowski, filha de Rene Frey e proprietária do Hotel Renar].

Figura 26– Vista aérea de Fraiburgo - 1957.



Fonte: SPG – Governo de Santa Catarina.

Na década de 60, Fraiburgo já contava com cerca de 2000 mil habitantes, nesta época

ainda, a maior parte do que é Fraiburgo na atualidade, pertencia a cidade de Curitiba. Outra parte, pertencia ao município de Videira. O processo de emancipação da cidade, se deu quando as autoridades do então distrito de Butiá Verde, em reunião decidem solicitar ao governo do Estado de Santa Catarina, a emancipação (Figura 27). Em 1961, o distrito de Butiá Verde se torna o mais novo município catarinense, sob a Lei Nº 797/61, editada em 20 de dezembro. A instalação do novo município ⁴¹se dá no dia 29 de dezembro, em solenidade realizada no clube 1º de maio, e presidida pelo juiz de direito Lucindo Domingos Gava.

Figura 27- Autoridades com vereadores de Videira e Curitiba solicitando a emancipação



Fonte – Extraído do livro Fraiburgo Marco da História de ZIOLKOWSKI, 2011. p.89.

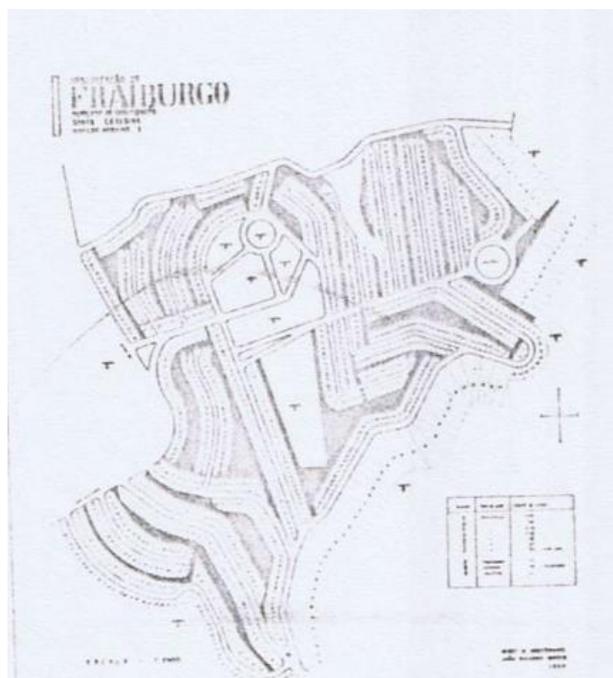
Após a criação do município, René Frey, havia solicitado ao seu filho Willy, que contratasse arquitetos e urbanistas para fazerem um projeto, visando assim a organização da cidade. Willy solicita aos arquitetos e urbanistas João Ricardo Serran e Jerry Grzybowski, desenvolvessem um projeto para uma cidade de 5.000 habitantes, prevendo o crescimento rápido da cidade.

O projeto original desenvolvido, por solicitação da família Frey, deveria ter muitas áreas verdes para convívio da população. Os argumentos solicitados por Willy, eram que em cidades grandes, como a que ele habitava (Rio de Janeiro), os edifícios tomavam o espaço do verde, o que era verde agora era cinza e malcuidado pelas pessoas. Pensando assim, faz um pedido para um projeto inovador.

⁴¹ Butiá Verde é desmembrada dos municípios de Videira e Curitiba. Abrangendo então sete localidades: Liberata, São Cristóvão, Passo da Raiz, Faxinal dos Carvalhos, Barro Preto, Guarani, e Dez de Novembro.

No Plano diretor ⁴²da década de 60, está enfatizado a disponibilidade de áreas verdes em todas as quadras do plano. Segundo documento, “Todos os bairros de habitação devem comportar superfícies verdes, necessária para a disposição racional de jogos e desportos para as crianças, adolescentes e adultos”. Estas áreas estabelecidas deveriam servir para fins nitidamente definidos: jardins de infância, escolas e centros de juventude. No plano fala ainda da criação de uma zona industrial, e deveria ser separada da área residencial por uma extensa área verde (Figura 28)

Figura 28– Planta do projeto urbanístico de Fraiburgo – 1960



Fonte- Plano Diretor de Fraiburgo 1960

Muitas dessas áreas criados no projeto inicial foram invadidas principalmente pelos trabalhadores sazonais, porém existem algumas áreas que foram invadidas pelos próprios moradores incorporando a área a seus lotes. Poucas áreas sobraram, a maioria são pequenas praças. (Figura 29)

⁴² Nestes setores urbanos comprimidos as condições de habitação são nefastas, por falta de suficientes superfícies verdes disponíveis, por falta enfim de conservação dos edifícios. Este estado de coisas é gravado ainda pela presença de uma população com um standart de vida muito baixo, incapaz de tomar a si mesma, as medidas defensivas necessárias (a mortalidade, por exemplo, ao câncer em alguns casos até 20%) Plano Diretor de Fraiburgo 1960 – P.1.

Figura 29- área verde criada no primeiro plano diretor de Fraiburgo.



Fraiburgo – Dezembro 2016.

Outra parte, a própria prefeitura foi doando, para a APAE, grupo de idosos, aos sindicatos rurais, e para obras de caridade. Cabe ressaltar ainda, por não haver uma constante manutenção da prefeitura, as áreas ficavam abandonadas e muitas das vezes serviam como depósito de lixo para muitos moradores.

Durante o período que a cidade tinha como a combinação geográfica predominante o extrativismo, muito se manteve do projeto original, porém com o passar dos anos, o aumento populacional, o fim da combinação extrativista, e o surgimento de uma nova combinação, a das frutas de clima temperado, foram acelerando o processo de crescimento urbano. A paisagem foi sendo modificada a cada nova safra, muitos dos imigrantes sazonais não retornavam mais a seus lugares de origem. Fraiburgo era uma cidade em pleno desenvolvimento no início da década de 70 com a colheita das primeiras safras de maçã.

O que vimos hoje em Fraiburgo, é totalmente diferente do planejado inicialmente. Muitas das áreas verdes criadas no projeto inicial, foram invadidas em grande parte por imigrantes temporários. A falta de fiscalização por parte de algumas gestões municipais, e permissividade em troca de votos nas eleições municipais, podem ter contribuído.

Na maior parte das vezes, as migrações não são individuais, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho. Muitos dos safristas hoje entrevistados, afirmam que souberam da oportunidade através de amigos e

parentes. Afirmam ainda, que muito de seus amigos e parentes foram como temporários e após algumas safras não retornaram mais.

“Na cidade que eu morava, Ponta Grossa no Paraná, não conseguia emprego, minha mulher era diarista. Fiquei sabendo da vaga para colher maçã com meu cunhado. Vim sabendo que era um emprego de três meses. Chegando aqui em Fraiburgo, gostei da cidade, a empresa me tratou bem e decidi ficar. Meu cunhado veio na década de 90, 97. Após duas safras ele tentou comprar um lote, mas achou o preço caro. Então ocupou uma área no bairro São Miguel. Falou com um vereador que prometeu ajudá-lo caso a prefeitura tentasse retirá-lo. Ele precisava morar de algum lugar para morar, então invadiu. No final da tarde até a noite a casa já estava de pé. Ele que me convidou para vir para colher maçã e me ajudou a construir minha casa, ao lado da dele”. [Entrevista com Sr. José da Silva]⁴³

As redes sociais, ajudam a dar o devido suporte aos que desejam permanecer. Atualmente as empresas ao captarem seus funcionários temporários para a colheita da maçã, assumem compromissos com o empregado. Além de já sair da sua cidade de origem com a carteira assinada, a empresa freta ônibus para trazê-lo e levá-lo quando acabar a colheita. Durante sua permanência em Fraiburgo oferece, alojamentos, alimentação e roupas lavadas. Segundo as empresas da cidade, não há como obrigá-los a embarcar no ônibus para ir embora, afirma ter casos de trabalhadores que somem após o acerto final, mas a grande maioria retorna a sua cidade de origem.

Visitando o setor de planejamento urbano da cidade, constatamos que muitas áreas verdes hoje estão ocupadas, não apenas por trabalhadores da maçã, existem áreas ocupadas em bairro de classe média alta e com boas casas. O responsável pelo setor de cadastramento da prefeitura afirma que eles nunca conseguirão ter a posse dos imóveis, pois não é permitido a usucapião de áreas verdes de preservação permanente. Estas áreas estão muito bem defendidas no plano diretor, e foram ocupadas com o tempo, pelos imigrantes sazonais da maçã principalmente. Quando vinham, ocupavam essas áreas, montando barracos e trazendo suas famílias. Isto dava um aspecto ruim a cidade

Se voltarmos um pouco no tempo e analisarmos este crescimento, percebemos que na década de 1960, quando a cidade conquista sua emancipação, possuía menos de sete mil habitantes, sendo que apenas dois mil na área urbana e cinco mil na área rural. Em 1970, no censo do IBGE chega a dez mil e cinquenta, em 1980 quinze mil e 1990 vinte e sete mil habitantes. Todo esse contingente foi se ocupando de espaços vazios, e muitos desses espaços foram os ditos espaços verdes. A cidade era cercada pelos pomares das grandes empresas não

⁴³ A pedido do entrevistado, não divulgaremos sua real identidade. Sendo assim, estamos denominando a ele o nome José da Silva. Mora em Fraiburgo a desde 1999, não trabalha mais com a colheita da maçã. Reside ainda na área invadida, tem a esperança de conseguir a posse do terreno, porém como é uma área verde de proteção ambiental, dificilmente conseguirá.

havendo espaço para expansão. Com o passar do tempo a pressão pela retirada da população que ocupava este espaço foi aumentando. As condições de habitação eram muito precárias, havendo muitas casas com chão batido.

Vários prefeitos foram tentando amenizar a deficiência de residências, procurando equalizar a relação oferta/procura e começam a criar novos bairros (loteamentos) periféricos sem muita organização. Está era uma grande preocupação descrita no plano diretor de 1960: *“Desde o momento inicial do estudo, nós propusemos a não fazer um loteamento e sim uma urbanização planejada racional. O Erro da soma e acréscimos dos loteamentos, para sanar as necessidades momentâneas de um desenvolvimento, se traduzem em desorganização e em irremediável dano estético, coletivo, moral e habitacional de uma região.”* Fraiburgo foi crescendo desordenadamente, na década de 70 surgem os bairros Vila Salete, Santo Antônio, Bela Vista e São José.

Algumas empresas do setor madeireiro criam vilas para seus trabalhadores fixos, que eram atraídos além do emprego, o fato de ter uma moradia gratuita. Algumas até hoje existem na cidade, como a Vila Golden e vila Fugui. As regras criadas pelas empresas eram bem rígidas, não era permitido possuir animais, fazer festas ou modificações nas residências. As casas não possuíam chuveiros, sendo eles coletivos. Parte dessas Vilas foram vendidas aos funcionários a baixos custos, outras ainda são de propriedade de algumas empresas.

A década de 80, foi um período de grande crescimento do setor madeireiro. O grande fluxo migratório gera uma falta de moradias, trazendo grandes problemas para os órgãos municipais. Novos bairros são criados, entre eles, Jardim das Hortênsias, São Sebastião, que inicialmente deveria ser uma área industrial, mas pela necessidade se transforma em área residencial.

Existiam poucos espaços disponíveis para haver uma expansão urbana. Com o crescimento da produção madeira, os pomares iam aumentando. Associado a este crescimento, houve uma maior necessidade de imigrantes sazonais para a colheita da maçã. Sabe-se que um percentual deles não regressava para suas cidades de origem, preocupando muito a administração pública e as empresas. Alguns dos funcionários temporários, eram incorporados no corpo permanente, outros buscavam outras oportunidades na cidade como construção civil e comércio em geral, havia ainda alguns que buscavam empregos na cidade vizinha Videira, com grande oferta de emprego nas indústrias, principalmente no setor alimentício (Perdigão).

Buscando amenizar este problema, entre o final da década de 80 e início de 90, foi feito um grande projeto em Fraiburgo. Quando o então Padre Biaggio, se candidatou a prefeito da cidade em 1988, assumindo a gestão da cidade de 1989 a 1992. Em sua campanha,

conversando com os moradores (eleitores), teve como principal reivindicação a construção de um grande loteamento popular. Assim surge o maior bairro de Fraiburgo, o bairro São Miguel. A implantação do bairro foi feita em duas etapas. A primeira concluída em novembro de 1990 com 1.850 lotes divididos em 433 quadras. A segunda concluída em junho de 2002 com 552 lotes divididos em 29 quadras. O que chama a atenção nesse projeto, foi o total de área pública, onde 69% do bairro é de uso comum. Foi criado um grande parque florestal, denominado Parque Florestal Gralha Azul com uma área de 211.000.000 m².

Após a criação do loteamento, Padre Biaggio busca recursos e apoio do governo federal, para construir casas populares. Consegue aprovar o primeiro projeto através de um financiamento na Caixa Econômica Federal, pelo programa da COHAB. Na primeira etapa foram feitas 300 casas entregues em 1991. A segunda etapa mais 400 casas entregues em 1992. Nesta etapa devido ao impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo, a prefeitura teve os pagamentos suspensos entrando na justiça contra a COHAB, para receber os valores prometidos. Das casas construídas no bairro São Miguel, cerca de 30% eram para famílias de baixa renda, ou seja, com salários até 1 salário-mínimo.

Na década de 90, novos bairros foram criados tentando amenizar o déficit habitacional. Bairro Fischer, Jardim das Araucárias e Santa Mônica. Com a forte migração, o valor dos imóveis continuou aumentando. Segundo dados obtidos com moradores que adquiriram imóveis no início dessa década, o valor dos imóveis começa a ter um aumento significativo no final da década de 90 início dos anos 2000. A demanda estava reprimida. Não havendo para onde crescer, os pomares cercavam o centro da cidade.

As grandes empresas da cidade, eram proprietárias da maior parte das áreas próximas ao centro. Este fator dificultava o crescimento da área urbana, e o desenvolvimento da cidade. Muitas empresas do setor alimentício de porte nacional, percebendo o crescimento no setor, demonstraram interesse em investir em Fraiburgo. Como isto poderia aumentar a concorrência com as empresas já existentes, não permitiram a entrada dessas. Deixando de gerar inúmeros novos empregos e consequentemente o desenvolvimento da cidade.

“Meu pai me falava histórias sobre o que ele vivenciou. Grandes empresas alimentícias de nível nacional queriam vir para Fraiburgo. Mas os caras (empresas da maçã) não queriam, pois não interessava para eles, eles tinham todo o controle da produção. O negócio dando muito dinheiro, era muito dinheiro, você não tem noção. Os prefeitos falavam, vamos atrair essas empresas, mas esbarravam nas empresas.”
[Entrevista realizada com Engenheiro Agrônomo Dr. Rafael Borges, no dia 22/09/16].

A maior parte do controle do capital da cidade, estava nas mãos de poucas famílias, muitas delas ligadas ao setor madeireiro. Não era nada interessante, permitir a entrada de novas

empresas, sendo que já era (continua sendo) muito difícil conseguir mão de obra na região para a colheita da maçã. Hoje as empresas buscam mão de obra de Estados cada vez mais distantes.

Estamos percebendo em Fraiburgo, o possível fim de uma combinação Geográfica, a macieira. O modelo adotado (agroindustrial), a concorrência com outros centros produtores (Vacaria e São Joaquim), anomalias climáticas (geadas, menos dias de frio quando necessário e granizo) agravam os problemas. O alto grau de endividamento de algumas agroindústrias e a dificuldade de arrumar mão de obra, faz com que as empresas busquem alternativas. Primeiramente algumas delas vem buscando parcerias com pequenos produtores locais, onde tivemos a certificação da produção, este modelo já é praticado em outras áreas produtoras como em Vacaria. Outra alternativa algumas empresas vêm comercializando áreas próximas a cidade, onde estão se transformando em loteamentos urbanos. Para finalizar a adaptação, algumas dessas empresas estão reduzindo seus pomares, aumentando a produção por hectare, buscando a qualidade da fruta no lugar da quantidade, além de plantarem outras culturas como a soja, kiwi, milho e alho.

A cidade que já foi extrativista, passando para uma cidade frutífera, atualmente enfrenta uma crise no setor. Esta crise pode apresentar o fim de uma combinação (macieira), podendo ser a transição para a combinação dos grãos (soja e milho). Os sinais de fraqueza da fruticultura em Fraiburgo, estão promovendo uma mudança radical na paisagem. A cada ano os pomares de maçã, estão se transformando em áreas de cultivo de grãos, principalmente soja e milho.

Os pomares, anteriormente se localizavam principalmente em torno da área urbana. As agroindústrias possuíam as terras onde cultivavam suas frutas. Na área central, o pequeno comércio com algumas residências e algumas indústrias, que surgiram na formação da cidade, como exemplo a Trombini, que produz celulose. Está organização espacial, dificultava muito a expansão da área urbana. Com a crise no setor das frutas, as grandes agroindústrias começam a vender seus pomares mais próximos ao centro (nas áreas mais valorizadas), alguns desses antigos pomares, viram grandes loteamentos, atendendo uma demanda reprimida por anos.

A cidade precisava se quebrar, a maior parte das terras eram das empresas Agrícola Fraiburgo, Renar, Pomifrai e Fisher. Não havendo espaço para a área urbana crescer. Hoje você vê o grande número de loteamento surgindo, pelo fato da quebradeira dessas empresas. [Entrevista realizada com Engenheiro Agrônomo Dr. Rafael Borges, no dia 22/09/16].

Mesmo com o aumento da oferta de terrenos e imóveis em Fraiburgo, o valor continua

crescendo. O surgimento de Instituição de ensino superior, como a instalação da UNIARP- Universidade do alto Vale do Rio do Peixe e do Instituto Federal Catarinense- IFC, atraiu muitos professores e conseqüentemente suas famílias, No Campus do IFC em Fraiburgo foram aproximadamente 60 novos funcionários, cerca de 90% não são da cidade, promovendo um aquecimento no setor imobiliário.

Outro fator que contribuiu para a valorização dos imóveis em Fraiburgo e região, está associado ao programa social “minha casa minha vida”. A facilidade de aquisição de crédito e os subsídios do governo, promoveram uma grande explosão na comercialização de imóveis. A falta de imóveis gerou uma supervalorização dos mesmos. Em conversa com os proprietários de imobiliárias da cidade, os imóveis tiveram um aumento médio na última década, em cerca 160%. Em algumas áreas, os terrenos que eram comercializados a R\$ 30.000,00, hoje valem R\$ 90.000,00, um aumento de 200%.

O valor do aluguel também cresceu muito na cidade, em conversa com proprietários das imobiliárias, o valor de um apartamento de dois quartos no centro da cidade em 2012 era em torno de R\$ 500,00(mês) e atualmente próximo a R\$ 850,00, tendo um aumento de 70%. Esta valorização, dificulta muito as famílias de baixa renda, que não possuem imóveis, para se manter na cidade. Segundo o IBGE, o índice de pobreza da cidade está próximo a 30% da população, este fator associado ao alto valor do imóvel, vem gerando um processo de favelização na cidade. Apesar de pequeno é notório principalmente no bairro São Miguel (imagem 30).

Figura 30- área invadida no bairro São Miguel – Bairro São Miguel – Fraiburgo - 20/10/2016



Existem inúmeros projetos em fase de aprovação na secretária de planejamento urbano do município. O que nos remete a pensar que as combinações geográficas foram importantes para o desenvolvimento econômico da cidade refletindo na ocupação do espaço a partir de cada uma delas. O crescimento populacional ainda é positivo, muitos dos imigrantes que vem sazonalmente permanecem na cidade, aumentando o déficit. A administração pública atual, pretende fazer uma ampliação do bairro São Miguel, fazendo a fase três, com a ampliação de mais 250 lotes de 240m² e uma área destinada como área industrial, visando atrair novas empresas para a região. Além deste novo empreendimento, temos outros projetos surgindo e outros ainda em fase de aprovação na prefeitura.

Apesar de todo este crescimento urbano em Fraiburgo, alguns fatores auxiliam para ter-se um maior controle da expansão urbana. O aumento da fiscalização por parte da prefeitura, a criação de novos projetos populares, e a redução da contratação do número de trabalhadores sazonais, anteriormente cerca de 10.000 e na atualidade aproximadamente 4.000. A cidade possui 21 bairros (mapa 4), cerca de 35.000 habitantes, sendo o bairro São Miguel o mais populoso com 15.000.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto desta pesquisa foi analisar a origem e evolução das combinações geográficas de Fraiburgo considerando o processo de acumulação e territorialização do capital, focando a ação dos grandes grupos familiares e suas intervenções de caráter econômico e político, com desdobramentos na organização socioespacial da cidade.

Primeiramente chama atenção em Fraiburgo a quantidade de trabalhadores sazonais que chegam todos os anos para a colheita da maçã. Ao rever o tema percebe-se que a migração é um epifenômeno na formação social fraiburguense, resultado da ação de grupos econômicos que determinam a configuração de combinações geográficas (A. Cholley). No caso de Fraiburgo, uma organização da produção que atravessou diversas atividades visando à obtenção de lucros, seja a madeireira, a fruticultura e a de cultivo grãos, em estágio de expansão.

Nesse sentido, restou necessário desvendar a ação desses grupos econômicos, sendo as bibliografias escritas pela família Frey, combinados a dezenas de entrevistas, de grande valia, tornando evidentes as determinantes e os desdobramentos econômicos e sociais do fato de ter se tornado Fraiburgo expoente nacional em setores econômicos, a exemplo da produção de maçã.

Resultou evidente as contradições históricas motivadas pela luta pela terra, pela relação capital-trabalho, pelo uso intensivo de fatores telúricos etc, a exemplo da expulsão dos índios Xoklengs pelos tropeiros, da ocupação de terras devolutas pelos caboclos e o confronto do Contestado, da pressão econômica sobre a natureza, vide a devastação florestal da araucária, da imposição ao trabalhador do paternalismo, da concentração fundiária, da articulação oligárquica com famílias tradicionais de Santa Catarina, em destaque para os Ramos e os Bornhausen.

A família Frey representa o principal responsável pelo surgimento das principais combinações geográficas de Fraiburgo. No início, a busca pela matéria prima os levou de Perdizes para Butiá Verde. Assim surge a primeira combinação, a extrativista. As mudanças na paisagem foram significativas, de uma área de mata fechada, com grandes pinheiros, cedros e imbuías passou a uma área com um pequeno vilarejo de grandes áreas desmatadas, que acabaram se tornando espaços de produção macieira, ou seja, cedendo espaço para nova combinação geográfica.

Igualmente se percebe a ação dos Frey na estruturação dos primeiros equipamentos urbanos de Fraiburgo, na oportunidade sem o apoio governamental, abrindo picadas na mata e

construindo as estradas, as casas dos trabalhadores, a serraria e os primeiros comércios. Pequeno vilarejo na fazenda Butiá Verde, adquirida através de uma parceria com a família Ramos, que formará a parte central da cidade.

A família Frey através de suas Serrarias procurou outras formas de gerar lucro, montou, moinho de trigo, vinícola, comércios, fábrica de papelose, açougue, dentre outras. Tal condição significou o controle da família na região, definidor da instalação de negócios na localidade por todo e qualquer investidor.

A ação econômica da família se espalhou pelo centro dinâmico do país, São Paulo e Rio de Janeiro, vide o envio de seus produtos entre as décadas de 40 e 60 sem custo de frete pela ferrovia RS-SP. Salames, banha de porco e caixas de madeira. Essas caixas eram comercializadas com empresas produtoras de frutas e bebidas. O que capitalizou a família gerando as condições para investimento em infraestrutura, bem como a atração de investidores para Fraiburgo, os senhores Evrard e Marhler, a família Fischer, o grupo Portobello etc. Diga-se de passagem, os Frey utilizaram-se de jogadas de marketing, como a propaganda de terras em grandes jornais do Brasil e do exterior, publicando inclusive em jornais no Japão. Agressivamente, influenciaram a balança comercial brasileira na fruticultura, visto que a maçã era um dos produtos que o Brasil mais importava (2º), inclusive com suporte do governo militar, que investiu e apoiou os empreendimentos dos Frey, cabe destacar a aprovação da extensão da Lei de incentivos fiscais do reflorestamento com Pinus para a plantação de árvores frutíferas. Esse foi um dos fatores que impulsionaram a maçã na cidade e no país.

Constatamos ainda, que outros programas ajudaram a família Frey em seus negócios. O PROFIT – Programa de Fruticultura e Clima Temperado do governo do estado, onde havia um incentivo a pesquisas pelas empresas estatais de Santa Catarina (EMPASC e ACARESC) e a ênfase do governo federal em seu projeto de substituição das importações, aqui já sinalizado. Outros programas como o PLAMEG I e II, possibilitaram a aquisição de empréstimos a juros baixos, investindo assim em maquinários,

Com o surgimento da nova combinação geográfica - a da maçã - Fraiburgo se desenvolve muito, a família Frey acumula cada vez mais capital. A forma escolhida para implantar o negócio é o modelo agroindustrial, onde a família tinha o controle de toda a produção, da implantação dos pomares, colheita, estocagem e comercialização. Com o crescimento desta combinação, novos imigrantes são atraídos. Anteriormente no modelo extrativista os que migravam permaneciam, no modelo frutífero não havia o interesse da família na permanência, tinha-se o interesse apenas na mão de obra barata. A maçã tem seu

auge entre as décadas de 90 até início do ano 2000. Percebemos que associado a este grande crescimento econômico, houve uma expansão urbana considerável, a criação de novos bairros e a ocupação indevida de algumas áreas verdes, o processo de favelização etc. Cumpre aqui mencionar, a criação de novos bairros para amenizar a falta de moradias na cidade e desocupar as áreas verdes, como o bairro São Miguel, que comporta a maior quantidade de habitantes da cidade, cerca de 15.000 dos 35.000 habitantes de Fraiburgo (IBGE 2010). Bairro que nasceu para amortecer a expansão urbana, mas que acabou se tornando área de diversos conflitos sociais e ambientais. Antigos pomares de propriedade de empresas endividadas foram transformados em novos loteamentos e outros se tornaram espaços de produção de grãos.

Os depoimentos coletados durante a pesquisa, remetem a reflexão que houve erro de planejamento das grandes empresas, em destaque as da agroindústria macieira. Desde meados dos anos 2000, as empresas já demonstravam sinais de fraqueza. Queda na produção e aumento dos custos. Vários especialistas apontaram que a solução era certificar pequenos produtores, ou então ainda arrendar seus pomares. Outros alertavam que as empresas não deveriam se preocupar com a quantidade e sim com a qualidade da fruta. Nenhuma das medidas foi tomada, e a cada safra as dívidas das empresas foram aumentando, a concorrência com outros centros produtores - Vacaria e São Joaquim – onde o custo da produção é menor, dificultava ainda mais a situação das empresas, que com tempo foram se descapitalizando para pagar dívidas.

Salientamos que atualmente temos o surgimento de pequenos produtores na cidade. Alguns frutos de um assentamento do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras e outros pequenos produtores que decidem investir no setor. Atualmente parte deles estão sendo certificados por algumas empresas, como exemplo a Fisher. Parte desses, buscam apoio e crédito através do programa governamental “Microbacias”, conseguindo financiamentos para compra de maquinários e até de uma câmara fria.

Quanto ao futuro desta combinação geográfica, a macieira, concluímos que ela está em crise, as agroindústrias em sua maioria estão endividadas. Está dívida foi gerada pelo modelo concentrador, pelas anomalias climáticas nas últimas safras, geadas na época da florada, na safra 2015 e 2016. Segundo os diretores das empresas, caso não acontecesse tal anomalia, seria um ano para recuperar as perdas das últimas safras, tendo em vista que a Rússia demonstrou interesse na compra da maçã catarinense devido à suspensão das importações dos EUA pela crise política envolvendo a questão Síria.

Mesmo com os números apontando para a crise da combinação macieira, há

possibilidade para as agroindústrias e conseqüentemente para Fraiburgo se refazer no segmento macieiro. A cidade possui uma grande estrutura instalada, desde a década de 80, com grandes parkings houses, com câmaras frias e maquinários de última geração. Sendo assim, existe uma possibilidade de a cidade virar uma beneficiadora da produção. A empresa Fisher, já compra grande parte da maçã comercializada de cidades vizinhas. Porém ainda cabe um estudo mais aprofundado, observando o que acontecerá com esta combinação.

É óbvio que outra possibilidade não está descartada, o surgimento de uma nova combinação geográfica em Fraiburgo, a dos grãos. A grande necessidade existente hoje na utilização do milho no meio oeste catarinense, área essa com grandes empresas de porte nacional, o potencial da produção na cidade, associado as vantagens de se produzir grãos, dentre elas citamos a baixa necessidade de mão de obra pela alta mecanização utilizada, a topografia plana, solos adequados a cultura, estão promovendo gradativamente uma mudança na paisagem, os antigos pomares estão virando áreas de produção de grãos. Podemos concluir que A “Terra da Maçã” poderá estar se tornando a “Terra dos Grãos”.

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa atendeu nosso objetivo inicial. Salientando que a pesquisa de forma alguma esgota o assunto das combinações geográficas em Fraiburgo. As ações dos grandes grupos familiares que detém o controle do capital, bem como os acordos e parcerias a serem firmados podem mudar o panorama atual. No decorrer desta pesquisa tudo levava a crer no possível fim da combinação macieira, porém com os dados prévios da última safra, devido as excepcionais condições climáticas, frio acima da média, resultaram numa grande produção. O que nos faz pensar, que o futuro da combinação macieira, é incerto, mesmo com o atual crescimento da produção de grãos em detrimento da produção macieira, mesmo frente às últimas crises enfrentadas no setor, realçando o dinamismo econômico de Fraiburgo.

Desvendar “de onde e como nascem os capitais, que caminhos seguem, que regiões ou localidades os atraem e que atividades vão desenvolver. Em suma, o estudo da distribuição da riqueza e de sua evolução” (P. Monbeig) implica compreender o evoluir histórico dos binômios forma-função e processo-estrutura (J. Tricart), seu papel e valor no processo de acumulação e territorialização do capital, bem como desdobramento social e ambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPM. **Associação Nacional dos Produtores de Maçã**. Disponível em: . Acesso em: 25 maio 2016.

AURAS, M. **Guerra do Contestado: a Organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis**. Ed. UFSC 2001

Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Agência de Porto Alegre. Superintendência de Planejamento. **Cadeia produtiva da maçã: produção, armazenagem, comercialização, industrialização e financiamentos do BRDE na região sul do Brasil**. Porto Alegre: BRDE, 2005.

BARBOSA, L. P.; SIMIONI, F.; CÁRIO, S. A. F. **Evolução da produção de maçã em Santa Catarina: novas estratégias em busca da competitividade**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. Anais...Fortaleza: SOBER, 2006.

BLEICHER, J. **A cultura macieira**. Florianópolis: EPAGRI, 2002.

BLOEMER, Neusa Maria Sens; MENDES, Isackson Luis Cavilha. **Os guarani da aldeia da Conquista (SC): representações e práticas sociais em relação ao poder local e o processo político eleitoral brasileiro**. Cadernos do CEOM– Ano 21, n.29. p. 133-164. Chapecó, 2008.

BONETI, J. I. S., CESA, J. D., PETRI, J. L., HENTSCHKE, R. **Cadeias produtivas do Estado de Santa Catarina: Maçã**. Florianópolis,: EPAGRI, 1999.

BURKE, Thomas Joseph. **Fraiburgo do machado ao computador**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1994.

BRANDT, Marlon. **“Frey” burgo: acumulação de capital no setor macieiro e continuidade política no município de Fraiburgo na década de 1960**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – UNESC: Florianópolis, 2004.

BRANDT, Marlon. **A instalação da serraria René Frey & Irmão na localidade do Campo da Dúvida, atual município de Fraiburgo – SC (1937-1961)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BRANDT, Marlon. **A criação da Sociedade Agrícola Fraiburgo (Safra) e o início da pomicultura em Fraiburgo – SC, na Década de 1960**. Revista Discente Expressões

Geográficas. Florianópolis-SC, n. 1, p. 27-41, jun. 2005.

BRANDT, Marlon. **Uso comum e apropriação da terra no município de Fraiburgo-SC: do Contestado à colonização.** Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

CERQUEIRA, Alves. **A jornada de Taquarussu.** Rio de Janeiro: Nova Edição, 1936, p. 20.

CHANG, M.Y. 1988. **Sistema faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná.** Londrina, IAPAR, 123 p.

CHOLLEY, A. *La Geographie: Guide de l'Etudiant.* Paris: P.U.F, 1951.

CHOLLEY, A. **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos.** In: Boletim Geográfico ano XXII, n 179 mar/abr CNG/IBGE, 1964.

CUNHA, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense: um exemplo para o Brasil.** Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA (EPAGRI). **Adequação da estrutura de armazenagem de maçãs na Região de São Joaquim.** São Joaquim: Epagri, 2008.

ESPÍNDOLA, C. **As Agroindústrias do Brasil: o caso Sadia.** Ed Grifos, 1999.

ESPÍNDOLA, Carlos J. **A gênese das agroindústrias de Carne em Santa Catarina.** In: SILVA, João M. P. e SILVEIRA, Marcio R. (Orgs.). *Geografia econômica do Brasil.* Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2002. p. 140-155.

EVRARD, H. **Entrevista concedida a Marlon Brandt .** Fraiburgo/SC, 13 dez. 2003.

FELISBINO, P. **Voz do caboclo.** Fraiburgo, 2009.

FERREIRA, S **A Formação Socioespacial como orientação teórico-metodológico no Estudo da Rede Urbana Regional.** Uberlândia, UFU, 2011.

FILHO, A. **A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande na formação econômica regional em Santa Catarina.** Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 103-128, jul./dez. 2009.

FREY, Willy. **Fraiburgo: berço da maçã brasileira**. Curitiba: Vicentina, 1989.

FREY, Willy. **Lá nos Frai**. Curitiba: Sépia Editora, 2005.

FREY, Willy. **Reflorestar é a solução**. Curitiba: Sépia Editora, 2003.

GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. E. **Terra e homens: colônias e colonos no Brasil**. Caxias do Sul: Educs, 2005.

GOULART FILHO, A. **A Estrada de Ferro SP-RS na formação econômica regional em Santa Catarina** Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 103-128, jul./dez. 2009.

GUALBERTO, C. L.; CARIO, S. A. F.; DIAS, T. **Estado e planejamento: o plano de metas do governo de Santa Catarina (1961 – 1970) – PLAMEG I e II – enquanto instrumento de política desenvolvimentista**. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 5, n. 3, p. 199-232, 2012.

HUMPHREY, J. & SCHMITH, H. **Governance in global value chains**. Published in IDS, vol. 32, n.3, 2001.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

KLANOVICZ, J.; NODARI, E. S. **Das araucárias às macieiras: transformações da paisagem em Fraiburgo/SC**. Florianópolis: Insular, 2005.

KLANOVICZ, J. **Natureza corrigida: uma história ambiental dos pomares de macieira no sul do Brasil (1960-1990)**. 2007. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

KLANOVICZ, J. **Chuvas de Granizo e desastre nos pomares de maçã catarinenses: produzindo uma agricultura de risco**. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 20, n. 30, p. 67-89, dez. 2013.

LOPES, G. **Glória de Pioneiros- Vale do Rio do Peixe-SC**, 2. Ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1989.

MACHADO, S. M. M. . **As políticas de Estado e a Formação Sócio-Espacial do Meio-Oeste Catarinense: O desenvolvimento Comercial em destaque.** In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2008, São Paulo. O Espaço Não Pára: Por uma AGB em Movimento, 2008. v. Único. p. 1-13.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires, MACCHIAVELLO, Fiorella. **Acumulação Mundial e Imigrações: Uma Perspectiva Latino-Americana. Relatório final de atividades,** Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciências Econômicas, Florianópolis, Brasil, 2006. Mimeografado.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudo geográfico das indústrias de Blumenau.** Revista Brasileira de Geografia, v. 27, n. 3, p. 489-483, jul.-set.1965.

MAMIGONIAN, Armen. **Vida regional em Santa Catarina.** Orientação. n. 2. São Paulo: IG-USP, set. 1966.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: **Boletim do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente:** Presidente Prudente, 1969.

MAMIGONIAN, Armen. **Industrialização de Santa Catarina.** Atlas de Santa Catarina. Florianópolis: GAPLAN, 1986

MAMIGONIAN, Armen. **Introdução ao Pensamento de Ignácio Rangel.** In: REVISTA GEOSUL (UFSC), Florianópolis, v. 02, n. 03, 1987

MAMIGONIAN, Armen. Teorias sobre a industrialização brasileira. In. **Cadernos Geográficos,** n. 2, Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2000

MARX & ENGELS. “**Manifesto do Partido Comunista**”. In: Obras Escolhidas, Tomo I. - Lisboa: Edições Avante, 1982.

MARX, Karl. **O capital.** Livro I, v. II. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

MARQUES, V J – **Memórias de Fraiburgo,** Curitiba: 2011.

MATTOS, Fernando Marcondes de. **Santa Catarina: Nova Dimensão.** Florianópolis: Lunardelli, 1973. 448 p.

- MONBEIG, Pierre. **Novos Estudos de Geografia Humana e Brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957
- MONBEIG, Pierre. **O estudo geográfico das cidades**. *Boletim Geográfico*, IBGE. ano 1, nº 7, p. 7-29, outubro de 1943.
- NEVES, M. F., et al. **A cadeia Agroindustrial da maçã no Brasil**. São Paulo, 1992. (mimeo).
- NODARI, E.S. 2009. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 222 p.
- PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PEREIRA, L. B.; SIMIONI, F.; CÁRIO, S. A. F. **Evolução da produção de maçã em Santa Catarina: novas estratégias em busca da competitividade**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. Anais... Fortaleza: SOBER, 2006.
- PETRI, J. **Avanços da Cultura Macieira no Brasil**. *Rev. Bras. Frutic.*, Jaboticabal - SP, Volume Especial, E. 048-056, Outubro 2011.
- RANGEL, Ignácio. **Dualidade básica da economia brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.
- RANGEL, Ignácio. **História da dualidade brasileira**. *Rev. Ec. Política*, 1981.
- RATHA, Dilip. **As remessas para o desenvolvimento. Resumo de Política**. Washington, CC: Instituto da política da migração, Jun. 2003. Disponível em: . Acesso em 24 set. 2015.
- Santa Catarina. Governador Ivo Silveira. **Projeto de fruticultura de clima temperado**. Florianópolis, 1970.
- SANTANA, E. **Órfãos a abolição. Tráfico de trabalhadores e trabalho escravo**. Fortaleza. Imprensa nacional. 1993.
- SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**, *Boletim Paulista de geografia*, nº 54, 1977.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, Ivan Carlos. **Os índios Xokleng em Santa Catarina**. Blumenau: IFC 2015.

SILVA, Marcos Aurélio. Desenvolvimento Regional e Urbano Catarinense no contexto sul-brasileiro. Notas a partir da teoria marxista das transições. **Estudos de geografia econômica e social/ Armen Mamigonian**. CGN/CFH UFSC 2011.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil** São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SCHIMIDT, W. **O setor maceiro em Santa Catarina: formação e consolidação de um complexo agroindustrial**. 1990. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Itaguaí, Rio de Janeiro, 1990.

SCHIMIDT, W. **O Brasil no mercado internacional de maçã: uma intenção sempre determinada pela lógica do mercado interno**. In: Congresso brasileiro de 40 fruticultura (15.;1998: Poços de Caldas - MG) Conferências Parte II do 15. Congresso Brasileiro de Fruticultura - Lavras: UFLA, 1998.

SIMIONI, F. J., PEREIRA, L. B. **Desempenho da produção brasileira e catarinense de maçã: crescimento, concentração e exclusão**. In: PEREIRA, L. et al.(Org.). Padrão produtivo e dinâmica econômica competitiva: estudo sobre setores selecionados em Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2001.

THOMÉ, Nilton. **Os índios no espaço livre do Contestado**. Caçador, 2005.

USHIRO ZAWA, K. **A cultura da maçã**. Florianópolis: EMPASC, 1979.

VALENTINI, Delmir. **Atividades da Brasil Railway Company no Sul do Brasil. Porto Alegre, 2009.**

VIEIRA, Maria Graciana. Notas sobre a gênese das formações sócio espaciais do planalto catarinense. **Estudos de geografia econômica e social/ Armen Mamigonian. CGN/CFH UFSC 2011.**

ZIOLKOWSKI, G. **Fraiburgo marcos da história.** Fraiburgo. 2011